

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

Orientado por:
Professor Arquitecto Carlos Nuno Lacerda Lopes

Volume I de *Construir no Construído*
Autor: Mónica Daniela Ribeiro Pacheco
Dissertação de Mestrado Integrado
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Orientador: Professor Arquitecto Carlos Nuno Lacerda Lopes
Ano 2012/2013
Texto escrito com o mais recente acordo ortográfico

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

VOLUME I

VICISSITUDES DO HABITAR NA CONTEMPORANEIDADE

“La semplicità è la sofisticazione suprema”

Leonardo da Vinci

Agradeço à família pelo apoio durante os meus anos de estudo.

Agradeço aos amigos por fazerem parte do que eu sou hoje.

Agradeço aos Professores por partilharem os seus conhecimentos comigo ao longo destes anos.

Agradeço em particular ao Prof. e Arq. Nuno Lacerda a inspiração, a orientação e a disponibilidade,

ao Filipe, Manuel e Isabel Pacheco pela oportunidade de construir o meu primeiro projecto,

à Inês Figueiredo pela magnífica ajuda e partilha de informação,

à Inês Carvalho pelas palavras de última hora,

à Kitty pela companhia em todas as horas de trabalho.

index book 1

Book I**Introduction** a

Introduction 0

Abstract 1

**Understanding of the historical development
of urban areas** b

Urban Cultural Heritage 2

Dwell 3

Housing 4

Housing in the historical centers 5

Decay of the historical centers 6

City of Oporto c

Oporto, a case of study 7

Oporto's Housing 8

Type of bourgeois' housing 9

Contextualization 10

Oporto's people – analysis of the population 11

The reflexion of the society in the ways of dwelling 12

Conclusion d

The most convenient housing 13

The problem in cities 14

New issues - opening for book II 15

**Book II - Methods and strategies for intervention in current
construction of the XXI century in Oporto's XVIII century**

Volume I**a Introdução**

0 Introdução	11
1 Resumo	13

b Compreensão do desenvolvimento dos núcleos urbanos históricos

2 Património Cultural Urbano	16
3 Habitar	18
4 Habitação	19
5 Habitação nos centros históricos	20
6 Decadência dos centros históricos	22

c Cidade do Porto

7 Porto, um caso de estudo	26
8 Habitação portuense	27
9 Tipologia da habitação burguesa	28
10 Contextualização	30
11 Sociedade portuense – análise da população	34
12 Reflexo da sociedade na forma de habitar	38

d Conclusão

13 A habitação mais conveniente	44
14 O problema nas cidades	46
15 Novas questões – abertura para o volume II	47

Volume II - Metodologias e estratégias de intervenção numa construção corrente do século XXI no Porto do século XVIII	49
--	----

0 introduction

A história tem um papel fundamental na arquitetura, não só para se compreender o presente mas, principalmente, para se compreender como se desenvolverá o futuro. Ao analisar as transformações na história de um país, é possível compreender as alterações que esta impulsionou na arquitetura de uma cidade.

O processo de ocupação e crescimento urbano gerou, em muitas metrópoles o esvaziamento e degradação do seu património urbano, resultando numa redução acentuada do número de moradores. Consequente e atualmente, deparamo-nos com a existência de muitos imóveis abandonados, que levaram à criação de outras centralidades.

O entendimento das transformações desencadeadas nos centros históricos ao longo do tempo, elaborado por uma breve análise sobre centros históricos, bem como sobre os valores habitacionais numa sociedade atual, permite reunir informação para a criação de bases conceptuais numa intervenção em património cultural urbano.

Um dos elementos que é responsável por mais caracterizar os centros históricos das cidades é o conjunto de edificado que suporta na sua maioria a função habitacional. São estas estruturas físicas que, pela sua fisionomia, características, traços histórico-arquitetónicos, distintos e identificáveis, dão forma e volume ao espaço identificado como património histórico e cultural. Apresentam determinadas características de cidade para cidade, país para país, no entanto é possível determinar o fator mais comum e urbanisticamente mais importante em inúmeras cidades, nomeadamente a consolidação dos quarteirões. Estes, por sua vez, ao criar um aparente elemento maciço, unificam as ruas e espaços públicos num conjunto urbanístico, que pelo seu teor aleatório de características arquitetónicas tornam estes centros históricos numa atração populacional e turística incapaz de ser repetida atualmente.

As fachadas destes edificados assumem um papel fundamental na paisagem do espaço público, porque para além de serem um dos elementos mais visíveis e de maior impacto, a definição dos limites da rua depende em muito do grau de relacionamento do alçado dos edifícios com o espaço público, e não só promove o sentido de contenção e orientação, como permite a definição física do domínio público.

É com esta informação, onde se identifica os principais valores urbanos numa cidade, que através de uma primeira análise, se procura justificar a degradação física presente nos centros históricos de muitas cidades, muitas vezes relacionada com a mentalidade da sociedade em questão, pelo que é imprescindível entender os seus valores atuais, estilo de vida, forma de pensar, como método de procurar um equilíbrio entre um património físico do século XVII, XVIII e XIX e a sociedade atual.

No entanto, centros históricos de inúmeras cidades têm progressivamente assistido a uma degradação das suas estruturas urbanas, resultante não só do envelhecimento próprio, como também dos efeitos numa sociedade contemporânea.

0 introdução

A reabilitação torna-se importante, pois acaba por ser uma forma de recuperar o que já se perdeu. No entanto, a mentalidade da sociedade do presente não apresenta o mesmo estilo de vida que a sociedade burguesa apresentava, consequentemente a reabilitação passa também por um processo de análise das novas formas de vida, do novo conceito de casa e das novas prioridades numa casa, adaptadas ao lote parcelar do típico quarteirão burguês do centro histórico do Porto.

Assim o objetivo de esta dissertação passa por compreender não só de que forma o arquiteto deve ou não respeitar os traços históricos duma cidade como o Porto, mas também pretende incidir na clara mudança da vivência da sociedade que tem assumido outras prioridades, interferindo assim com a tipologia habitacional presente e futura.

Partindo de uma aproximação abrangente, em termos de pensamentos e práticas do habitar da sociedade contemporânea (volume I), por outras palavras, ao analisar a atual maneira de pensar, pretende-se reunir pontos de partida para o estudo sobre o conceito de casa, usando como exercício prático um exemplo de reabilitação de uma casa burguesa no centro histórico do Porto, uma proposta de conciliação entre os atuais valores habitacionais e os edifícios da época burguesa, que concilia os novos estilos de vida de estudantes e recém-formados, numa faixa etária dos 18 aos 35 anos, à casa burguesa portuense, explorada no volume II desta dissertação.

Analisando o centro histórico da cidade do Porto, depara-se com uma imprescindível necessidade de desenvolver processos de recuperação urbana, em muitos dos espaços edificados que constituem parte deste núcleo citadino. Uma vez que se trata de um centro histórico, está implícito que se deve preservar ao máximo as suas características, principalmente a um nível exterior, pois representa a zona do edifício que está sujeita a uma inserção urbanística, a um cuidado diferente no tratamento arquitetónico, e a determinadas regras estipuladas pelos responsáveis governamentais da cidade e do país em questão. Contudo, são muitas as características interiores que refletem o valor histórico dum edifício, como : claraboia, caixa de escadas, rodapés, portadas de madeira, vigas de madeira, entre outros, responsáveis pela identidade duma época. Assim, uma intervenção nestes edifícios será vista como uma atitude de inclusão do novo no interior do invólucro antigo.

O projeto envolve a realização de levantamentos de dados prévios, durante e após a conclusão da intervenção. Tornando possível compreender todo o processo de criação da proposta. Incide sobre uma procura em conciliar a tradição cultural local e o atual estilo de vida contemporâneo, tentando resolver o problema urbano relacionado com a degradação e, por sua vez, falta de condições do património urbano dos centros históricos em acolher uma população que procura cada vez mais viver no núcleo duma metrópole.

1 abstract

The historical centers reflect the urban heritage of a city filled with places characterized by those who dwell or dwelt. It is the interpretation that society gives to a place that transforms it in a unique and unable landscape to be repeated anywhere in the world.

With a brief analysis and understanding of the evolution of the historic centers aims to bring together foundations for a study on the current and future society, which has been identified with different values and lifestyles of previously designated as traditional.

This research uses a case study of Oporto, a bourgeois city, located in the north of Portugal, in the periphery of Europe, carried by people known as workers, since its inception, this gives characteristics to the buildings currently considered as cultural heritage urban.

There are several urban problems of today, whose complexity requires intensive study, however, it is possible to identify in a city like Porto the problem of degradation of the urban heritage, which has deteriorated the image of a city very characteristic. This issue has been presented as a priority for the city, thus contributing to rehabilitation actions and reconstruction of buildings, blocks and degraded public spaces. This requires research on the experiences of the contemporary individual, in order to frame a space markedly history with the housing needs currently required by the city's inhabitants.

Thus, not only sets up a contextualization that allows us to understand the phenomenon of evolution of bourgeois domestic space, as well as a study of housing trends of the individual who inhabits the current city:

“Its inhabitant appears to be an individual who lives mostly alone, which groups may be in various formats family that communicates remotely with the networks to which it belongs, who works at home but requires public facilities to meet with each other, seeking his identity through contact with the information. What has to say on this architecture framework (...)? According to what criteria will be formulated new proposals for the design of this space? “

Marcelo Tramontano; “Habitação, hábitos e Habitantes: Tendências contemporâneas metropolitanas”

1 resumo

Os centros históricos refletem o património urbano de uma cidade, repleto de lugares caracterizados por quem os habita ou habitou. É a interpretação que a sociedade dá a um lugar que o transforma e o constitui num espaço único e incapaz de ser repetido.

Com uma breve análise e compreensão da evolução dos centros históricos pretende-se reunir bases para um estudo sobre a sociedade atual e futura, que se tem vindo a identificar com diferentes valores e estilos de vida dos designados até então como tradicionais. Esta pesquisa utiliza como caso de estudo a cidade do Porto, uma cidade burguesa, localizada no norte de Portugal, na periferia da Europa, protagonizada por um povo trabalhador que transportou, desde o seu início, essa característica para os edifícios considerados atualmente como património cultural urbano.

Actualmente, vários são os problemas urbanos, cuja complexidade requer estudos intensivos, no entanto, é possível identificar numa cidade como o Porto o problema da degradação do património urbano, que tem vindo a deteriorar a imagem duma cidade muito característica. Esta problemática tem-se apresentado como um tema prioritário para a cidade, contribuindo assim para ações de reabilitação, requalificação e reconstrução dos edifícios, quarteirões e espaços públicos degradados. Para tal é necessário uma pesquisa sobre as vivências do indivíduo contemporâneo, de modo a enquadrar um espaço físico marcadamente histórico com as necessidades habitacionais exigidas pelos habitantes da cidade.

Assim, enuncia-se não só uma contextualização que permite compreender o fenómeno de evolução do espaço doméstico burguês, como também um estudo sobre tendências habitacionais do indivíduo que habita a cidade atual:

“Seu habitante parece ser um indivíduo que vive, principalmente, sozinho, que se agrupa eventualmente em formatos familiares diversos, que se comunica à distância com as redes às quais pertence, que trabalha em casa mas exige equipamentos públicos para o encontro com o outro, que busca sua identidade através do contacto com a informação. O que tem a dizer a Arquitetura diante deste quadro (...)? Segundo quais critérios serão formuladas novas propostas para o desenho deste espaço?”

Marcelo Tramontano; “Habitação, hábitos e Habitantes: Tendências contemporâneas metropolitanas”

b

UNDERSTANDING OF THE HISTORIC AL DEVELOPMENT OF URBAN AREAS

b

COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO DOS NÚCLEOS URBANOS HISTÓRICOS

2 Património Cultural Urbano

“Os edifícios acompanham a humanidade desde sua pré-história. (...) A necessidade humana de morar é permanente. A arquitetura jamais deixou de existir. Sua história é mais longa que a de qualquer outra arte, e é importante ter presente a sua influência em qualquer tentativa de compreender a relação entre as massas e a obra de arte.”

BENJAMIN, Walter. (1985) “Obras escolhidas.” São Paul: Brasiliense.

O mundo em que vivemos dedica uma enorme atenção ao espaço urbano representativo da história e evolução da cidade em concreto, tendo como exemplo as cidades Europeias que muito se caracterizam pelo teor histórico que sustentam. Estes centros históricos não passam apenas por aglomerados de quarteirões de edificados históricos, mas também por patrimónios socioculturais, artísticos, linguísticos e humanos que constituem a memória de uma cidade. Não são apenas as áreas mais antigas da cidade, mas também um centro de testemunhos de várias épocas, que perduram nas ruas e edifícios dando nos uma dimensão temporal da vida de uma cidade.

Desde que começaram apenas por ser pequenos aglomerados, que as cidades são o produto das sociedades responsáveis pela sua evolução física e também cultural.

Este núcleo corresponde assim ao centro funcional tradicional das cidades, sendo definido pelo seu poder de atração sobre os habitantes e turistas como foco polarizador da vida económica e social.



Fig. 1

Fig. 1 - Centro histórico Bolonha, Itália [Foto do autor]

Fig. 2 - Centro histórico Copenhaga, Dinamarca [Foto do autor]



O tema do centro histórico duma cidade já foi e certamente continuará a ser debatido a nível mundial, sendo exemplo disso o documento da “Recomendação de Nairobi” que defende que *“os conjuntos históricos e o seu enquadramento formam um património universal insubstituível e que a sua salvaguarda e integração na vida coletiva (...) devem constituir uma obrigação para os governos e para os cidadãos dos Estados em cujos territórios se encontram”*.

Todo este património, que acaba por ser o cartão-de-visita de uma cidade, encontra-se mais vulnerável e por sua vez, requer uma manutenção e preservação cuidadosa dos seus valores históricos, a qual conhecemos por reabilitação. No entanto, tal não impede que se reconheça a necessidade de uma requalificação da maioria destes espaços, e sobretudo da sua (re)inserção no contexto urbano e cultural.

3 Habitar

“Nós temos usado a palavra ‘habitar’ para indicar a relação total homem-meio. [...] Quando o homem habita, ele está simultaneamente locado no espaço e exposto a um certo caráter ambiental. As duas funções psicológicas envolvidas, podem ser chamadas “orientação” e “identificação”. Para ganhar o suporte existencial o homem tem que ser capaz de orientar-se; ele tem que saber onde ele está. Mas também ele tem que identificar-se com o meio, isto é, ele tem que saber como ele está num certo lugar”

NORBERG-SCHULZ, Christian. (1980) “Genius loci. Towards a phenomenology of architecture”, Academy Editions, Londres.



Fig. 3

São inúmeros os conceitos de habitar que foram surgindo ao longo da história, por exemplo, segundo o atual dicionário português consiste em “residir ou viver em, morar em, ocupar, povoar”. O significado de habitar é abordado com muita complexidade, sendo base de muitos debates e por sua vez de muitas teorias na arquitetura. Habitualmente relacionado com a forma como se vive ou mora um certo lugar, é quase sempre associado a uma ideia de rotina, de intimidade, de domesticidade.

Porém, é muito mais do que um simples espaço físico, limitado por paredes que separam o público do privado, daí a complexidade e diversidade que este conceito abrange. A função primordial que está implícita no habitar requer um refletir das características e personalidade de quem o faz. Ao habitar o homem procura “*construir um lugar, prolongar-se a si mesmo sobre o lugar para que ele responda como um eco às nossas ações e pensamentos*”¹ definindo-o com as suas expectativas, esperanças, memórias e necessidades, que por sua vez são responsáveis pela criação de um espaço único e impossível de repetição, mas que se estabelece por uma atitude repetitiva das ações diárias a que chamamos rotina.

1 - FUERTES, Magda Maria. “As formas de habitar. Arquitectura Ibérica nº2”, p. 6.

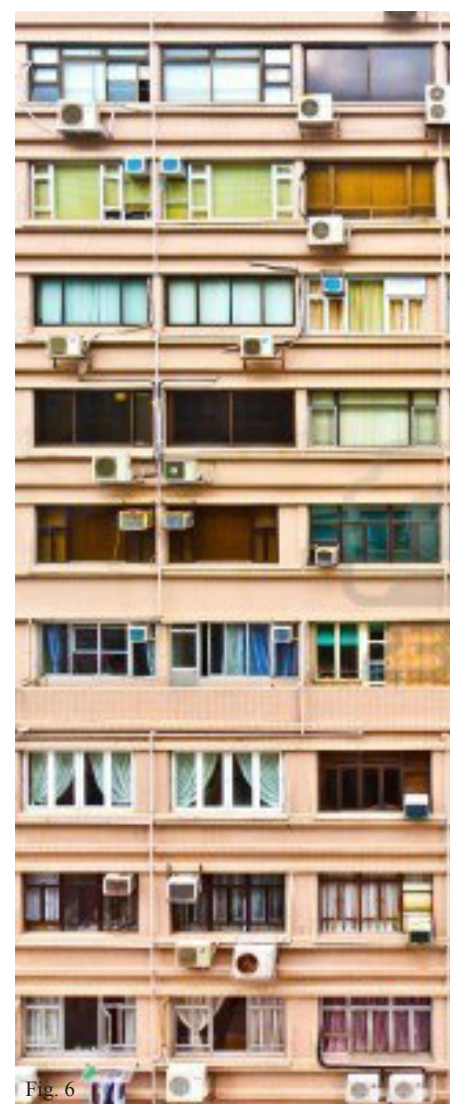
4 Habitação

“Habitar e habitação são duas faces de um mesmo fenómeno: há uma mútua dependência, uma circularidade entre ambas, e a arquitectura deve sempre considerar-se simultaneamente nesta dupla vertente”.

NAVARRO BALDEWEG, Juan (2001) “La habitación vacante”, ed. pre-textos, Girona, p. 13.

Habitar está diretamente associado à ideia de pertença um lugar (que nem sempre necessita de pertencer legalmente à pessoa em concreto), no qual se concretiza o processo de “habitus” (hábito), que não só se caracteriza pela ideia de rotina, mas também pela transformação do espaço num lugar íntimo, pessoal. Este lugar, denominado de casa, sempre foi desde o seu primeiro modelo, uma espécie de refúgio, de proteção do exterior, do espaço a que todos tem acesso, e apesar de este conceito parecer ser levado ao extremo, pois a ideia de proteção e refúgio poderem ser demasiado fortes, encontra-se uma verdade literal nestas palavras, mesmo que o ser humano nem sempre o mostre diretamente. Uma casa deve ser, acima de tudo, o lugar de cada um.

“As casas de hoje terão de nascer de nós, isto é terão de representar as nossas necessidades, resultar das nossas condições e de a série de circunstâncias dentro das quais vivemos, no espaço e no tempo.”²



De facto, o conceito de habitação evolui de acordo com as alterações na mentalidade da sociedade, uma vez que ela vive de acordo com o estilo de vida da humanidade, que gradualmente sofre alterações, provocando assim um constante ajustamento do conceito de habitar/habitação.

Fig. 3 - Espaço de convívio, Bolonha, Itália [Foto do autor]

Fig. 4 - Cultura japonesa, Foto do Filme “Tokyo Story”, 1953, Japão

Fig. 5 - Ndebele Tribo, África do Sul [Google]

Fig. 6 - Fachada representativa de muitos edifícios em grandes cidades [Google]

2 - TAVORA, Fernando. (1947) “O problema da Casa Portuguesa. Cadernos de Arquitectura.” Editorial Organizações Lda. Lisboa, p.9.

5 Habitação nos centros históricos

“...Os centros históricos tocam no sentido em que, por trás das suas fachadas mais exuberantes, ressoam, alternam ritmos e cadências inconstantes, emitem sons, cores e odores que obrigam o investigador a escolher entre vários rumos possíveis da pesquisa e a concluir que não há um, mas sim vários centros históricos ao dobrar de cada esquina nas áreas urbanas antigas”

PEIXOTO, Paulo Jorge Marques (2006), “O passado ainda não começou. Funções e estatuto dos centros históricos no contexto urbano português”, T.D. em sociologia. Coimbra: Faculdade de Economia da U. Coimbra.

As cidades enquadram hoje a vida de grande parte da população, e têm vindo ao longo do tempo a sofrer fortes alterações ao nível das suas estruturas, forma e funções, desempenhando sempre um papel de elevada importância a vários níveis.

Apesar de transitarem duma vida agrícola e industrial para uma maioritariamente gerida pelos serviços, criando modificações profundas na sua estrutura, os centros históricos mantiveram preservadas muitas das suas características simbólicas, memoriais, patrimoniais, urbanísticas, arquitetónicas identitárias e sociais (características estas que, a não ser que sejam preservadas, não são recuperadas na maioria das vezes).

Assim, considerados hoje em dia como o valor patrimonial de uma cidade, foram em tempos o ponto de maior concentração de população a residir. Apesar de atualmente esse facto já não corresponder à realidade, antes da revolução dos transportes, do “explodir” das redes imobiliárias, os centros históricos eram as únicas áreas que possibilitavam as melhores condições de vida e acesso a todas as necessidades populacionais.

A mobilidade reduzida era o principal fator para esta concentração populacional, uma vez que por todas as atividades e funções estarem localizadas nestes pontos, era impraticável procurar habitação fora dessas áreas. Esta falta de interesse pelos arredores urbanos retardava a expansão urbana, valorizando ainda mais os centros históricos das cidades.



Fig. 7 - Centro histórico Roma, Itália [Foto do autor]



6 Decadência dos centros históricos

A partir dos anos 50, as cidades deparam-se com um fenómeno de progressiva desertificação dos núcleos históricos devido à rápida suburbanização, associada ao êxodo rural. “*Os cidadãos desinteressados da residência nas áreas antigas e desejosos de possuir uma casa moderna nas novas urbanizações*”³ provocam um crescimento das áreas rurais, e em contrapartida os centros históricos que antes eram concentrações de população perdem o interesse por parte da população tanto a nível residencial como a nível de investimentos. O número de habitações vagas aumenta, os preços e rendas baixam, e o cuidado que até então existia por parte dos moradores em preservar esses centros desaparece, provocando uma degradação notória da imagem da cidade histórica.

A estes centros históricos, “*habitados por população envelhecida e de fracos recursos, de quem não se pode esperar também ação muito vigorosa (...) soma-se os proprietários queixosos de fraco rendimento que obtêm*”, “*a grande densidade habitacional aí existente e o natural desejo das famílias disporem de casas maiores ou de moradias independentes com jardim*”⁴ tornam as zonas da periferia mais apetecíveis para a população.

Este fator sente-se com mais intensidade a partir dos anos 70, quando a evolução da indústria dos transportes e comunicações acabam por fomentar a separação entre o local de trabalho e o da residência, provocando importantes alterações na organização económica e social na estrutura da cidade. A composição e funções das áreas históricas são profundamente alteradas, provocando uma emergente preocupação com o seu futuro. Por um lado, as metrópoles e as cidades alongaram-se, novas morfologias urbanas aparecem, e o eventual crescimento das centralidades periféricas é iminente, contudo os limites das cidades são cada vez mais indefinidos e invisíveis, perdendo-se a centralidade radial até então existente.

3 - BARATA, Teresa Salgueiro (1992), “A cidade em Portugal: Uma geografia urbana”, Edições Afrontamento, Porto, p.385

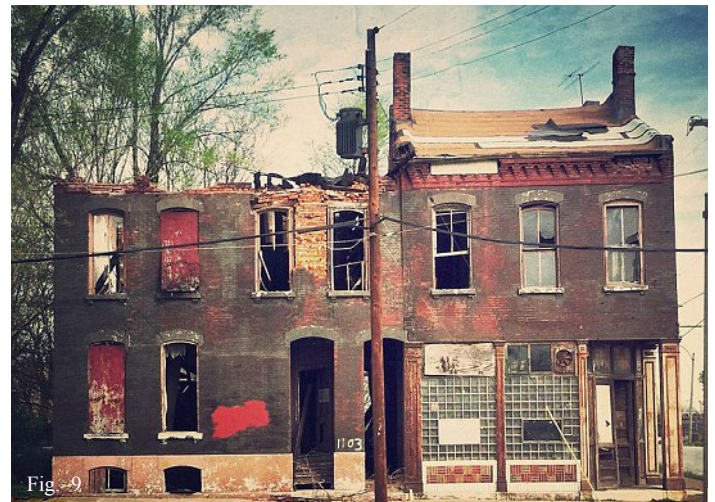
4 - BARATA, Teresa Salgueiro (1992), “A cidade em Portugal: Uma geografia urbana”, Edições Afrontamento, Porto, p.386,387

Fig. 8 - Centro histórico Paris, França 1980 [Google]

Fig. 9 - Missouri, U.S.A. [Fotógrafo Demond Meek]

Fig. 10 - Centro histórico Porto, Portugal 2010 [Foto do autor]

Fig. 11 - Centro histórico Barcelona, Espanha 2006 [Fotógrafo Jaume Ventura]



A degradação dos centros históricos aumenta pois a falta de poder de compra impede a pouca população que ainda lá habita (muitos deles por serem os proprietários das habitações) de manter um nível de conservação dos edifícios adequada.

Atualmente muitos dos edifícios históricos em algumas cidades em crescimento ainda apresentam severos problemas no que respeita as condições básicas de alojamento e saneamento, o que exige um gasto elevado na sua reabilitação, sendo razão para muitos dos proprietários optarem pelo abandono do edificado.

“Nos conjuntos históricos ou tradicionais que possuírem elementos de vários períodos diferentes, a ação de salvaguarda deveria levar em consideração as manifestações de todos esses períodos.” Recomendação de Nairobi



É imprescindível uma reabilitação preservando os traços arquitetónicos dominantes, de forma a promover a captação de residentes e a valorizar o património cultural e histórico da cidade, tentando conter a fuga de população, diversificando a base económica e desenvolvendo novas atividades, valorizando e qualificando os espaços tanto públicos como privados, tornando-os mais atrativos.

C

CITY OF OPORTO

C

CIDADE DO PORTO

7 Porto, um caso de estudo

“O Porto é o lugar onde para mim começam as maravilhas e todas as angústias.”

Sophia de Mello Breyner



Analisando a história, evolução e desenvolvimento das grandes cidades europeias, saltando temporalmente para a contemporaneidade, poder-se-á concluir que estas são resultado da revolução industrial, do capitalismo e, mais recentemente, da globalização. Apesar de cada uma ter a sua identidade histórica caracterizante do espaço urbano, todas as grandes metrópoles estão de uma forma ou de outra ligadas às transformações socioeconómicas e culturais dos últimos séculos, nomeadamente relativas ao capitalismo. Por outras palavras, a população é atraída pela vitalidade e oportunidade, que só uma metrópole com tendência de crescimento pode oferecer (ofertas de emprego, cultura, educação, cosmopolitismo).

Avaliando as diversas cidades de Portugal em função dos seus aspetos fundamentais, e levando em consideração o facto de o conhecimento não se adquirir não só pela pesquisa e estudo, mas também pelas experiências e vivências, optou-se pela região norte de Portugal, nomeadamente a cidade do Porto, pela sua qualidade histórica singular.

8 Habitação portuense

Fig. 12 - Centro histórico Porto, Portugal 2013 [Foto do Autor]



A cidade do Porto, reconhecida cada vez mais a nível mundial pelas suas características singulares, é caracterizada em grande parte pelo seu forte caráter social e comunitário, e pela arquitetura repleta de riqueza histórica transmitida pela permanência temporal dos seus aspetos fundamentais. Apesar de, comparando com as grandes capitais europeias, não ser constituída por abundantes palácios e monumentos, emerge a dimensão temporal de várias épocas, prevalecendo daí a sua riqueza arquitetónica.

No Porto, o tipo de obra arquitetónica que foi servindo de resposta aos sucessivos fluxos populacionais provenientes da deslocação da mão-de-obra para a cidade, e que agora faz parte do grupo de características mais marcantes da cidade, é a casa do burguês mercador ou artífice, atualmente reconhecida como a típica casa burguesa portuense.

A casa típica do Porto teve origem dentro das muralhas da cidade, criando um núcleo histórico que ao longo dos séculos se foi ampliando para fora destas. Desde os tempos primórdios que a demonstração do poder é algo fundamental para ser humano, demonstrado muitas vezes

Assim, ao espelhar o poder social e económico de cada proprietário, a casa burguesa mantinha no entanto as tradicionais características da habitação unifamiliar, que ainda hoje prevalecem no núcleo histórico da cidade e que tem vindo cada vez mais a ser um valor fundamental a proteger e a manter na arquitetura da baixa portuense.

“O velho centro do Porto, ao lado do burgo medieval, que se espraia aqui e além em belas ruas quinhentistas, e as suas imediações (...) na sua maioria com três ou quatro, fora os acréscimos, e não raro com cinco e mais, e com duas ou três janelas de frente, raramente com mais, e às vezes só com uma – mas todas elas uniformemente esguias, estreitas e altas, desenvolvendo-se, numa palavra, em solução vertical;”

OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, (1986), “Casa esguias do porto e sobrados do recife” Pool. Ed., Recife

9 Tipologia da habitação burguesa

“Basta olharmos para uma qualquer rua dos séculos que estamos a tratar para constataremos que a uniformidade dos alçados das suas casas se deve à sistematização dos elementos que constituem o sistema construtivo desses alçados e consequentemente da sua arquitetura.”

TEIXEIRA, Joaquim José Lopes – Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX - Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica [...]. Porto: FAUP, Outubro de 2004

A casa burguesa é o modelo de habitação corrente que faz o conjunto urbano do centro histórico do Porto caracterizado pela planta estreita, contrariado pelo elevado número de pisos e por sua vez, pela imprescindível caixa de escadas.

Entre muitas, estas são as principais características que serviram de base construtiva da grande maioria dos edifícios habitacionais não só no Porto, mas também em muitas regiões periféricas pelo norte de Portugal. Para os autores Ernesto Oliveira e Fernando Galhano, *“(...) a casa estreita e alta, que, na sua forma e sentido originários, além de derivar das construções próprias dos burgos amuralhados ou, de um modo geral, dos locais onde se verifica a necessidade ou a conveniência do adensamento da população em áreas limitadas, constitui um tipo híbrido funcional de residência urbana e estabelecimento comercial ao mesmo tempo, referidos à mesma família, estritamente utilitário (...)”*⁵.

5 - OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, (1986), “Casa esguias do porto e sobrados do recife” Pool. Ed., Recife

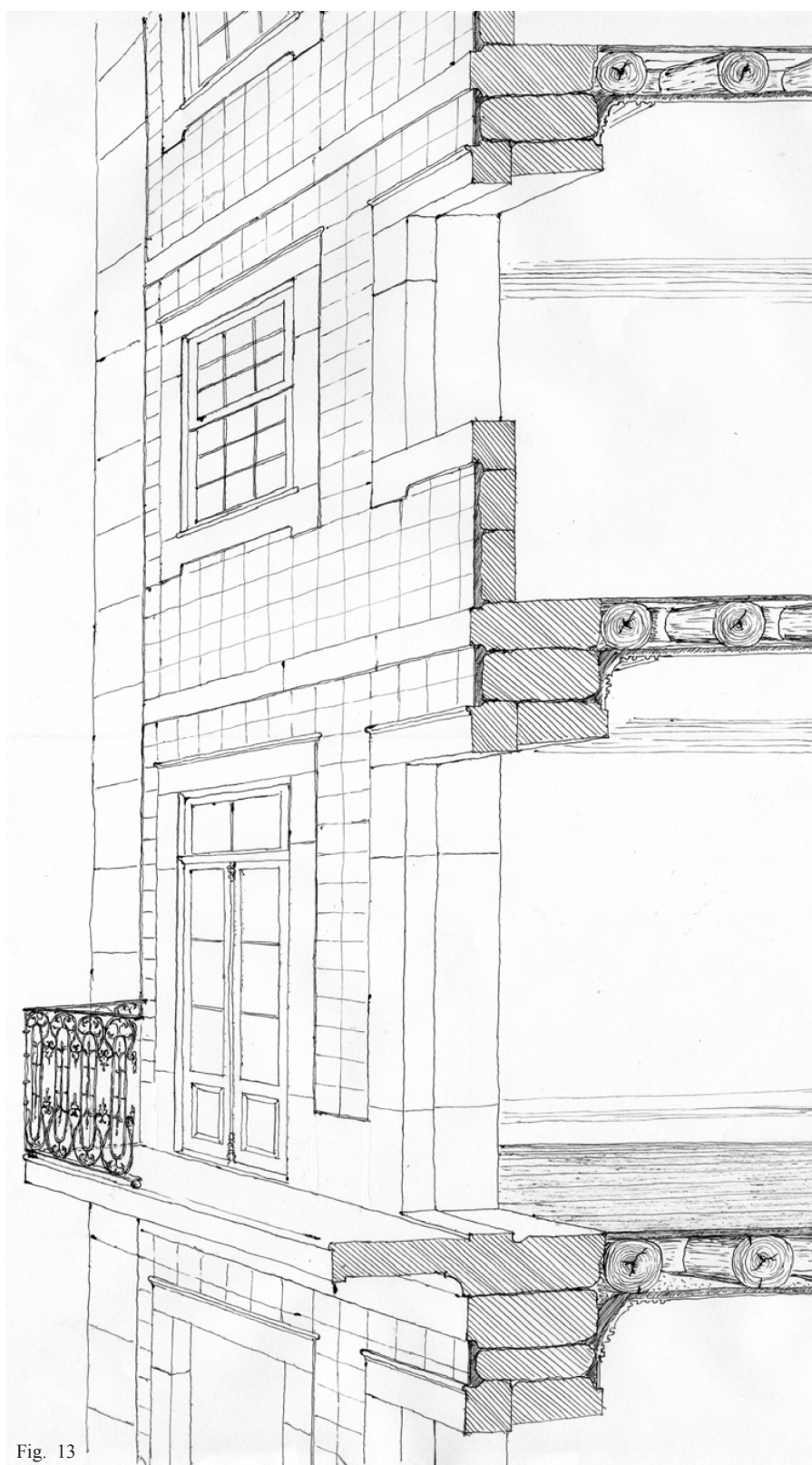


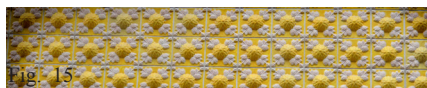
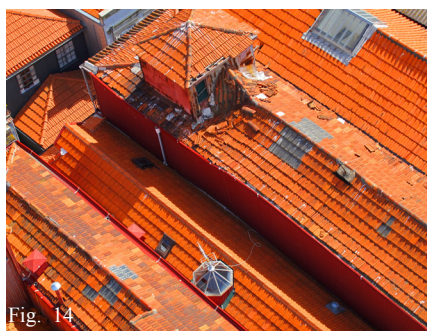
Fig. 13

Fig. 13 - Figura 32 do TEIXEIRA, Joaquim (2004), “Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX”, Trabalho Académico, FAUP, Porto
 Fig. 14 - Coberturas casas burguesas Porto [Foto do autor]

Fig. 15 e 16 - Azulejos usados como revestimento de fachadas [Fotos do autor]

Fig. 17 - Alçado típico das casas burguesas do Porto, zona Ribeira [Foto do autor]

Fig. 18 - Contraste do edificado histórico com a extensão da cidade [Foto do autor]



Geralmente apresentam-se com três a cinco pisos que, conjugados com a planta estreita duma frente de cinco a sete metros, criam a aparente noção de um edifício muitas vezes desproporcional, na medida em que a altura não corresponde à largura, no entanto, enquanto conjuntos urbanos, na forma de quarteirões, esta proporção estabelece um equilíbrio arquitetónico capaz de caracterizar positivamente as diversas ruas do centro histórico.

Dispõem de duas frentes, uma frente pública, que representa a fachada mais importante da casa, e uma tardoz, a qual está associada, dependendo da adaptação ao terreno, às traseiras onde se desenvolviam logradouros ajardinados, pequenos pátios ou saguões.

A sua distribuição reflete em muito a sociedade que nela habitava:

“...imposto pela sua estrutura e por uma ética burguesa de vida vertical, peculiar à classe de que é própria: salas para a frente e para as traseiras, a sala de visitas em baixo, os quartos muitas vezes de alcova, a seguir, e a sala de jantar e cozinha no andar de cima, por causa dos incêndios e dos cheiros; os sótãos, para os alojamentos dos criados, arrumações e oratórios; e, a meio, iluminada por óculos ou claraboias, a escada nascendo do átrio de azulejos.”



10 Contextualização

Ao analisar a estrutura da cidade do Porto, apesar de apresentar características arquitetónicas semelhantes em diferentes áreas metropolitanas do Porto, é possível notar e importante destacar as pequenas diferenças que refletem o curso da histórica evolutiva da cidade: uma primeira zona, localizada na marginal do rio Douro, “Ribeira”, mais especificamente “na baixa de Miragaia e nos quarteirões compactos da Sé e da Vitória”, a segunda zona, “nas áreas de expansão almadina”, constituída pelas ruas do Almada, Cedofeita e Santa Catarina, e uma terceira, nas ruas da Boavista, Álvares Cabral, Constituição, Costa Cabral e D.João IV⁶. São estas diferenças construtivas que tornam possível afirmar que “(...) a grande maioria das casas hoje existentes, mesmo nos bairros que correspondem ao núcleo medieval da cidade, e tanto as estreitas, com as suas lojas no rés-do-chão, como os grandes palácios aristocráticos, são edifícios dos séculos XVII, XVIII e XIX”⁷.

Francisco Barata Fernandes, em “Transformação e Permanência na Habitação Portuense”, “no que se refere à habitação urbana corrente da cidade do Porto”, identifica “(...) três grandes fases de desenvolvimento e expansão: a cidade mercantilista, a cidade iluminista e a cidade liberal.”⁸

Sintetizando a informação proporcionada por inúmeros autores que estudaram a evolução do Porto, e por sua vez, estas três diferentes épocas, destacam-se algumas características arquitetónicas de cada época.



Fig. 19 ■ Mercantilista ■ Iluminista ■ Liberal ■ Contemporâneo
1 Ribeira/Porto; 2 Miragaia; 3 Massarelos; 4 Lordelo; 5 Foz; 6 Ribeira/Gaia; 7 Castelo; 8 Afurada

6 - TEIXEIRA, Joaquim (2004), “Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX”, Trabalho Académico, FAUP, Porto

7 - OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, (1992), “Casa do porto” em Arquitetura Tradicional Portuguesa, Publicações D.Quixote, Lisboa

8 - BARATA FERNANDES, Francisco (1999), “Transformação e Permanência na Habitação Portuense”, FAUP publicações, Porto

10.1 Porto Mercantilista (XVI, XVII e princípio do século XVIII)

Fig. 19 - Fases de desenvolvimento do Porto [nota de rodapé 9]

Fig. 20 - Planta de edifício de habitação época mercantilista [nota de rodapé 9]

Fig. 21,22,23 - Edifícios de habitação época mercantilista [Fotos do autor]

Fig. 24 - Edifícios de habitação época mercantilista (1962) [Foto de Emanuel Ramoa de Castro]

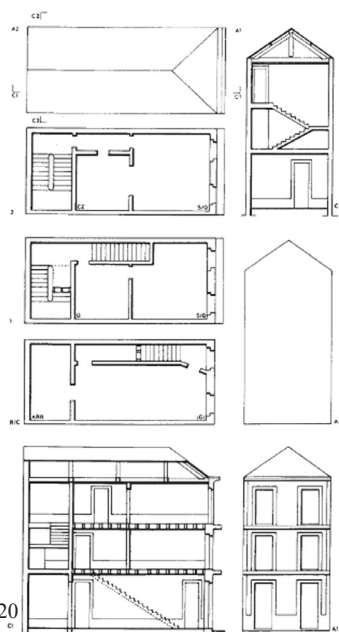


Fig. 20

Entre a Ribeira e Miragaia, na frente ribeirinha, identificado no início deste capítulo como a primeira zona, deparamo-nos com lotes de duas frentes, formando quarteirões que se interrompem pela existência de ruas e largos perpendiculares ao rio que estão relacionados com antigas portas e postigos da muralha da cidade. O segundo tipo de lote, referido por Francisco Barata Fernandes⁹, de dimensões mais reduzidas, encontrava-se maioritariamente no núcleo medieval da Sé, e por isso, devido à forte pendente dos terrenos, eram constituídos por edifícios de uma só frente, sendo estas “(...) estreitas ou muito estreitas variando entre três e seis metros, com uma profundidade que oscila entre vinte e trinta metros; e lotes de frentes igualmente estreitas mas com profundidades entre dez e quinze metros”⁹



Fig. 21



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24

LOCALIZAÇÃO Interior da muralha, Ribeira, Miragaia e quarteirões da Sé e Vitória.

TAMANHO DO LOTE Frentes com 3 a 5 metros, com profundidade 10 a 15 metros no caso de uma frente, e 20 a 30 metros de profundidade no caso de duas frentes.

Nº DE PISOS 2 a 3 pisos.

TIPO DE CAIXA DE ESCADAS Escada de tiro para o 1º piso e escada de 2 lanços para os restantes.

LOCALIZAÇÃO DA CAIXA DE ESCADAS Paralela à profundidade e junto à parede de meiação. Junto à parede tardoz no caso de uma frente, e centrado no lote, transversal à profundidade no caso de duas frentes.

9 - BARATA FERNANDES, Francisco (1999), “Transformação e Permanência na Habitação Portuense”, FAUP publicações, Porto

10.2 Porto Iluminista

(Segunda parte século XVIII)

Fig. 25 - Planta de edifício de habitação época Iluminista [nota de rodapé 10]

Fig. 26 - Rua 31 de Janeiro, Porto [Foto do autor]

Fig. 27 - Arruamento envolvente da muralha [Fotos do autor]

Fig. 28 - Quarteirões da Rua da Galeria Paris [Foto do autor]

Fig. 29 - Fig.17 do GONÇALVES, Rui (2012), “A reabilitação face à sustentabilidade”, Trabalho académico Universidade Lusófona Porto, pág. 107

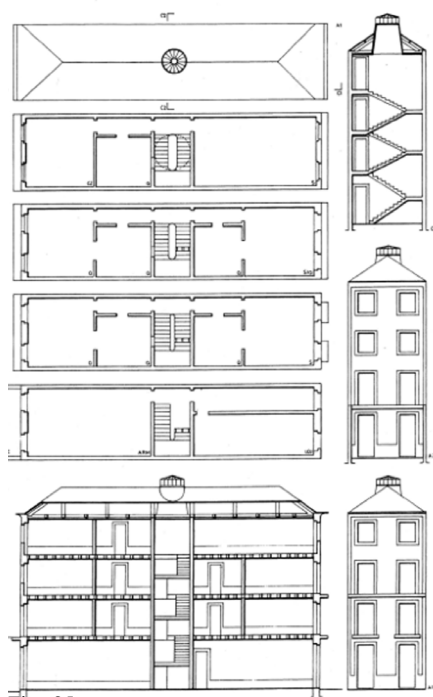


Fig. 25



Fig. 26



Fig. 27

Os edifícios de habitação construídos neste período mantêm a mesma tipologia e relação com a rua do período anterior, mercantilista: *“O piso do rés-do-chão continua a ser destinado à atividade de oficina, comércio, armazém ou arrumos, servindo também de acesso independente, através de escada de tiro (...)”*. No entanto, as construções são alteradas com um lote mais largo e profundo, com a criação de uma área posterior destinada à formação do logradouro, criando assim a necessidade de um alçado tardoz no lote. O interior, nomeadamente a zona da caixa de escadas, passa a *“ser iluminada por uma claraboia, de forma cónica, circular ou oval”*. Existiram também alterações no desenho do alçado, com uma divisão tripartida dos vãos, o pé direito interior aumenta, assim como o número de compartimentos interiores.¹⁰

LOCALIZAÇÃO Envolvente da muralha, ruas do Almada, Cedofeita, Santa Catarina, Clérigos (principais ruas).

TAMANHO DO LOTE Frentes com 5 a 7 metros, profundidade 20 a 30 metros.

Nº DE PISOS 2 a 4 pisos.

TIPO DE CAIXA DE ESCADAS Escada de 2 lanços.

LOCALIZAÇÃO DA CAIXA DE ESCADAS Centrado no lote, transversal à profundidade.

ALTERAÇÕES Introdução da claraboia e do logradouro, maior número de compartimentos.

10 - BARATA FERNANDES, Francisco (1999), “Transformação e Permanência na Habitação Portuense”, FAUP publicações, Porto

10.3 Porto Liberal (XIX)

“(...) embora inovadoras do ponto de vista formal, mantiveram no entanto, na sua organização interna, o essencial das características que possuíam já na primeira metade de Setecentos (...)”

FERRÃO, Bernardo (1997), “Projecto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadás, 1758-1813” FAUP publicações, Porto, p.219

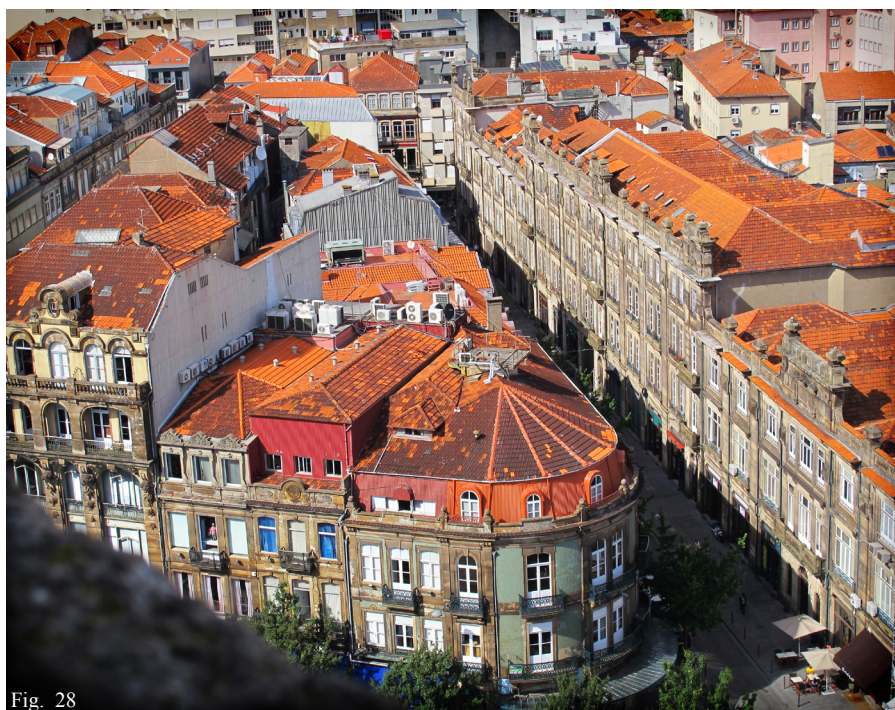


Fig. 28



Fig. 29 Alçado da Rua

Alçado Tardoz

Esta época sofre a influência de um grande desenvolvimento urbanístico, responsável por uma expansão significativa da cidade, tanto a nível funcional, como social. É com este pensamento que

as novas construções habitacionais se concebem, “segundo uma complexa hierarquização funcional e social, que anteriormente não se registava na espacialidade da casa corrente (...)”¹⁰. Muitas das características das épocas descritas anteriormente foram mantidas, apresentando alterações relativamente às instalações sanitárias, pés direitos superiores, mais espaços para arrumação, a inexistência de um piso térreo, substituído por uma cave semienterrada e um rés-do-chão sobrelevado, a caixa de escadas, que se mantém como na época anterior, à exceção da ligação com a cave, que era feita através de uma escada alternativa, identificada como “escada de serviço”¹⁰. A fachada mantém a base de composição tripartida, no entanto os vãos são maiores e introduz-se um novo elemento, a porta de entrada da casa, que anteriormente não era destacada das restantes.

LOCALIZAÇÃO	Ruas da Boavista, Alvares Cabral, Constituição e D.João IV (principais ruas).
TAMANHO DO LOTE	Frentes com 5 a 7 metros, profundidade 15 a 20 metros.
Nº DE PISOS	2 a 4 pisos.
TIPO DE CAIXA DE ESCADAS	Escada de tiro para o r/c elevado e escada de 2 lanços para os restantes.
LOCALIZAÇÃO DA CAIXA DE ESCADAS	Paralela à profundidade e junto à parede de meiação e centrado no lote, transversal à profundidade.
ALTERAÇÕES	Cave sobrelevada, instalações sanitárias, aumento do pé direito, das áreas de arrumação e armazenamento, organização dos logradouros com jardins e hortas.

11 Sociedade portuense – análise da população

“estudar a casa para o Homem corrente (...) é reencontrar as bases humanas, a escala humana, a necessidade-tipo, a função-tipo, a emoção-tipo.” Para isso é necessário perceber quem é o “Homem corrente”.

Le Corbusier, (2000) “Por uma Arquitectura”, 6ª Edição, Editora Perspectiva, São Paulo



A análise de alguns fatores suscetíveis de influenciar os comportamentos da sociedade revela uma grande importância no processo de habitar as cidades, nomeadamente no estudo da cidade do Porto.

O estudo das situações familiares atuais é extremamente fundamental para identificar qual o perfil de pessoas que procura e/ou procurará o centro histórico como local de habitação. Através da análise das recentes modificações observadas nos processos de formação e constituição das famílias é possível descrever e compreender a sociedade que hoje e futuramente se tem afastado cada vez mais das formas tradicionais de família, influenciando assim a forma como todos os responsáveis pela requalificação do centro histórico do Porto deverão agir perante as mudanças da mentalidade da sociedade. Sendo um dos fatores mais importantes na recuperação de um espaço habitacional, fortemente caracterizado pelas tradições passadas, ao adaptar esse espaço às novas exigências habitacionais da população, há que compreender, pela análise de diversos fatores, o que é que a nova sociedade valoriza como necessidade básica nas suas casas, e que tipo de pessoas (faixa etária, sexo, estilo de vida...) é que procura o centro histórico do Porto como local para habitar.

11.1 Sujeito nómada



Fig. 32

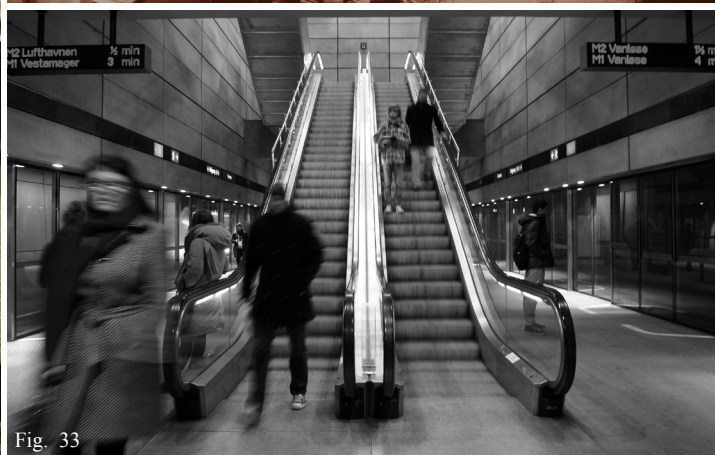


Fig. 33

Fig. 30 - Foto aérea, aglomerado edifícios habitacionais no Porto [Foto do autor]

Fig. 31 - Músico que viaja para diferentes cidades para divulgar a sua música, Roma, Itália [Foto do autor]

Fig. 32 - Turistas que fazem parte duma sociedade cada vez mais livre, Roma, Itália [Foto do autor]

Fig. 33 - Movimentação de pessoas (sozinhas) numa estação de metro em Copenhaga, Dinamarca [Foto do autor]

Antropologicamente, o conceito de nómada provém duma cultura associada a atividades primitivas que levam o ser humano que as prática a não se fixar permanentemente num local. Embora com algumas diferenças de interpretação, a vida nómada encontra-se presente cada vez mais na sociedade contemporânea, sendo cada vez mais um estilo de vida que as pessoas se sujeitam por opção e não por obrigação. Consequentemente, não está apenas relacionado com questões de necessidade económica, mas essencialmente com o desejo migratório incentivado pela informação e comunicação fácil do mundo. Com o avanço dos meios de comunicação e transporte, nomeadamente a internet, a aviação, o indivíduo procura cada vez mais o seu lugar no mundo, experimentando até conseguir aquilo que mais se identifica com a sua personalidade. O conceito nómada, que muitas vezes era associado a uma vida decadente, exaustiva, e economicamente difícil, atualmente identifica-se com liberdade individual.

A apologia ao nomadismo permitiu aos arquitetos desenvolver novos conceitos de casa, necessários para responder a este modo de vida. A casa deixa de ser vista como o centro físico na vida do ser humano, e passa a ser apenas o espaço que responde às necessidades básicas do dia-a-dia.

“A arquitetura trata de um sujeito, o homem, que é por definição e fatalidade de natureza cambiável e evolutiva. Ele é primeiro solteiro, depois casal, depois família, com filhos em números indeterminados, depois dispersão dos filhos pelos seus casamentos... Enfim a morte, de tal maneira que a moradia feita para uma família não existe: o que existem são vários tipos de moradia para sucessivas idades.”

Le Corbusier, (1953) “El Modulor 2”, Poseidon, Buenos Ayres.

O número de membros do agregado familiar está diretamente associado ao casamento. Após o casamento, o número do agregado familiar tem tendência para aumentar. É um passo na vida de muitos indivíduos que exige estabilidade económica e um estilo de vida que aparente permanência.

“A Região Norte é responsável por mais de 40% dos casamentos celebrados no continente português no início da década de 90, cabendo à AMP (Área Metropolitana do Porto) mais de 13% do total.”¹¹

Isto transmite-se numa grande procura de terrenos e habitações em terreno individual, fora das cidades na década de 90. No entanto estes números de nupcialidade começaram a descer nos meados da década de 90, analisando se cada vez mais uma diminuição do número de matrimónios nas idades mais jovens.

Um outro aspeto pertinente na formação das famílias é a coabitação sem casamento, que influencia claramente o número do agregado familiar, na medida em que um casal que evita o casamento, seja por razões financeiras, religiosas, culturais, tem tendência para dar prioridade à sua realização profissional. Assim os casais têm cada vez menos filhos e cada vez mais tarde.

“(...)A coabitação sem casamento surge com maior intensidade nas idades mais jovens, de uma forma a que habitualmente se chama de coabitação pré-nupcial; um casamento mais tardio está normalmente no horizonte temporal do ciclo da vida destes jovens.”¹¹

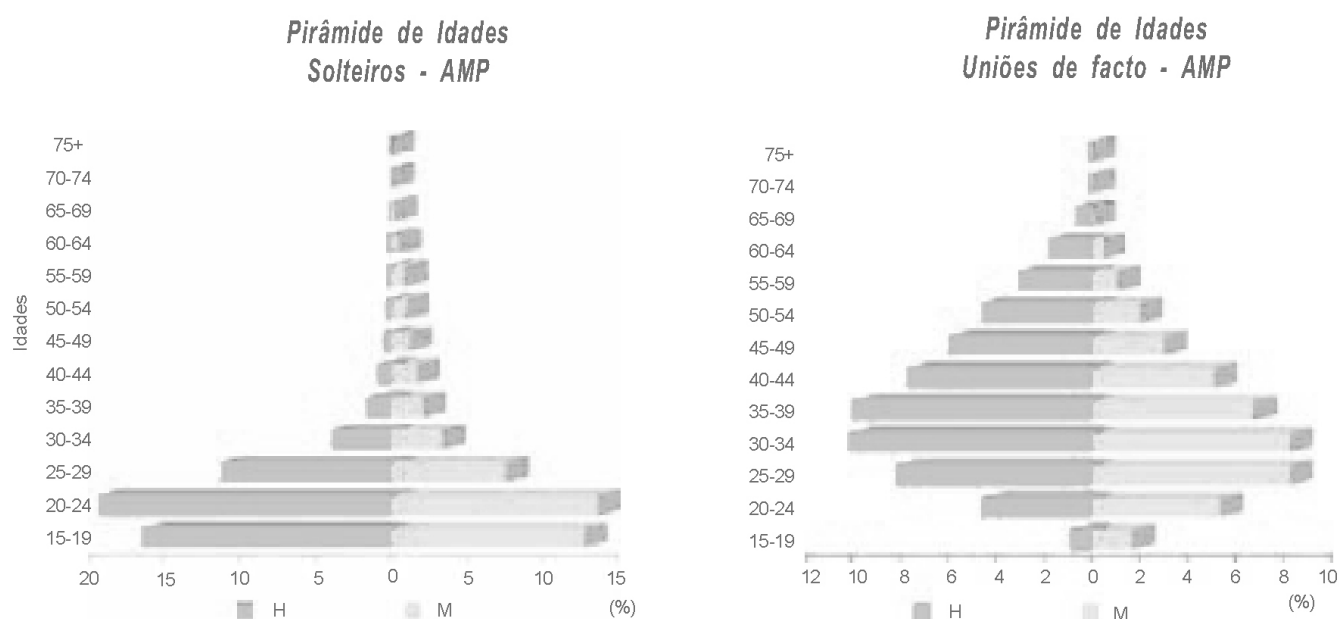


Fig. 34

11 - MENDES, Maria, CANDEIAS, Amável, MAGALHÃES, Alexandra “A Evolução recente da família na área metropolitana do porto”, Estatísticas e Estudos Regionais nº14, Universidade de Évora

Fig. 34 - “A Evolução recente da família na área metropolitana do Porto” [Nota de rodapé 11]

Fig. 35 - Casas degradadas no Centro histórico do Porto [Foto do autor]

Fig. 36 - Comparação duma casa degradada adjacente a uma em aparente melhor condição [Foto do autor]

Para além deste aspeto, a situação dos jovens torna-se mais complexa. A sequência que até então se identificava como a normal: final dos estudos-primeiro emprego-saida de casa dos pais-casamento-filhos; transforma-se numa sucessão de ciclos de emprego, resultando daí um ritmo diferente na vida do indivíduo: final dos estudos - procura do primeiro emprego - permanência em casa dos pais ou coabitação sem casamento - desemprego - novo emprego - divórcio - recasamento...) em que os períodos de habitação singular ou a dois representam uma parte muito importante na vida do indivíduo.

Segundo os resultados divulgados dos Censos de 2011¹², uma em cada cinco famílias é composta por apenas um elemento. Este valor aumentou cerca de 37.3% na década de 2001 a 2011, indicando uma clara tendência para continuar a aumentar.¹²

Para além destes dados que afetam todo o país, a cidade do Porto tem-se deparado com uma queda de 30%, nos últimos 10 anos, na população a habitar o centro histórico, dados apresentados pelos Censos 2011. Ao analisar os números do Instituto Nacional de Estatística, constata-se que em 2001, em Miragaia, São Nicolau, Sé e Vitória, habitavam 13 218 pessoas, número que tem vindo a baixar e passado 10 anos, 2011, correspondia a 9 314 pessoas. Estes números apresentam-se bem acima do cenário global do concelho do Porto, que perdeu 25 572 habitantes em 10 anos, uma queda de 9.7%.¹²

Os motivos deste esvaziamento do centro histórico variam, e não é possível identificar uma causa concreta para tal acontecimento, contudo a degradação das casas e o facto de não estarem adaptadas às novas exigências da sociedade atual, são óbvias razões para uma procura habitacional fora deste centro histórico.



12 - Instituto Nacional de Estatísticas

12 - O reflexo da sociedade na forma de habitar

“Construir é propriamente habitar”

HEIDEGGER, Martin, (1951) “Bauen, wohnen, denken” / (1994) “Construir, habitar, pensar”. em Conferências y artículos. ediciones del serbal, Madrid



Fig. 37

O significado de habitar é um conceito que depende da sociedade onde se insere, “*desde a revolução industrial a habitação como habitat, modifica a sua composição conforme vai evoluindo a estrutura familiar; a habitação adapta-se à forma de vida e à composição dos seus habitantes, da casa rural à habitação urbana industrial, de uma estrutura familiar complexa a outra nuclear mais simplificada*”¹³.

Hoje em dia, com o rápido avanço da tecnologia, com a mutação e mobilidade da cidade, o princípio da permanência tem obrigatoriamente que ser reformulado. A informatização dos meios que o indivíduo usufruí, assim como a fácil mobilidade e as constantes mudanças sociais e culturais, alteram os valores habitacionais até então conhecidos, fazendo com que seja essencial questionar qual o reflexo desta nova forma de vida da sociedade na arquitetura.

13 - FERNANDEZ-ALONSO, Ramón “A habitação atual não existe” em Arquitetura Ibérica nº16”pág. 15

Historicamente, a revolução industrial teve um papel fundamental na alteração da noção de habitação, não só nos finais do século XIX e princípios do século XX, mas essencialmente no conceito de habitar em geral até aos dias atuais. A introdução dos elementos tecnológicos revolucionários, para a época, mas que agora são considerados algo de primeira necessidade, sem os quais seria impossível uma vida quotidiana normal, como frigorífico, máquinas de lavar, televisão, etc, e a utilização de novos materiais e sistemas construtivos, foram o grande passo e a base conceptual de uma nova forma de conceber e entender a linguagem doméstica da habitação.

No que respeita a história da cidade do Porto, é clara a influência da sociedade na evolução da forma de habitar (ver capítulo 11), resultando em sucessivas transformações históricas na forma de projetar os espaços habitacionais, que se iam adaptando às novas necessidades surgidas.

Independentemente da cidade, das políticas, da cultura, da economia e tecnologia, todas as sociedades evoluem inevitavelmente, refletindo-se no modo de vida do habitante, e como tal na sua casa, na organização do seu

Fig. 37 - Biblioteca da Universidade de Humboldt, Berlim: Um computador por pessoa. [Foto do autor]

Fig. 38 - O uso do telemóvel até no turismo, Roma, Itália [Foto do autor]

Fig. 39 - Homem de negócios num aeroporto [Google]



Fig. 38



Fig. 39

12.1 - Trabalho em casa

Fig. 40 - Jovem com trabalho em casa [Google]

Fig. 41 - Escritório típico em Amsterdão, criado numa casa. [Google]

Fig. 42 - Mulher que trabalha em casa por causa do filho [Google]

Fig. 43 - Escritório em casa de Steve Jobs [Google]

Fig. 44 - Indivíduo Contemporâneo, dependente da tecnologia [Google]

Graças aos meios tecnológicos, muitas vezes a ocupação profissional do indivíduo situa-se no espaço doméstico “*o desenvolvimento do trabalho em casa – o teletrabalho ou o tele-ensino – aborda questões fundamentais, tanto do ponto de vista do espaço como dos âmbitos social e profissional, assim como jurídico e financeiro e obriga os arquitetos a redefinir os limites entre o privado e o público na habitação*”¹⁴.

Atualmente muitos são os que optam por trabalhar no seu local de habitar, podendo significar que a pessoa trabalha por conta própria ou de outrem, no entanto, no caso deste último, ao contrário de um funcionário normal numa empresa, este é pago por peça criada, seja nas áreas dos têxteis, dos vídeos, do *design*, da escrita, etc., tendo portanto, uma liberdade de horários que um funcionário numa empresa não teria. Daí ser cada vez mais uma opção de vida por muitas pessoas.

Do ponto de vista de um trabalhador de casa, por vezes é difícil distinguir habitar de trabalhar, havendo uma mistura de funções que se reflete no próprio espaço habitacional.



Fig. 40



Fig. 42



Fig. 41



Fig. 43

14 - ELEB-VIDAL, Monique, “La Flexibilidad como dispositivo”, Quaderns, n° 202, pág.99

12.2 - O indivíduo Contemporâneo

No capítulo 11 é apresentado, através de alguns estudos estatísticos, algumas transformações na sociedade que mostram o individualismo contemporâneo cada vez mais presente nas cidades: Existe o jovem licenciado, o divorciado, o viajante, o casal não casado, entre muitos outros, que se identificam uns com os outros na medida em que todos têm necessidades habitacionais similares. Apesar de ser um estudo relativamente à cidade do Porto, eles representam a nova sociedade mundial, o chamado indivíduo contemporâneo, que convive com a necessidade, cada vez mais urgente, de organizar muitas informações e realizar tarefas com maior rapidez e eficiência, num curto espaço de tempo.

O indivíduo contemporâneo tem um claro fascínio pela mobilidade e versatilidade, seguindo um determinado estilo de vida que tanto pode ou não ser temporário. Assim, a questão habitacional é vista cada vez mais como algo que tem de ser prático, rápido e eficaz. Não é a habitação que define a vida do indivíduo, mas a vida dele que define a sua habitação. **A escolha ideal é a mais conveniente.**



d

CONCLUSION

d

CONCLUSÃO

13 - A habitação mais conveniente

“Acima de tudo a ideia de habitar contemporânea já não está dirigida ao conceito de família mas a várias concepções de habitante: a maneira como cada indivíduo utiliza a casa”.

LAMEIRA, Gisela “O habitante na arquitectura”, *Arquitectura Ibérica* nº 16, pág. 23

Um dos fatores mais importantes na nova forma de habitar é o de facilitar ao máximo a vida do indivíduo contemporâneo, criando condições para o tentar libertar ao máximo. Consequentemente, cada indivíduo difere no que respeita o seu estilo de vida, muitas vezes devido à sua ocupação profissional, que cada vez mais assume um papel de etapas temporárias e não a ideia tradicional de ser algo permanente, vitalício. Assim, e visto este fator ter uma função tão determinante no estilo de vida de uma pessoa, o arquiteto ao pensar na habitação ideal tem de se sujeitar automaticamente a um dos fatores mais importantes da sociedade contemporânea, a constante mudança.

Tornar um espaço físico, que à partida se associa a algo definitivo, num espaço capaz de se adaptar rapidamente a diferentes estilos de vida é a chave para a construção do espaço ideal para o indivíduo contemporâneo, que funcionará como uma adaptação total ao indivíduo, interpretando o sujeito específico e moldando conforme as suas necessidades específicas: flexibilidade do espaço.

*“A nova conceção de flexibilidade (...) tem hoje de ser associada à própria ideia de polivalência e versatilidade do espaço.”*¹⁵

A criação de habitações flexíveis, adaptáveis a diferentes modos de habitar, poderá portanto ser uma resposta possível para uma maior qualidade de vida associada a uma crescente valorização dos espaços funcionais e práticos. Este tipo de espaço, está cada vez mais associado à economia de espaço, que consiste não só na noção de redução do espaço físico, mas essencialmente numa tentativa de reduzir processos, necessidades e fenómenos quotidianos, de modo a facilitar a vida ao sujeito.

O objetivo é criar um ambiente não para um indivíduo global, mas para inúmeras possibilidades de indivíduos, pois cada vez mais será impossível identificar apenas um estereótipo.

Uma das grandes preocupações dos habitantes trabalhadores contemporâneos é, sem dúvida a falta de tempo que têm para usufruir dos seus lares, pela dependência que implica a rigidez dos horários de trabalho estipulados por outrem, obrigatoriamente realizados nos locais específicos para esse fim. (No caso dos artistas, essa dependência não se verifica dado que o trabalho que exercem depende única e exclusivamente deles próprios. A escolha que fazem dos seus horários e do local em que se dedicam às suas obras é completamente livre.)

15 - GAUZA, Manuel (1998) “Housing – New Alternatives, New Systems”, Actar, Barcelona, pág.31

13.1 - Exemplos de habitações pequenas, flexíveis para uma só pessoa

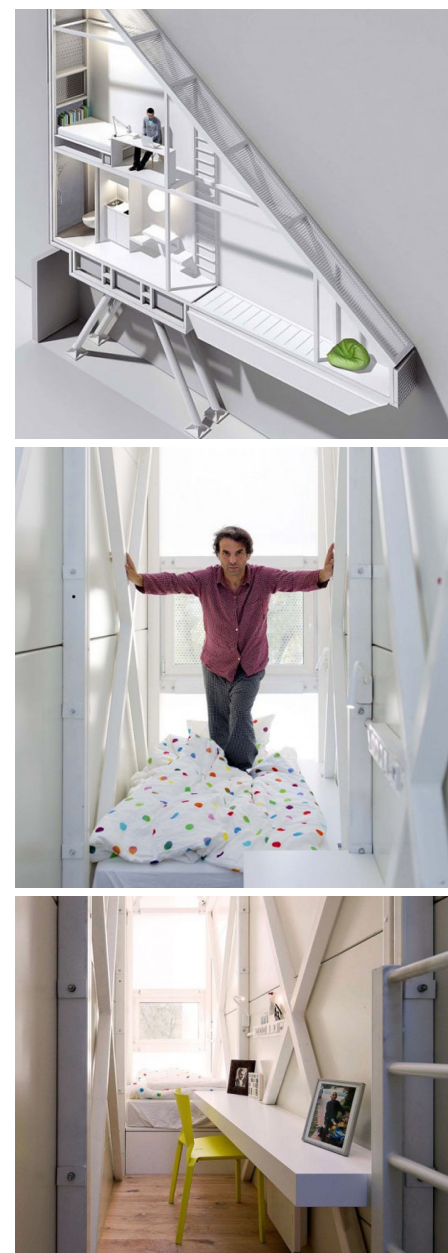


Fig. 45 - Engenhoso e organizado pequeno apartamento de Steve Sauer, em Seattle. Todo o mobiliário e funções da casa ocupam um total de 16 m². Um bom exemplo de economia de espaço para uma pessoa que vive sozinha, e ao mesmo tempo mantém um design e decoração agradável. [Google]

Fig. 46 - Andrew Haas vive em Vancouver, num pequeno apartamento de 27 m². No total existem 30 “micro-lofts” no edifício todo, Burns Block Building, na rua Hastings. [<http://www.windsorstar.com>]

Fig. 47 - Com o intuito de se construir um estúdio para o escritor Etgar Keret, com todas as funções de uma casa, foi concebido este espaço habitacional com uma largura de apenas 1.20 m, em Varsóvia, Polónia. [Google]

14 - Problema nas cidades

Fig. 48 e 49- Estado de degradação interior da casa burguesa em estudo no próximo volume: Situação de muitos prédios no Porto [Foto do autor]

Fig. 50 - Fachada de edifícios em estado devoluto no Porto [Foto do autor]

Este tipo de indivíduo vive claramente dependente do local de trabalho, que se tem vindo a assumir como os centros metropolitanos. Como solução habitacional, foram construídos diversos edifícios de habitação coletiva, nas áreas circundantes aos centros metrópoles.

No entanto a procura dum espaço mais central, tanto para responder a aspetos de mobilidade como aspetos sociais, tem vindo a intensificar-se. Contudo os centros, principalmente históricos, não apresentam as condições necessárias habitacionais, visto muitos dos edificadoss estarem projetados de acordo com os valores históricos habitacionais até então conhecidos. Assim, existe uma preocupação em recuperar esses espaços, nomeadamente na cidade em questão, Porto, que passa pela sua reabilitação, e ao mesmo tempo a preocupação de criar propostas de espaços capazes de responder de forma rápida e eficaz ao quotidiano do ser humano contemporâneo, tornar a casa no mínimo irredutível e ao mesmo tempo conseguir manter a sua funcionalidade.



É importante conseguir adaptar a flexibilidade, versatilidade e mobilidade pretendidas, ao espaço de habitação tradicional dominante nos centros históricos. Para além de se combater com o abandono dos edifícios, consegue-se dinamizar as ruas e quarteirões que tanto valorizam o património da cidade.

15 - Novas Questões - Abertura para o Volume II

O QUÊ QUE UMA SOCIEDADE QUE VIVE CADA VEZ MAIS SOZINHA, OU A DOIS, PROCURA NUMA HABITAÇÃO?

Os principais aspetos são flexibilidade, funcionalidade, dinamismo dos espaços: tudo para uma vida cada vez mais temporária, cheia de mudanças que implicam uma reformulação do espaço que habitam de acordo com as exigências do dia-a-dia.

REDUÇÃO DO TAMANHO DA CASA? QUAIS AS VANTAGENS?

O indivíduo não tem tempo para se preocupar e usufruir de um espaço grande. Enquanto esse espaço conseguir adaptar-se ao seu dia-a-dia, o tamanho não é uma prioridade. Pelo contrário, cada vez mais opta-se por espaços mais reduzidos e versáteis, que exigem muito menos do indivíduo do que um espaço habitacional maior exigiria.

O QUE FAZER COM AS CONSTRUÇÕES HISTÓRICAS DOS CENTROS HISTÓRICOS QUE NÃO ESTÃO CLARAMENTE PREPARADAS PARA A SOCIEDADE ACTUAL?

Atualmente, interessa estudar propostas de arquitetura onde o indivíduo, elemento base de uma sociedade complexa e heterogenia, é o centro da prática projetual. Assim é indispensável uma adaptação não da sociedade aos edifícios existentes, mas dos edifícios existentes à sociedade atual.

Preservar o património histórico duma cidade é essencial para valorizar a cidade em si. São essas características que revelam o lado único e excepcional da cidade. Uma reabilitação desses edifícios é imprescindível para o valor da cidade, por isso a função atual do arquiteto é conciliar a antiga estrutura arquitetónica com a nova sociedade.

Volume II de *Construir no Construído*
Autor: Mónica Daniela Ribeiro Pacheco
Dissertação de Mestrado Integrado
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
Orientador: Professor Arquitecto Carlos Nuno Lacerda Lopes
Ano 2012/2013
Texto escrito com o mais recente acordo ortográfico

CONSTRUIR NO CONSTRUÍDO

VOLUME II

METODOLOGIAS E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO NUMA CONSTRUÇÃO CORRENTE
DO SÉCULO XXI NO PORTO DO SÉCULO XVIII

index book 2

Book II

Introduction	a
Abstract 1	
A case of study: a bourgeois house	b
Alferes Malheiro Street, nºs 135,137,139 2	
Description 3	
Contextualization 4	
The owner and his intentions	c
The owner and the purchase of the building 5	
The intentions of the owner 6	
First analysis of the site	d
The space division 7	
Brightness 8	
Example: Loft Space 9	
The proposal: DOT	e
Meaning of the name DOT 10	
Concept DOT 11	
The DOT in the bourgeois: the organization of the space 12	
Plans, Sections and Facade 13	
Materials 14	
Electrical System 15	
The inicial project 16	
Final thoughts	f
Following the construction work 17	
Legalization 18	
Dot, an idea, a strat	g
Conclusion	h
BiBliography	i

Volume II

a	Introdução	
	1 Resumo	53
b	Um caso de estudo: uma casa burguesa	
	2 Rua Alferes Malheiro, nºs 135,137,139	56
	3 Memória Descritiva	58
	4 Contextualização	64
c	O proprietário e as suas intenções	
	5 O proprietário e a compra do prédio	70
	6 As intenções do proprietário	71
d	Primeira análise projectual	
	7 A Divisão espacial	74
	8 Luminosidade	76
	9 Exemplo: Espaço Loft	77
e	A proposta: DOT	
	10 significado do nome DOT	80
	11 Conceito DOT	81
	12 A DOT no burguês: organização do espaço	88
	13 Plantas, Cortes, Alçados	91
	14 Materiais	106
	15 Sistema Eléctrico	108
	16 O projecto inicial	110
f	Considerações Finais	
	17 Acompanhamento da obra	114
	18 Legalização	122
g	DOT, uma ideia, um começo	124
h	Conclusão	128
i	Bibliografia	132

1 abstract

The goal of this research is to understand , through a case of study, namely an intervention project in a bourgeois house of Porto, how to reconcile a building of the eighteenth century with a reconstruction of the XXI century . The house in question is located in a period full of architectural interior and exterior features that allow to identify with a specific historical period .

In volume II of this thesis, along with the support of the study in Volume I , is intended to develop a methodology to investigate various parameters associated with the daily life within the domestic space. Crossing this knowledge with additional information, elaborated a project / work , whose physical implementation ended in June 2013, which allowed data to characterize every aspect of a diverse nature , relating to the building, the applicant, to his family , the author of the project and until the builder 's work .

It is a project developed from the beginning of the year 2012 , extended until September 2013. Is in various stages of work, of which the most important , the creation and initial inspiration (early 2012), the first construction phase, corresponding mainly to house cleaning and restoration of its structure (April to December 2012, approximately) the second phase, designated by the parties as a technical electrical system and health, as well as the preparation of secondary structures necessary to living spaces (January to April 2013, approximately), the third phase, with respect to completion of the work, including finishes and aspects decorative , and a final phase corresponding to this dissertation is a final collection of all information, events, and decisions made throughout this design process that lasted more than two years .

This thesis also seeks to combine research and conceptual case study to several current issues related to rehabilitation of degraded areas in the historic centers.

1 resumo

O objetivo da presente investigação consiste em entender, através de um caso de estudo, nomeadamente um projeto de intervenção numa casa burguesa da cidade do Porto, de que forma se pode conciliar uma construção do século XVIII com uma reconstrução do século XXI.

A casa em questão situa-se num período arquitetónico repleto de características interiores e exteriores que permitem identificar-se com o período iluminista.

Neste volume II da presente dissertação, juntamente com o apoio do estudo realizado no volume I, pretende-se desenvolver uma metodologia de investigação de diversos parâmetros associados à vivência quotidiana no âmbito do espaço doméstico atual. Cruzando essa recolha com informação complementar, elaborou-se um projecto/obra, cuja concretização física terminou em Junho de 2013, que permitiu caracterizar cada aspeto com dados de natureza diversa, relativos ao edifício, ao requerente, à sua família, ao autor do projecto e até ao construtor da obra.

Trata-se de um projeto desenvolvido a partir do início do ano 2012, prolongado até Setembro de 2013. Constitui-se em várias fases de trabalho, das quais as mais importantes, a criação e inspiração inicial (início 2012), a primeira fase de construção, correspondente maioritariamente à limpeza da casa e recuperação da sua estrutura (Abril a Dezembro 2012, aproximadamente), a segunda fase, designada pelas partes técnicas como sistema elétrico e sanitário, assim como a preparação de segundas estruturas necessárias aos espaços habitacionais (Janeiro a Abril 2013, aproximadamente), a terceira fase, que respeita a conclusão da obra, nomeadamente acabamentos e aspetos decorativos, e uma última fase correspondente a esta dissertação que consiste numa recolha final de toda a informação, acontecimentos, e decisões tomadas ao longo deste processo projetual que teve uma duração superior a 2 anos.

Esta dissertação procura ainda aliar a pesquisa conceptual e o caso de estudo a vários temas atuais relacionados com a requalificação de espaços degradados nos centros históricos.

b

A CASE OF STUDY: A BOURGEOIS HOUSE

b

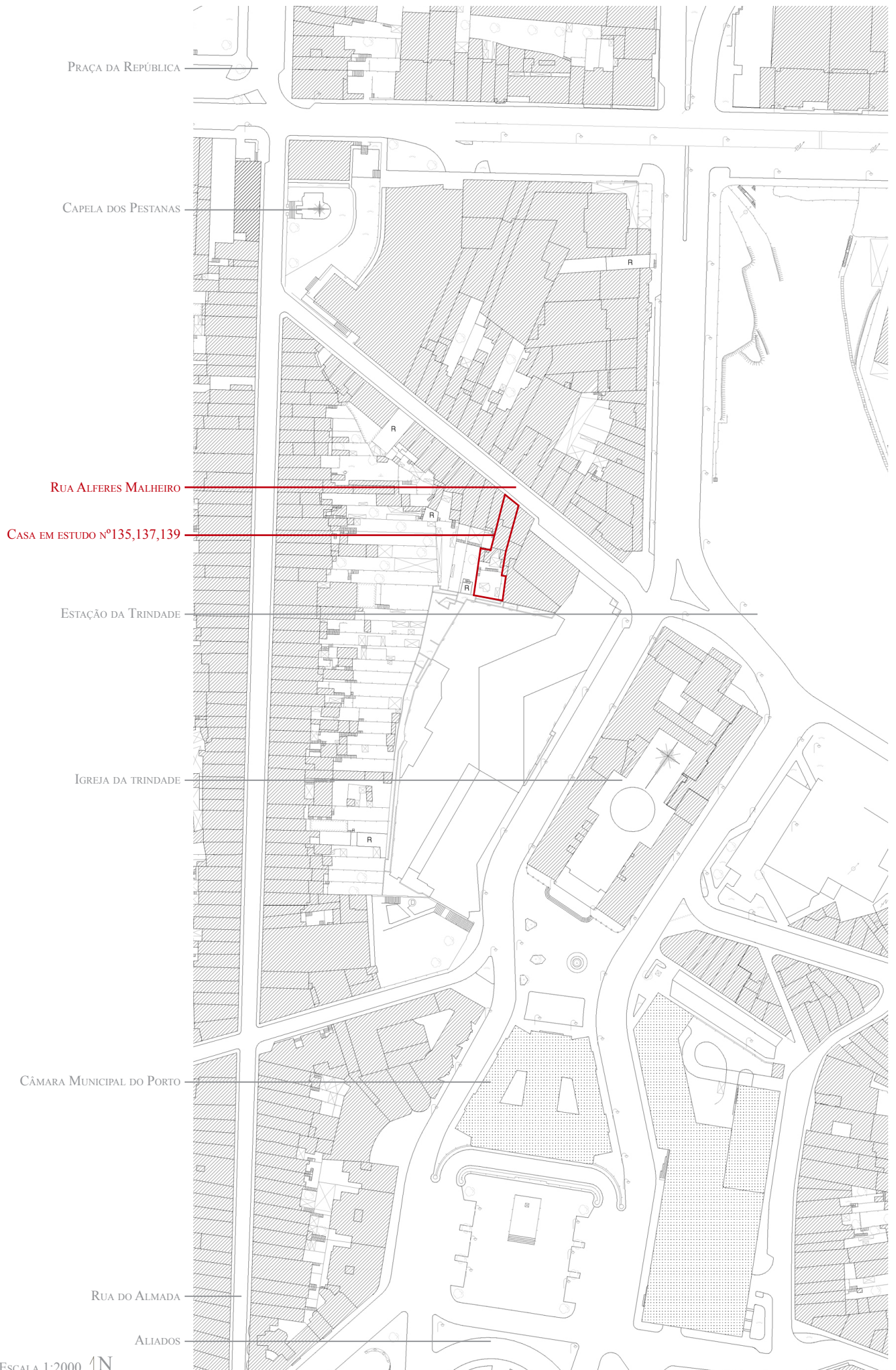
UM CASO DE ESTUDO: UMA CASA BURGUESA

2 Rua Alferes Malheiro, nºs 135,137,139

Fig. 1 - Mapa da cidade do Porto (escala desconhecida)

Fig. 2 - Planta da envolvente da casa em estudo

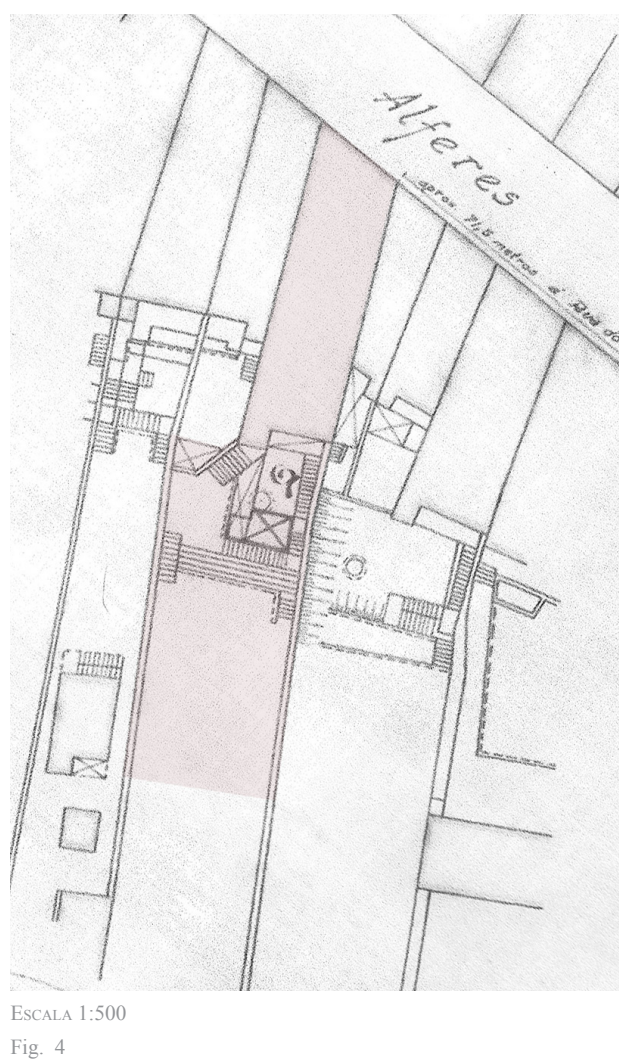
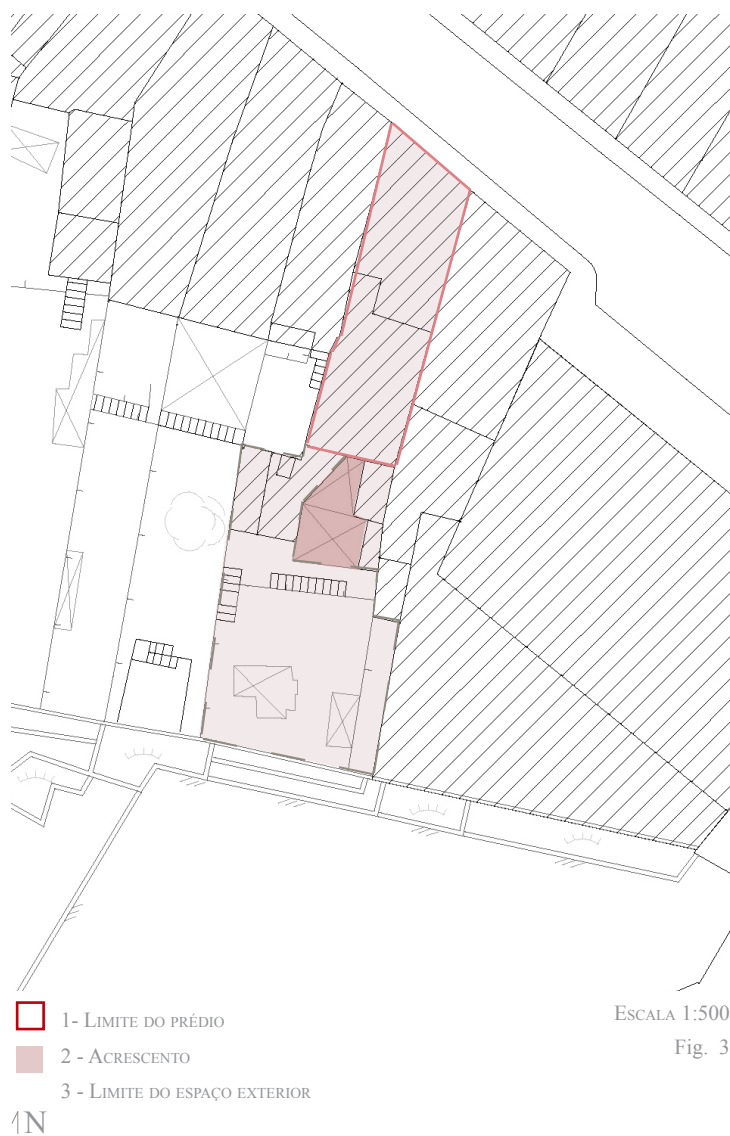




3 Memória Descritiva

Fig. 3 - Planta dos limites da casa em estudo

Fig. 4 - Planta de 1941, fornecida pela Câmara Municipal do Porto



O prédio, localizado na Rua Alferes Malheiro, n.ºs 135, 137 e 139, é constituído por Rés-do-Chão, dois andares e águas furtadas.¹ *legenda*

O Rés-do-Chão apresenta uma fração independente destinada a comércio e outra fração destinada a habitação que disponibiliza o acesso aos restantes pisos. O edifício apresenta uma planta de 21 metros de profundidade e 6,5 metros de frente. É constituído por uma escada de 2 lanços centrada no lote e transversal à profundidade. Apresenta também uma claraboia no 3.º piso, estando portanto ao nível das águas furtadas e visível exteriormente a partir das mesmas. Cada piso é constituído por 5 ou mais divisões, e por duas varandas de dimensões reduzidas (apenas no caso do 2.º e 3.º piso: no alçado frontal uma varanda centrada, no alçado tardoz uma varanda de dimensão maior que incorpora as duas aberturas existentes), característica típica das casas burguesas do Porto.

O prédio é constituído por um terreno exterior, sem construção, ao mesmo nível do 3.º piso. Existe no entanto acesso por escadas ao rés-do-chão (nota: foram encontradas árvores de fruto no terreno, as quais o proprietário decidiu manter).² *legenda*

Para além do prédio dimensionado no parágrafo acima, existe um acrescento na sua zona tardoz. É constituído por rés-do-chão e 1.º andar. O acesso a este é feito pelo interior do prédio acima descrito. A sua cobertura, aquando da aquisição do prédio, apresentava-se praticável, no entanto, originalmente, não o era, tratando-se duma alteração ilegal realizada por antigos proprietários. O novo proprietário decidiu manter e legalizar esta alteração.³ *legenda*

Fig. 5 - Planta Rés-do-chão

Fig. 6 - Planta 1º Piso

LOCALIZAÇÃO DO PRÉDIO:

Av./Rua/Praça: Alferes Malheiro, nº 135, 137, 139

Lugar: Santo Ildefonso

Código Postal: 4000-059

DESCRIÇÃO DO PRÉDIO:

Tipo de Prédio: Prédio em Pro.Total com Andares ou Div. Susp. de Utiliz. Independente

Descrição: Prédio de 4 pavimentos, constituído por R/C e 1º andar.

A inscrição do prédio é anterior ao ano de mil novecentos e cinquenta e um.

Nº de pisos do artigo: 4

Nº de andares ou divisões com utilização independente: 3

ÁREAS (EM M²):

Área total do terreno: 613,1600 m²

Área de implantação do edifício: 207,8000 m²

Área bruta privativa total: 427,8000 m²

Área do terreno integrante das fracções: 405,3600 m²

ÁREA R/C:

Área Total: 114.00 m²

Área 1: 20.5 m²

Área 2: 9.15 m²

Área 3: 25.10 m²

Área 4: 5.40 m²

Área 5: 9.35 m²

ÁREA 1º PISO:

Área Total: 125.05 m²

Área 6: 45.37 m²

Área 7: 44.25 m²

Área 8: 18.50 m²

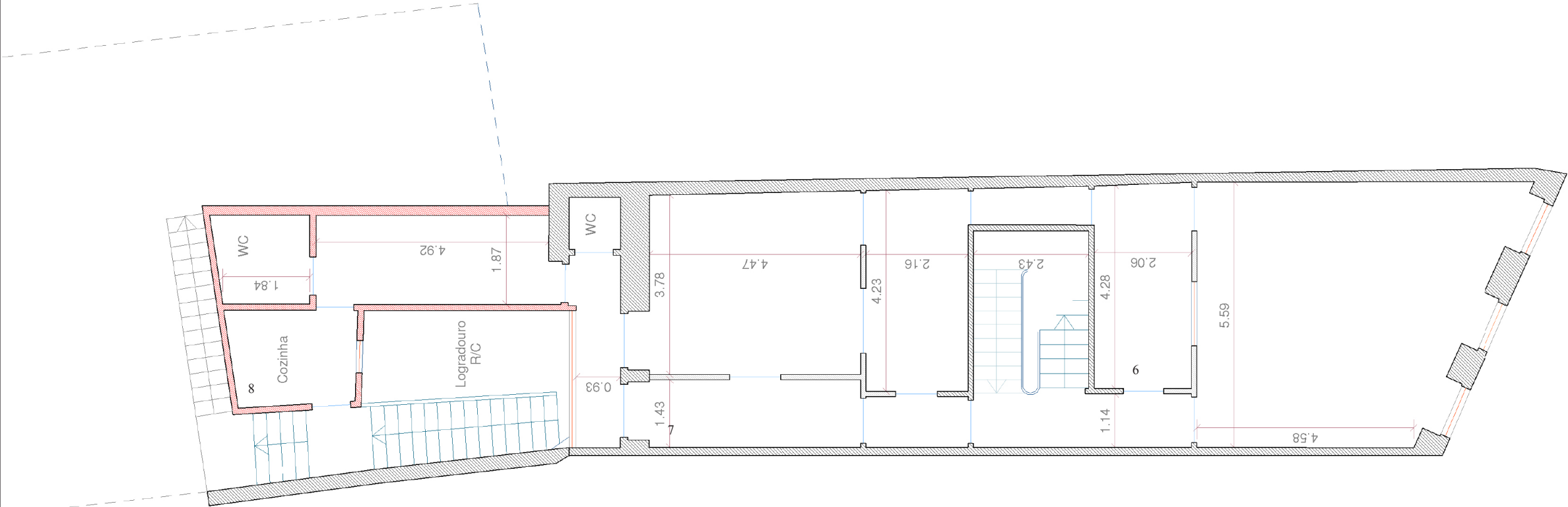


Fig. 6

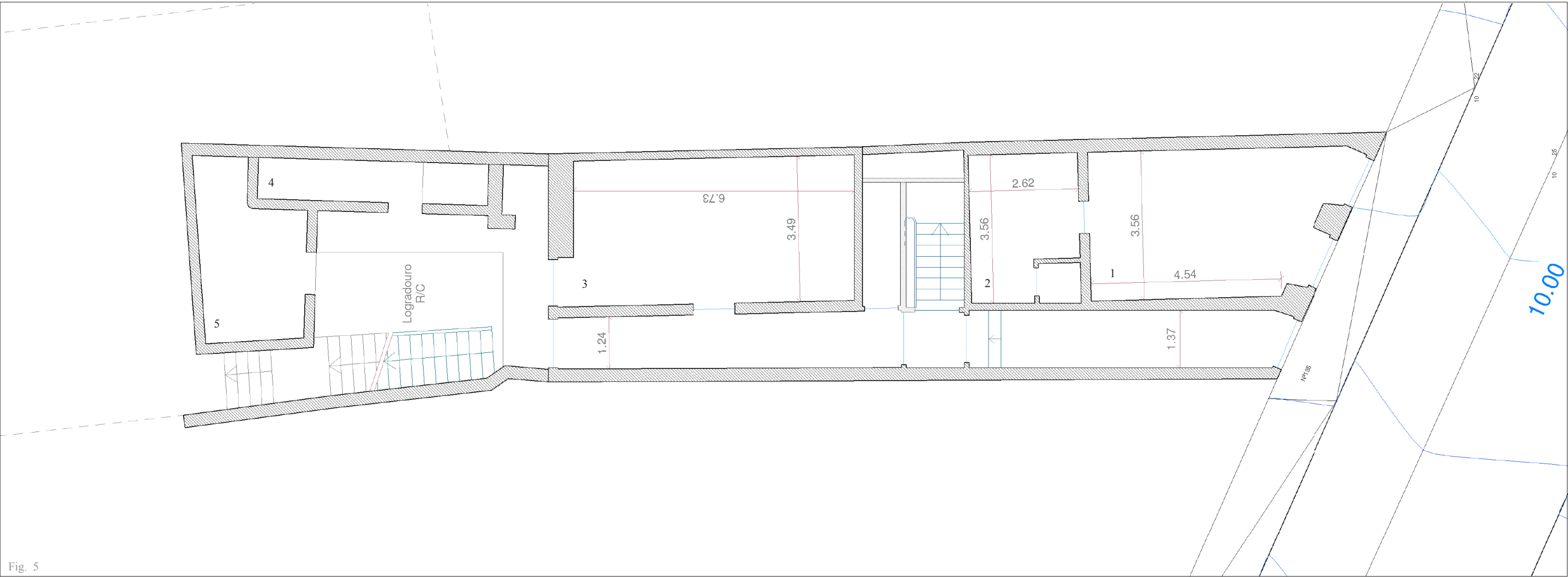


Fig. 5

Fig. 7 - Planta 2º Piso

Fig. 8 - Planta Águas Furtadas

Fig. 9 - Planta do Exterior



LOCALIZAÇÃO DO PRÉDIO:
Av./Rua/Praça: Alferes Malheiro, nº 135, 137, 139
Lugar: Santo Ildefonso
Código Postal: 4000-059

DESCRIÇÃO DO PRÉDIO:
Tipo de Prédio: Prédio em Pro.Total com Andares ou Div. Susp. de Utiliz. Independente
Descrição: Prédio de 4 pavimentos, constituído por R/C e 1º andar.
A inscrição do prédio é anterior ao ano de mil novecentos e cinquenta e um.
Nº de pisos do artigo: 4
Nº de andares ou divisões com utilização independente: 3

ÁREAS (EM M²):
Área total do terreno: 613,1600 m²
Área de implantação do edifício: 207,8000 m²
Área bruta privativa total: 427,8000 m²
Área do terreno integrante das fracções: 405,3600 m²

ÁREA 2º PISO:
Área Total: 106.55 m²
Área 9: 45.37 m²
Área 10: 44.25 m²

ÁREA ÁGUAS FURTADAS:
Área Total 11: 45.35 m²

ÁREA EXTERIOR:
Área Total: 185.50 m²
Área 12:26.15 m²
Área 13:105.25 m²

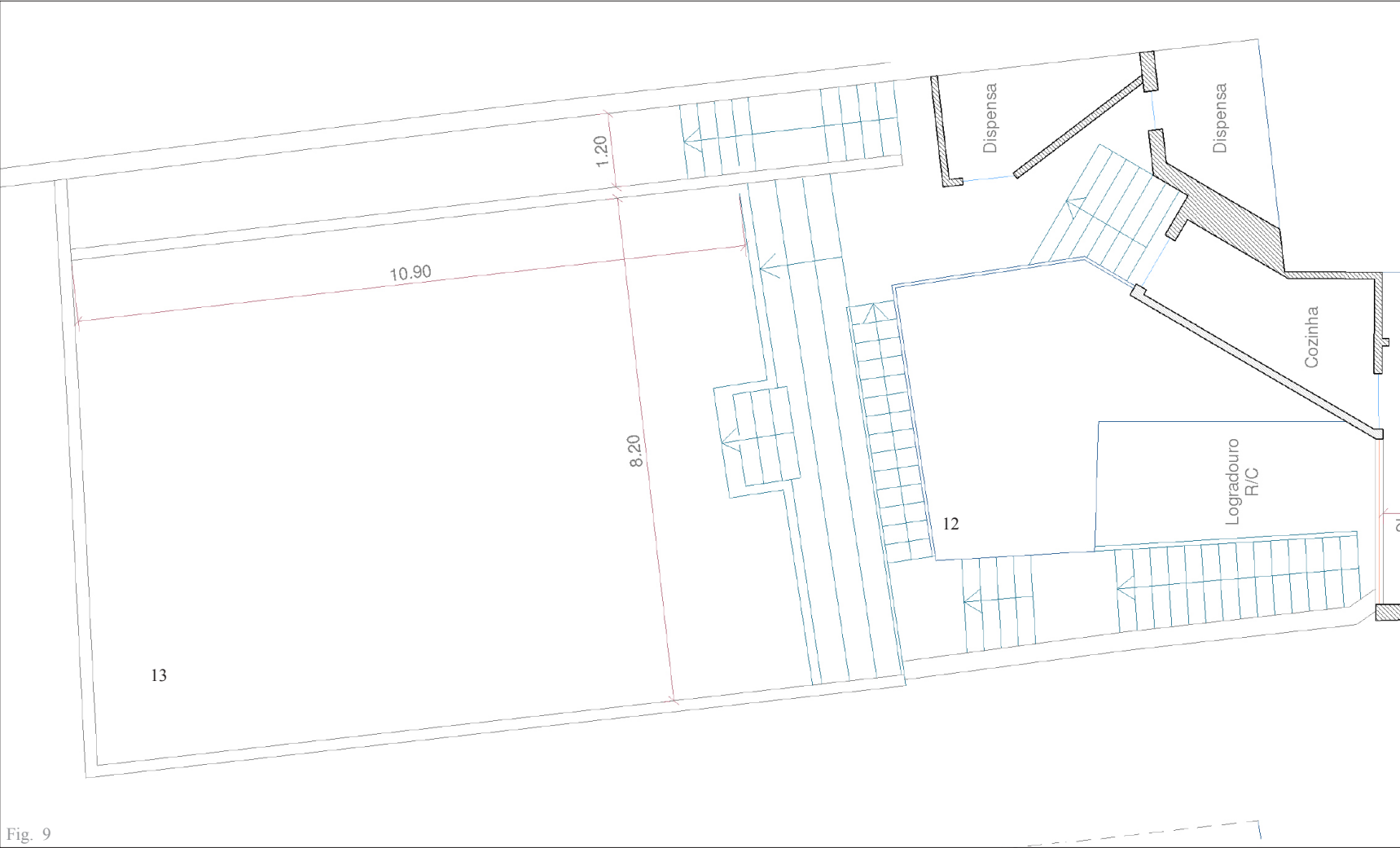


Fig. 9

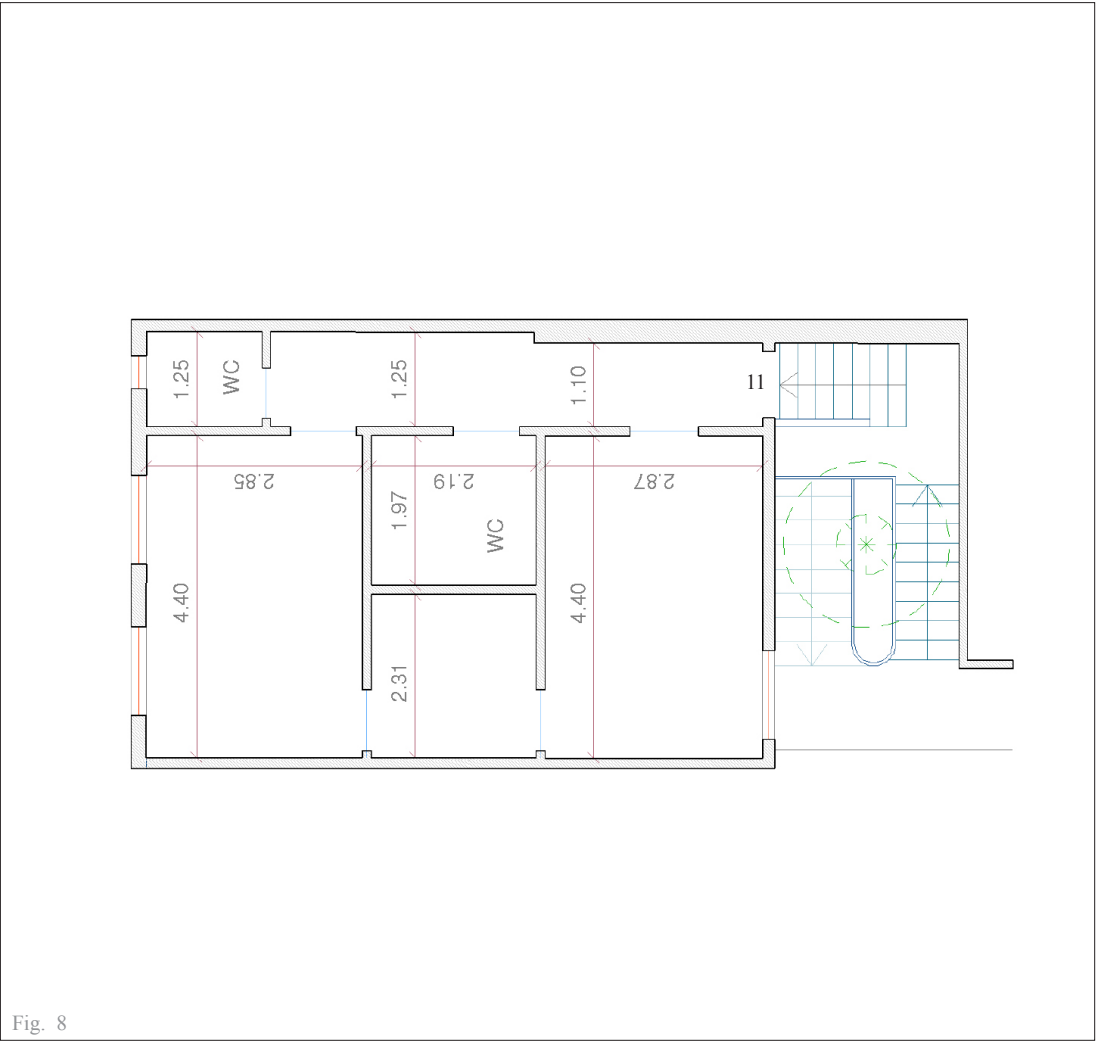


Fig. 8

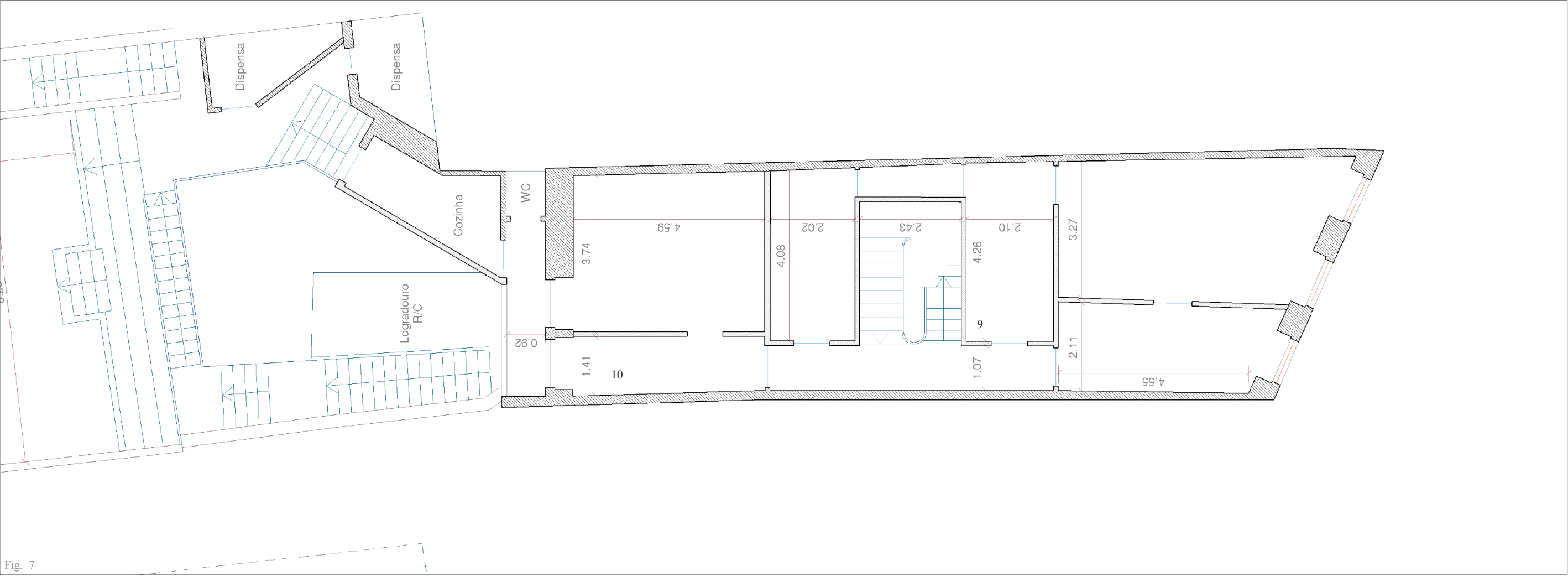


Fig. 7

4 Contextualização

“Lo antiguo y lo nuevo son igualmente importantes. No hay presente sin pasado y insuflar de vida a estructuras antiguas es tan valido como la creacion de nuevos edificios. El presente contiene al pasado. El futuro esta esencialmente determinado por el present, no por utopia.”

Hugh Hardy Citação em GONZALEZ, Xavier, (1998) “Vivenda y flexibilidad”, A+T. 12, Vitoria-gasteiz, pág.6



Em 1761 Francisco Xavier do Rego projetou uma planta da cidade do Porto, onde apresentava o bairro das Laranjeiras (que foi destruído para a construção dos Aliados) e a criação da Rua do Almada, chamada anteriormente de Rua das Hortas (apenas um troço da mesma).

Ao analisar a planta é possível perceber que a rua marcada como “rua que se abre” nunca chegou a sê-lo. O mesmo aconteceu com a rua desenhada desde a Rua de Santo Ovídio às Liceiras e com a rua prevista para ser iniciada junto aos lavadouros de cima até à confluência com a Rua do Almada e Praça de Santo Ovídio. Existia sim a Travessa da Douda ou da Doida. O nome devia-se ao facto de se localizar no lado norte e este do Monte da Douda.

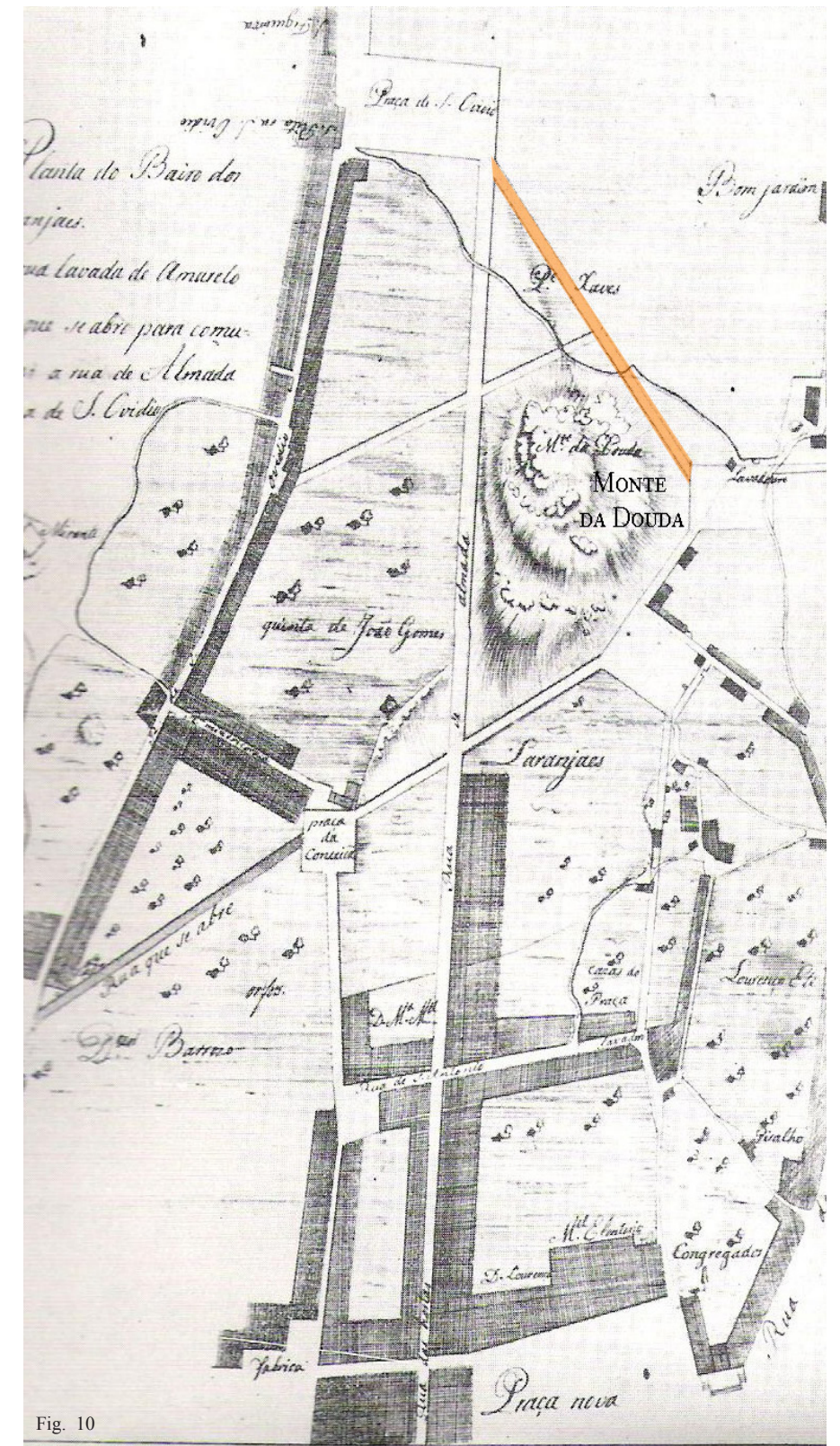


Fig. 10

Travessa da Doida, actual Rua Alferes
Malheiro

Fig. 10 - Planta do Porto de Francisco Xavier do Rego, 1761 [http://portoarc.blogspot.pt/]

Fig. 11 - Planta do Porto de George Black, 1813 [http://portoarc.blogspot.pt/]

Fig. 12 - Planta do Porto de W.B.Clarke, 1833 [http://portoarc.blogspot.pt/]

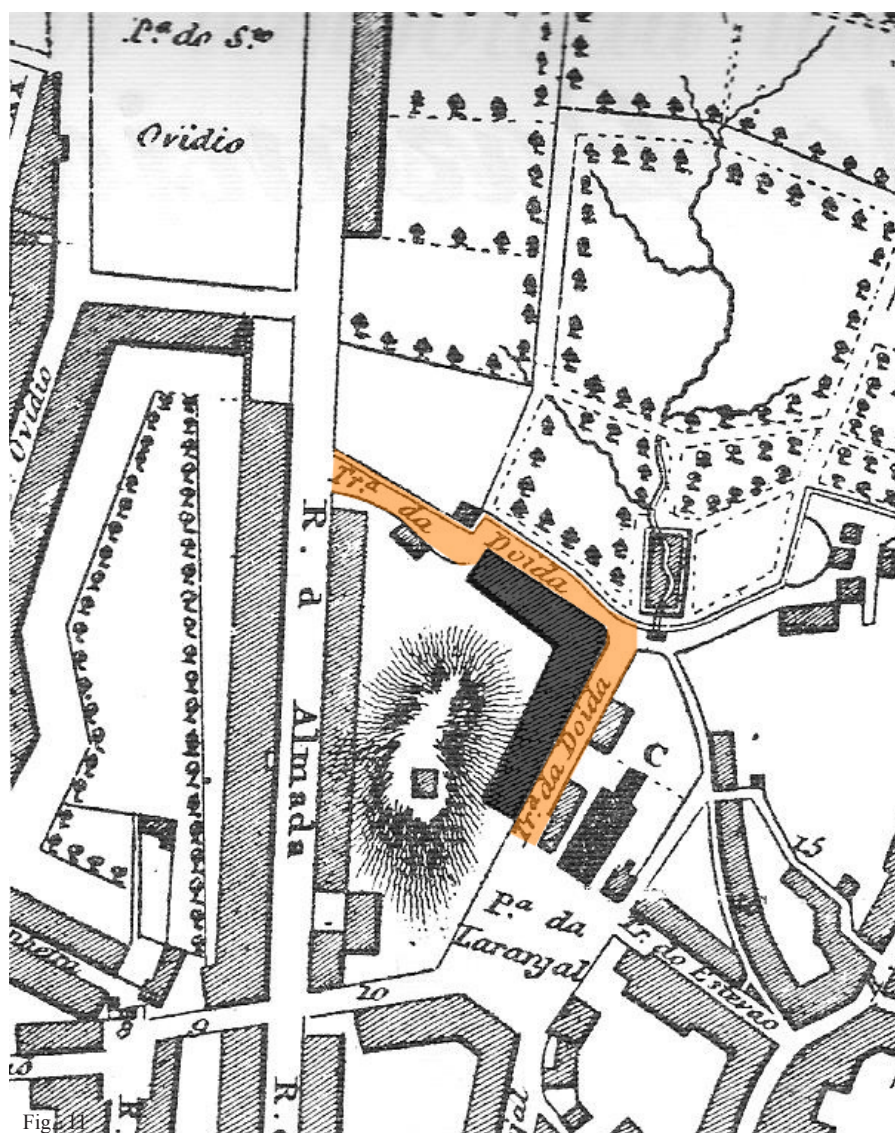


Fig. 11



Fig. 12

Mais tarde em 1813, George Black projetou uma planta da cidade do Porto, chamada de planta redonda, onde é notório o desenvolvimento da cidade fora das muralhas através de uma maior definição dos quarteirões e ruas. Estas alterações devem-se à ação urbanística almadina que previa a construção de arruamento estruturantes para um desenvolvimento racional da cidade. Nesta planta, adjacente à Travessa da Doida, já tinham sido construídos alguns edifícios, que juntos definiam a parte sudoeste da Travessa da Doida, preenchido a cinzento. Estes por sua vez coincidem com a localização do edifício em estudo neste volume.

- Edifícios contruídos nos limites da Rua Alfêres Malheiro
- Travessa da Doida, actual Rua Alfêres Malheiro

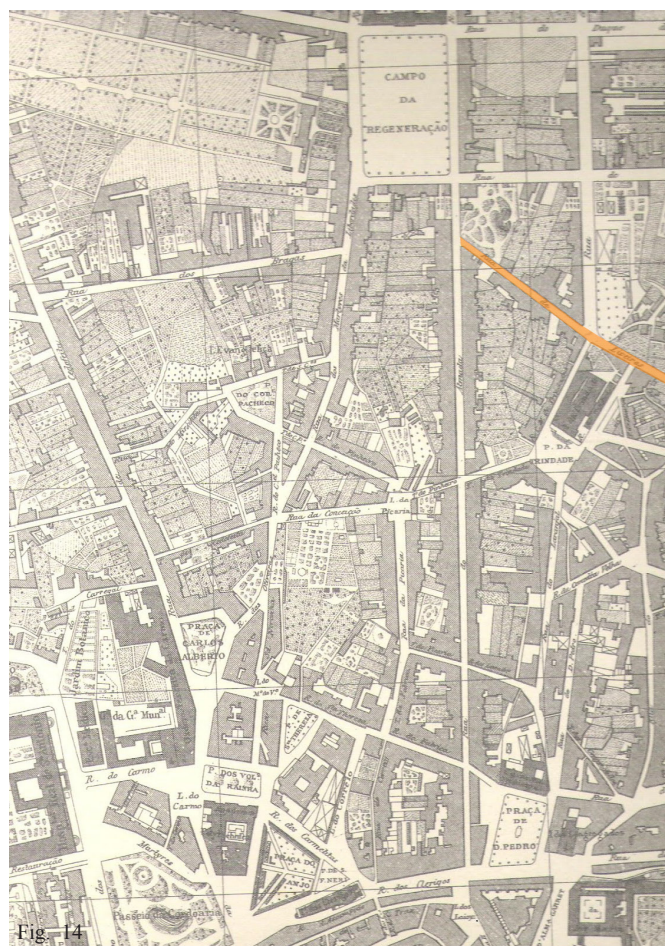
Fig. 13 - Planta do Porto de J. Costa Lima, 1839 [http://portoarc.blogspot.pt/]

Fig. 14 - Planta do Porto de Teles Ferreira, 1892 [http://portoarc.blogspot.pt/]

Fig. 15 - Fotografia aérea do quarteirão “República” da Zona de Intervenção Prioritária [http://www.portovivosru.pt]

Fig. 16 - Mapa dos quarteirões da Zona de Intervenção prioritária.

A cor-de-rosa, o quarteirão que a casa em estudo pertence [http://www.portovivosru.pt]



Mais tarde, por volta de 1839, a Travessa da Doida deixou de acompanhar o lado Este do Monte, passando a prolongar-se mais na parte norte. O seu nome foi então alterado para Rua das Liceiras. Atualmente esta rua apresenta-se reduzida, terminando no quarteirão da Igreja da Trindade, e tem o nome de Rua Alferes Malheiro (o alferes Rodolfo Malheiro esteve envolvido na Revolta de 31 de Janeiro de 1891).

Assim, é possível admitir que a atual Rua Alferes Malheiro já existia em 1761, no entanto, ao analisar detalhadamente a planta de Francisco Rego, pode-se verificar que não existe qualquer indicação de edifícios construídos nos limites da Travessa da Doida, o que leva a concluir que todos os prédios que atualmente tem frente para a rua Alferes Malheiro foram construídos posteriormente à data desta planta.

É possível então, através da análise destas plantas concluir que o edifício em estudo foi construído entre 1761 e 1813, fins do século XVIII, pertencendo assim ao período iluminista.

Através da informação enunciada no volume I, capítulo 10 - “Contextualização”, verifica-se as principais características deste período neste edifício:

Frentes com 5 a 7 metros (6.5 m), profundidade 20 a 30 metros (21 m), 2 a 4 pisos (3 pisos mais águas furtadas), escada de 2 lanços, centradas no lote, transversal à profundidade, introdução da claraboia e do logradouro, maior número de compartimentos.

- Edifícios contruídos nos limites da Rua Alferes Malheiro
- Travessa da Doida, actual Rua Alferes Malheiro

4.1 Zona de Intervenção prioritária



Fig. 15

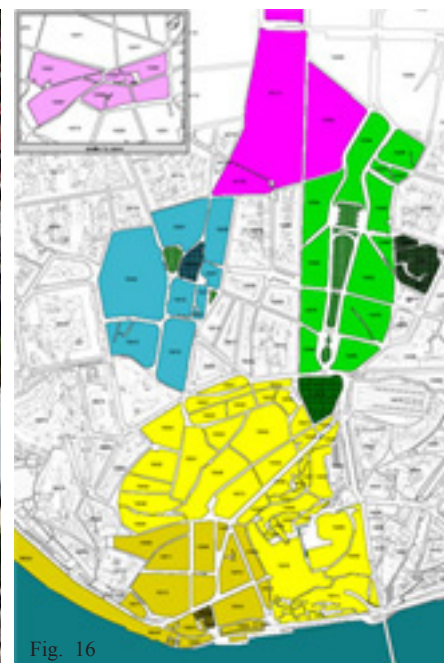


Fig. 16

Em 2004 foi criada no porto uma sociedade de reabilitação urbana da baixa portuense, com a missão de promover a reabilitação de edifícios históricos da cidade, revitalizando assim o seu património. Esta associação definiu uma zona de intervenção prioritária, facilitando tudo o que fosse possível a nível de legalização de obras, proporcionando descontos em materiais, e ajuda em determinados processos relacionados com as obras para a reabilitação de edifícios dentro destas áreas. Foram identificadas 6 zonas: Aliados, Carlos Alberto, Infante, Poveiros/S. Lázaro, República e Sé/Vitória, das quais destaco a zona da República que está limitada pela rua Alferes Malheiro, incluindo apenas os edifícios do lado sul da mesma. Assim, o edifício em estudo neste volume faz parte da zona de intervenção prioritária da Porto Vivo SRU.¹

“A Zona de Intervenção Prioritária compreende uma área com cerca de 500 hectares, cujos limites extremos são, grosso modo, a sul, o rio Douro, a norte, a Praça do Marquês/Constituição, a oeste, a Rua da Restauração/Carvalhosa e, a leste, o Bonfim” englobando “o Centro Histórico do Porto (classificado como Património da Humanidade), a Baixa tradicional e áreas substanciais das freguesias do Bonfim, Santo Ildefonso, Massarelos e Cedofeita, correspondentes ao crescimento da cidade nos séculos XVIII e XIX.”¹

¹ - <http://www.portovivosru.pt>

C

THE OWNER AND HIS INTENTIONS

C

O PROPRIETÁRIO E AS SUAS INTENÇÕES

5 O proprietário e a compra do prédio

Numa entrevista ao proprietário atual do prédio, Filipe Pacheco, um jovem de 27 anos, médico, que optou por aproveitar as oportunidades que o país dá a quem quer comprar a primeira casa, para adquirir um bem que atuasse como investimento com retorno no futuro, ele afirma que até agora atingiu os objetivos pretendidos: *“Queria criar na casa o número máximo de apartamentos, pequenos, práticos, simples pois acredito que um espaço funcional atrai muito mais gente atualmente. Não se trata apenas de ser bonito, tinha de ser prático”*.

A compra do prédio foi um passo demorado, cerca de 6 meses, não pelos procedimentos legais (estes foram rápidos) mas pela procura em si da casa mais apropriada ao que ele pretendia.

A ideia do projeto já estava a ser gerada antes da compra (ver capítulo g: DOT, uma ideia, um começo), pois como se poderá concluir mais a frente neste volume, trata-se de algo simples que pode ser aplicado a vários espaços, com o objetivo fundamental e prioritário de libertar o espaço à sua volta: *“perfeito para pequenas áreas”*, disse o proprietário quando viu a primeira proposta.

Em Setembro de 2011 esteve prestes a comprar um prédio atrás dos clérigos, na Rua dos Caldeireiros, no entanto um incêndio semanas antes da compra fê-lo desistir, “pareceu um sinal” disse Filipe. Uns meses depois recomeçou a procura, e em Março de 2012 encontrou o prédio do qual é atualmente proprietário: *“Apesar de bastante degradado, era perfeito! Estava muito bem localizado, melhor do que qualquer outro que vi dentro do mesmo preço”*

A 13 de Abril de 2012 assinou toda a documentação necessária e efetuou assim a sua compra. Visto haver uma grande necessidade em conseguir ter o prédio em funcionamento o mais rápido possível, as obras começaram no próprio dia da compra.

5.1 O fator económico

Antes de iniciar qualquer aspeto mais concreto sobre o prédio, é necessário mencionar a principal condicionante desta obra e projeto: o fator económico. Desde a procura do prédio que o tema financeiro está envolvido em todas as escolhas, sendo tido como base em muitas decisões.

6 As intenções do proprietário

“Comprei logo com a ideia de arrendar”

Filipe Pacheco, Proprietário

A intenção do proprietário reflete grande parte do estudo feito nesta dissertação de mestrado. Quando a ideia de adquirir um imóvel surgiu, estava logo implícito a ideia de arrendar. Para o proprietário, um investimento destes, principalmente na fase da vida em que se encontrava, só se justificava se comesse a ter retorno num futuro próximo, tornando-se um investimento que o iria acompanhar positivamente no resto da vida: “uma renda vitalícia” disse Filipe. Como tal arrendar o espaço seria a melhor e provavelmente das únicas opções mais viáveis.

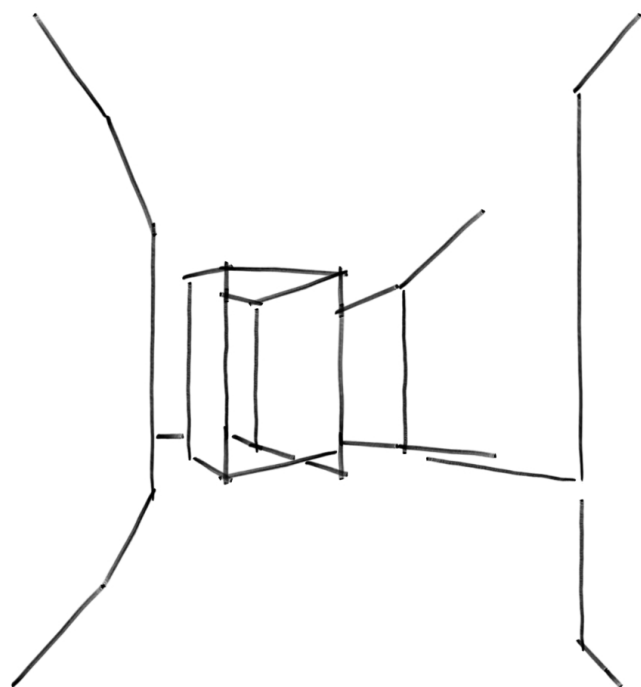
Logo à partida ele calculou que seria um melhor investimento proporcionar no prédio o maior número de espaços independentes, mesmo que isso significasse serem espaços pequeno, do que cria-los maiores e em menos quantidade. Quanto maior um espaço, mais despesas gerará, e tendo em conta a situação financeira do país, mas principalmente a mentalidade da sociedade contemporânea, criar espaços pequenos, mas práticos, funcionais, dinâmicos, principalmente no que respeita habitação num centro urbano, tem mais vantagens e por sua vez uma procura maior. Em primeiro lugar foi decidido quais os períodos de arrendamento pretendidos para o proprietário: “*existiam duas hipóteses, uma seria arrendar períodos de seis meses a um ano, outra seria arrendar ao dia*”. A primeira hipótese era a favorita do proprietário, pois não exigia um controlo tão grande e uma manutenção diária ou semanal dos espaços, como seria o caso de arrendamento ao dia. No entanto, ter a possibilidade das duas opções foi umas das razões que o fez sentir seguro com este investimento. Para ambas as soluções o espaço seria projetado dentro dos mesmos critérios: simples, prático, funcional, iluminado, dinâmico. Este tipo de solução habitacional será cada vez mais procurado, o próprio proprietário é um exemplo do tipo de sociedade que irá procurar este tipo de espaços: “*Viver lá? Talvez um dia...para já não sei para onde a vida me levará*”. Pensamento que vai de acordo com o estudo feito no volume anterior, em que atualmente a ideia de fixação a um local permanentemente está cada vez mais distante, e mudar de local, cidade, país já não é algo considerado como última opção, mas sim muitas vezes uma simples opção de vida. Num projeto como estes, que envolve um património de valor histórico para a cidade, é essencial convencer o proprietário da importância de preservar o máximo possível de características históricas do edifício. Para tal, existe a regulamentação a seguir estudada pelos poderes governamentais com o intuito de proteger esses mesmos valores. Para além disso, o papel do arquiteto é muito importante pois ajudará o proprietário a perceber o valor desse património, devendo identificar e defender desde o início da obra até ao fim os aspetos a preservar. Neste caso o valor histórico era algo que “apaixonava” há algum tempo as pessoas envolvidas nesta obra/projeto, de modo que a opinião maioritária foi sempre a de recuperar o “*máximo possível*”, disse Filipe: escadaria, varandas, rodapés, elementos decorativos...

d

FIRST ANALYSIS OF THE SITE

d

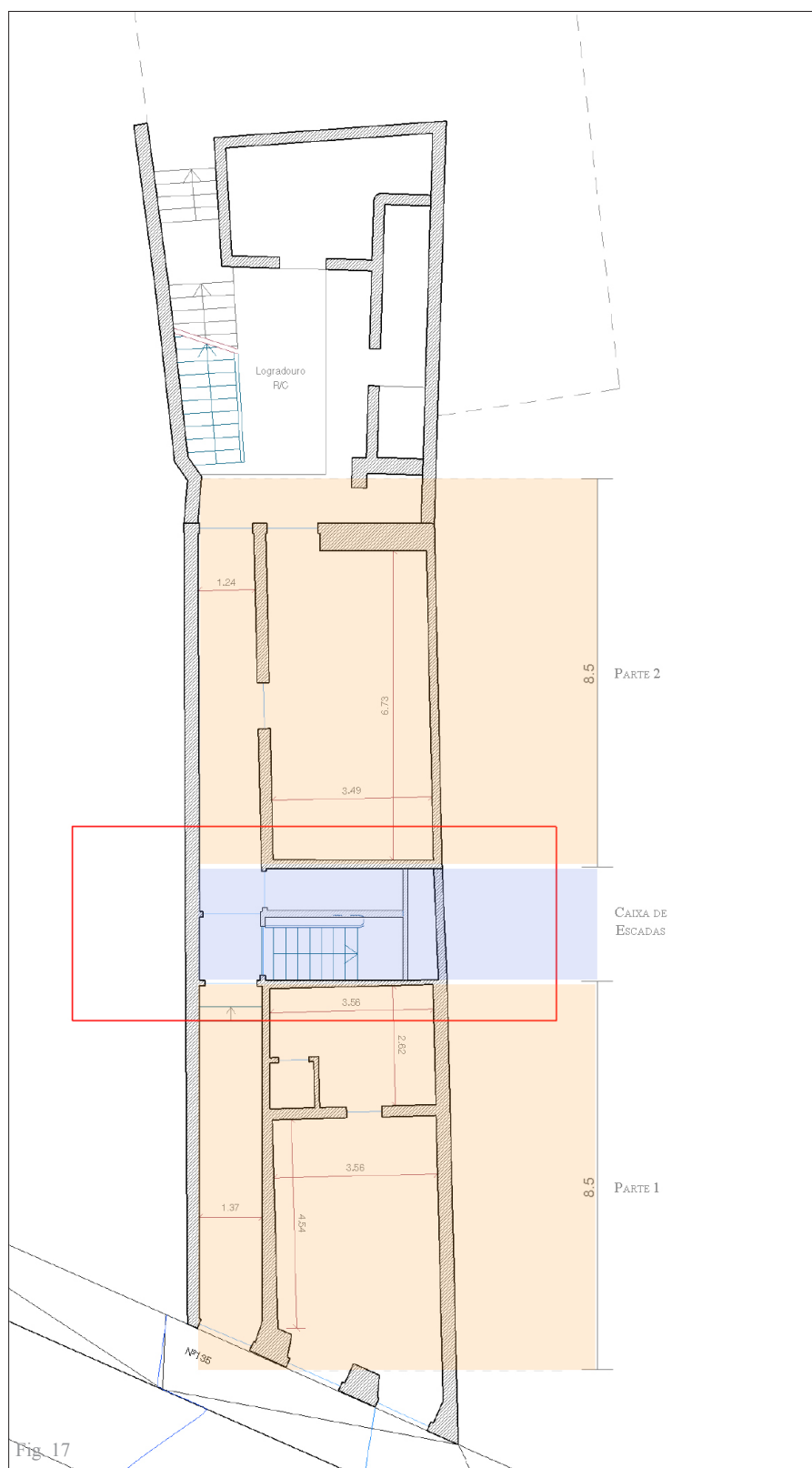
PRIMEIRA ANÁLISE PROJECTUAL



7 A Divisão espacial

Fig. 17 - Planta Rés-do-chão

Fig. 18 - Plantas dos diferentes pisos da casa



O tipo de arquitetura das casas burguesas do Porto caracteriza-se pela grande profundidade em contraste com as frentes estreitas. Este facto fez com que existisse pouca iluminação no centro dos prédios, atribuindo-lhe a caixa de escadas. Consequentemente, os espaços que à partida já não tinham muita área, eram divididos por esse acesso vertical. No século XVIII, presumível altura de construção do prédio, começou-se a dividir mais os espaços interiores, criando pequenos quartos.

Apesar de existirem casos em que a caixa de escadas não se apresenta exatamente no centro do edifício, neste caso tal não acontece. Para este projeto, esse fator foi de alta importância pois tornou possível dividir o prédio em dois, mantendo áreas equivalentes para os dois lados, tornando possível que o projeto fosse uniforme em todos os espaços.

- Caixa de escadas central
- Divisão do prédio em duas partes, com centro na caixa de escadas
- Espaços resultantes da divisão

ESCALA 1:150

As divisões já existentes mostraram-se prejudiciais ao espaço, pois interferiam na propagação da luz natural, um elemento escasso neste tipo de construção. Assim, optou-se por tratar as áreas em conjunto, ignorando as pequenas divisões existentes em tabique, que foram removidas na fase inicial do projeto.

Manuel Gouza, em “Housing – New alternatives, new systems” explica a importância de um espaço polivalente e versátil, características fundamentais para uma habitação flexível, que deve ser “*esvaziada em vez de compartimentada*”.² Resultou num espaço muito mais amplo e acima de tudo mais iluminado. A partir de agora o projeto seria feito para esse espaço e não para o inicial com as divisões.

O prédio possibilitava assim 5 divisões gerais, todas providas de iluminação natural, e acesso independente através da caixa de escadas.

Exteriormente ao edifício principal existia um acrescento na sua parte tardoz, que apesar de ter uma área relativamente pequena, foi estudado de forma a ser habitacional, considerado como o sexto apartamento. Contudo ainda não foi acabado.

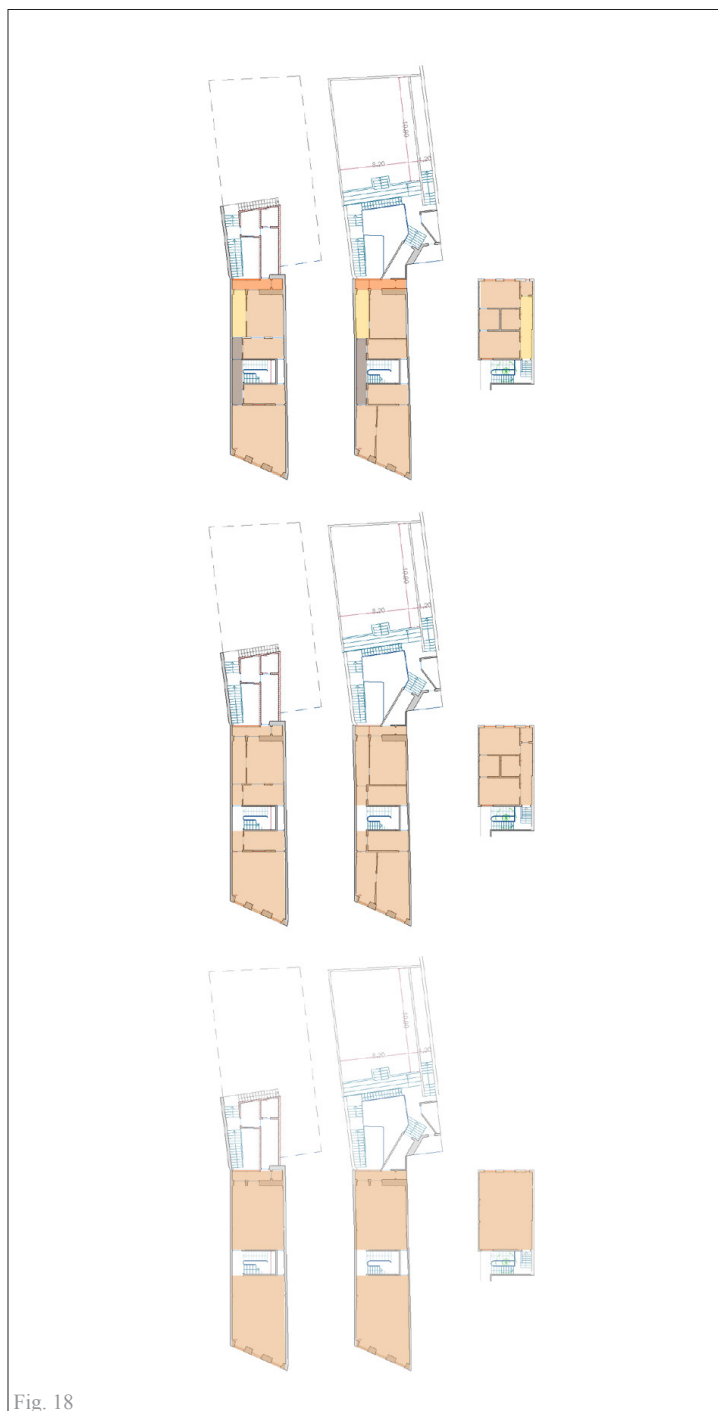
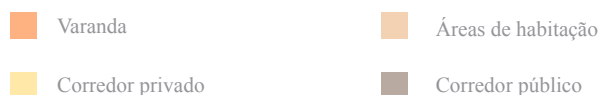


Fig. 18

ESCALA 1:800

8 Luminosidade

Fig. 19 - Planta com representação esquemática da quantidade de luz antes das alterações do projecto

Fig. 20 - Planta com representação esquemática da quantidade de luz depois das alterações do projecto

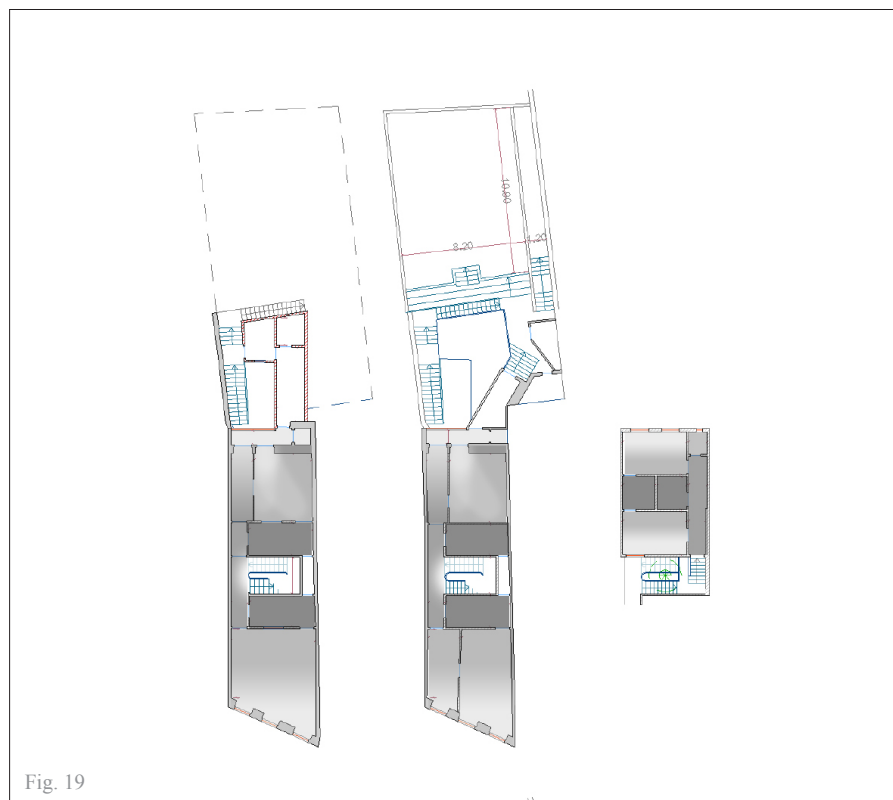


Fig. 19

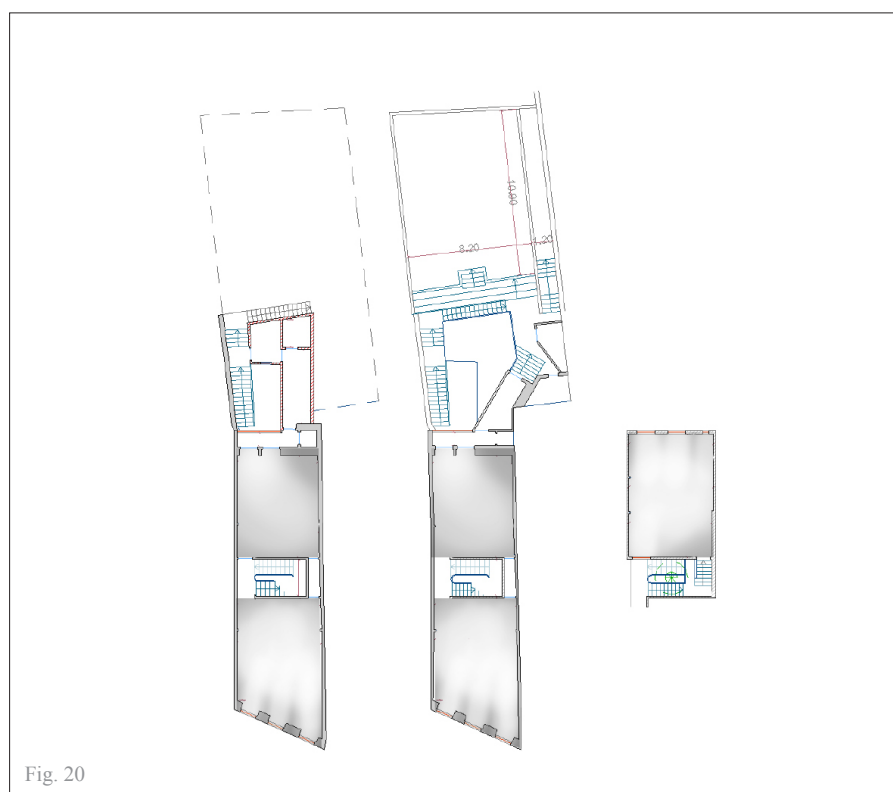


Fig. 20

No capítulo anterior já foi mencionado as consequências da divisão dos espaços em prédios de arquitetura burguesa, um deles a falta de luz natural. Ao libertar o espaço de tais divisões, consegue-se uma maior projeção da luz natural no interior do prédio. Com efeito, a separação tradicional dos setores da casa iria criar não só falta de luz natural como também condicionar as áreas de cada programa. A solução ideal teria portanto que tentar conciliar os programas habitacionais, suscitando uma interação de tarefas, atividades e sensações. Ao unir todos, pretender-se-á torná-los melhor, mais fortes, mais equilibrados e agradáveis, impossível de atingir ao tratar cada programa individualmente.

ESCALA 1:500

9 Exemplo: Espaço Loft

Tratar um espaço habitacional como um só, ao contrário do tradicional dividindo cada programa, teve início já há algumas épocas atrás, nomeadamente nos anos cinquenta, em Nova Iorque. Visto inicialmente como algo “alternativo”, este conceito surge associado à espontaneidade, capaz de exteriorizar um original estilo de vida urbano, tendo como protagonistas artistas e pintores inseridos nas correntes de contracultura hippies dos anos cinquenta e sessenta.

Este modo de habitar nasceu da apropriação, por parte de espíritos mais artísticos, de espaços industriais abandonados na zona sul de Houston St., em Nova Iorque.

O processo inicial que levou à definição do conceito deste espaço como “loft” não é propriamente uma intervenção mas um movimento de ocupação, uma invasão das áreas esquecidas e abandonadas da cidade. A grande distinção de um espaço loft para um espaço habitacional comum identifica-se pela subdivisão espacial no caso da habitação tradicional que contrapõe-se à qualidade espacial ampla e iluminada do espaço “loft”.

O espaço loft criou uma rotura no sistema tradicional da habitação, obrigando aqueles que habitavam este espaço a criar novos níveis de intimidade, assim como afirma José Bañón: *“Habitar é transformar o lugar para conseguir que ele seja uma parte do habitante e reciprocamente, esse habitante conseguir ser uma parte do lugar”*³. Os espaços públicos interagem com os privados, o espaço de reflexão e introversão misturam-se com o de exibição e convívio, os espaços de pausa cruzam-se com os de percurso... Gerando uma nova forma de habitar, sem tanto fracionamento da habitação, onde várias funções passam a ser realizadas no mesmo local.

*“É a adaptabilidade destes edifícios (industriais) que cria uma estrutura urbana vibrante: sempre alterável e vigorosa, com diferentes partes da cidade desenvolvendo diferentes carateres e gerando novas formas de contacto urbano e sociabilidade.”*⁴

3 - PARRA BAÑÓN, José Joaquim (2004), “Pensamento Arquitectónico Na Obra de José Saramago: Acerca da Arquitectura da Casa”. Caminho, Lisboa

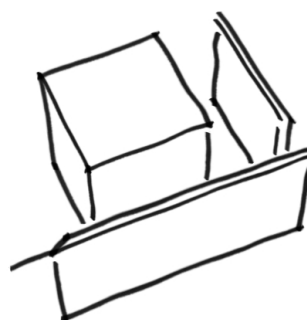
4 - AAVV_A+T (1998), “Housing and flexibility”, vol. 12, p.3

e

THE PROPOSAL: DOT

e

A PROPOSTA: DOT



10 significado do nome DOT

Em Fevereiro de 2012, dois meses antes da compra do prédio, realizou-se um concurso europeu associado ao evento anual EASA - *European Architecture Students Assembly* (encontro europeu de estudante de arquitetura). Este realiza-se todos os anos durante duas semanas no verão, num país diferente e reúne cerca de 500 estudantes de arquitetura de toda a Europa, há mais de 30 anos. Baseia-se num encontro em que estudantes providenciam *workshops* para outros estudantes participantes. As candidaturas como participante para este evento decorrem no mês de Março, e um mês antes decorre o concurso para *workshops*. O estudante terá de propor uma ideia para ser apresentada e discutida durante os 15 dias do evento. Assim, como participante do evento durante três anos consecutivos (Manchester, Cádiz e nesse ano Helsínquia) resolvi concorrer para o *workshop* com uma proposta de um cubo de madeira, capaz de conter tudo o essencial duma casa. Apesar de ainda muito pouco explorada, com muitos erros e problemas, surgiu a DOT, proveniente do dicionário inglês, significa “ponto”.

O nome teria de ser compreendido na comunidade estrangeira e de fácil pronúncia, como tal, considerando o conceito do projeto (ver próximo capítulo) pareceu adequado.

Mais tarde, no decorrer da obra, em contacto com as várias empresas foi possível notar o impacto do nome. A facilidade e simplicidade que entoa fizeram com que, sem que me apercebessem, mais pessoas (o proprietário, o empreiteiro, o responsável pelas madeiras, os trabalhadores, e até mesmo os vizinhos que se iam envolvendo na obra) o usavam para descrever a “tal” caixa.

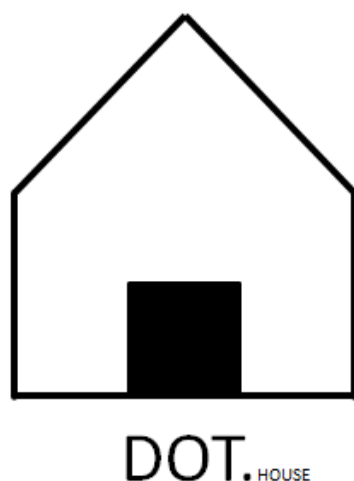


Fig. 21 - Logotipo utilizado para a DOT (ver capítulo g: DOT, uma ideia, um começo)

11 Conceito DOT

“Flexibility is not the exhaustive anticipation of all possible changes. Most changes are unpredictable. (...) Flexibility is the creation of a capacity with a wide margin that enables different and even opposing interpretations and uses.”

KOOLHAS, Rem (1998), “S, M, L, XL”, The monacelli press, Nova Iorque

Num relatório da *International Trade Centre UNCTAD/WTO and International Tropical Timber Organization 2005*, sobre “International Wooden Furniture Markets” é descrita a tendência de crescimento do mercado de mobiliário funcional, poupador de espaço e com planos rebatíveis. Esta tendência aponta para o crescimento da procura de soluções que permitam dotar os espaços habitacionais de mecanismos que os tornem mais eficientes na utilização do espaço.

“Imagine viver numa casa onde tudo o que é essencial para o conforto está concentrada num objeto” Esta foi a frase usada no evento como divulgadora do projeto DOT, no concurso mencionado no capítulo anterior, seguida da seguinte memória descritiva:

O conceito de casa é cada vez mais influenciado por mudanças na mentalidade das diferentes culturas do mundo. Atualmente os arquitetos e engenheiros procuram desenvolver formas de habitação modular, para produção em massa, em que o espaço, embora pequeno, possa satisfazer todas as necessidades. No entanto, este conceito não pode ser aceite em cidades devido à falta de terrenos livres.

Assim, pensou-se desenvolver um objeto capaz de ter o mesmo tipo de pensamento, portátil, prático e funcional, mas para ser usado dentro de outro espaço, seja já construído ou por construir (no caso de edifícios de apartamentos). É uma espécie de caixa, que é o que caracteriza o espaço como uma habitação.

Ao contrário da habitação modular proposto atualmente em muitos países, em vez de habitar dentro, a ideia desse objeto é habitar em torno dele, libertando o espaço, tornando-o espaçoso e evitando que haja desperdício de espaço desnecessário com coisas como paredes e móveis.

Após um estudo aprofundado, identificou-se um paralelepípedo de base quadrada com as dimensões mínimas de 1,8x1,8x2,5, como o mais propício para suportar tudo o que é essencial para uma casa (, equipamentos elétricos sanitário, armazenamento, cama, etc.) Cada face corresponde a um programa de habitação (sala, quarto, cozinha e casa de banho).

O produto também é estudado, a fim de ser adaptado para diferentes situações, variando em tamanho, na prestação programática, em cores, materiais, mas sempre mantendo o mesmo conceito de uma caixa que engloba tudo.

The concept of home is increasingly influenced by changes in mentality of the different cultures of the world. Currently architects and engineers seek to develop modular housing, in mass production, in which space, although small can meet all needs. However, this concept can't be accepted in cities due to the lack of free land.

Thus, we attempt to develop an object capable of having the same kind of thinking, portable, practical and functional but to be used inside another space, whether already built or to be build (simple apartments for instance). A kind of box, which is what characterizes the space as a dwelling.

Unlike the currently proposed modular housing in a lot of countries, rather than to dwell within, the idea of this object is to dwell around it., releasing the space, making it spacious and avoiding that wasting space unnecessary with things like walls and furniture.

After a thorough study, we identified a parallelepiped of square base of minimum dimensions 1,8x1,8x2,5, as the most conducive to endure all that is essential to a house (electrical, sanitary equipment, storage, bed, etc.). Each face corresponds to a program of housing (living room, bedroom, kitchen, and bathroom).

The product is also studied in order to be adapted to different situations, varying in size, in programmatic provision, in colors, materials, but always keeping the same concept of a box that encompasses everything.

11 Conceito DOT

Fig. 22, 23, 24 - Esquissos do autor

a DOT: um ponto numa casa

De um modo geral, tentando simplificar a explicação do que seria a DOT, é possível resumir o seu conceito à frase: A DOT consistiria na concentração dos serviços num volume compacto. Por sua vez, vista como um simples objeto no meio de um espaço mais livre, o próprio nome “DOT” reflete o que ela realmente é numa habitação: Um ponto numa casa. Através da integração de sistemas de mobiliário funcional a DOT abre-se e dota os espaços da casa de tudo o que precisa ocupando o mínimo do espaço possível.

Existindo a possibilidade de a DOT poder ser aplicada a inúmeros espaços, foi criado um logótipo capaz de deixar transparecer ao máximo o que se pretende que a DOT seja. (ver capítulo DOT, uma ideia, um começo) colocar o logótipo.

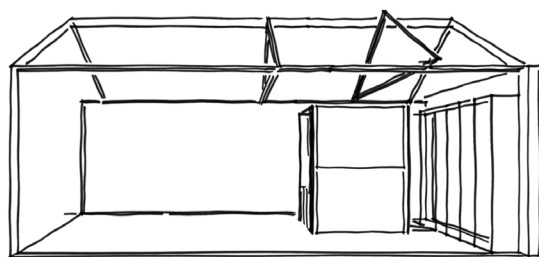


Fig. 22

a DOT: o mais pequeno possível

Tratando-se inicialmente apenas de uma proposta para um concurso, parecia tudo bater certo, contudo mais tarde, quando foi aplicado a um caso real, muitos aspetos iniciais tornaram-se utópicos, como as dimensões referidas acima.

Numa primeira fase foi logo possível perceber que a dimensão lateral de 1.8m seria bastante problemática, senão quase impossível, como tal aumentou-se para 2 metros. Mais tarde, com um avanço maior do projeto e todos os componentes definidos, definiu-se a dimensão de 2.25x2.25x2.5 como a mais pequena possível para este caso em concreto.

Apesar do aumento considerável da dimensão, foi possível encontrar uma solução equilibrada esteticamente e funcionalmente.

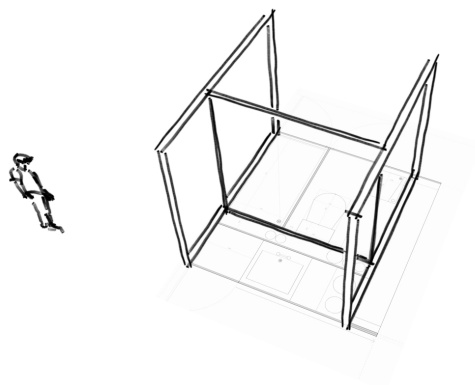


Fig. 23

a DOT: flexível e adaptável

Uma fase importantíssima no desenvolvimento da DOT foi procurar formas e soluções de forma a torná-la mais flexível, e por sua vez adaptável, ao estilo de vida da pessoa contemporânea. Estes objetivos poderiam “propor-se com base no número de elementos fixos, como os sanitários a cozinha e as instalações. Sem dúvida, conceitos como paredes equipadas, armários divisórios, ou reagrupamento de serviços, não comportam nenhuma revolução, mas permitem ganhar superfície na habitação social e demonstrar assim que trabalhar na habitação implica pensar, sem grandes exageros, a articulação entre usos, técnica e distribuição.”⁴

Só estes aspetos possibilitariam uma dinâmica de programa e economia de recursos, contribuindo para a flexibilidade e adaptabilidade na habitação, seja como separadores ou unificadores do espaço, ou como as superfícies com dupla funcionalidade, tornando possível a extensão e subdivisão do espaço em operações rapidamente executadas, várias vezes ao dia e nunca irreversíveis. No entanto seria fundamental conciliar estes processos com a simplicidade e facilidade de concretização. Só assim a DOT seria visto como algo prático, facilitando a vida de quem a virá a usar.

Todo este pensamento flexível e adaptável foi posto em prática com a utilização de mobiliário rebatível, amovível, orientável, dobrável, pivotante, desmontável, com o intuito não só de articular os usos, técnicas e materiais, mas também para ocupar o menos possível de espaço total da habitação.

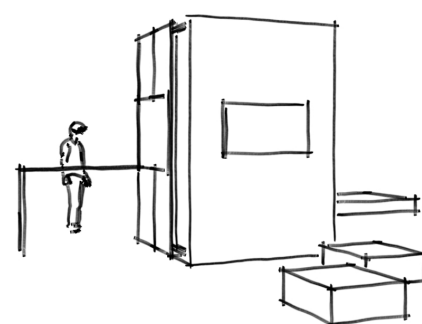


Fig. 24

11 Conceito DOT

Fig. 25, 26 - Esquissos do autor

a DOT: um objeto capaz de se fechar por completo

Como forma de habitar em redor dela, assim como um mobiliário, seria essencial poder fechar-se por completo, dinamizando ainda mais o espaço em redor. Poder “esconder” o programa da cozinha do espaço comum, assim como a cama da zona do quarto, tornaria possível adquirir novas qualidades espaciais, mais amplas e dinâmicas. Por exemplo, um artista, poderia apresentar os seus trabalhos sem que o espaço transparecesse a ideia de uma habitação, pois bastaria fechar a DOT.

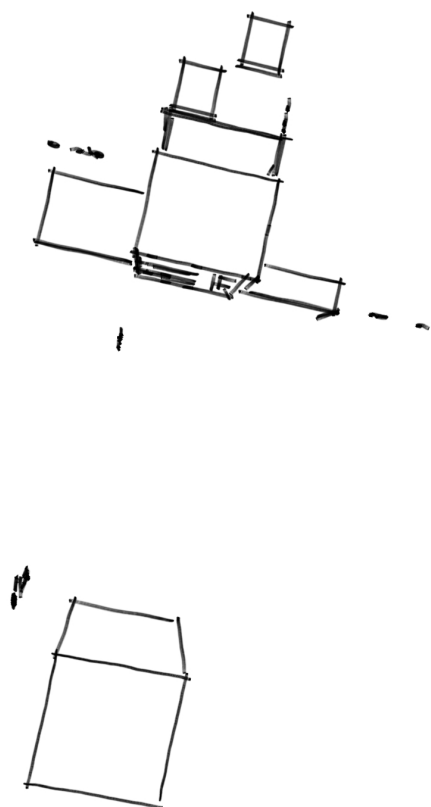


Fig. 25

a DOT: inúmeras possibilidades de espaço envolvente

A diferença entre a DOT e outros tipos de habitação modular seria, como descrito acima na memória descritiva do concurso, enquanto nos outros exemplos se habita dentro deles, **na DOT habita-se em redor dela**, possibilitando infinitas formas do espaço que a rodeia, podendo ser aplicada em inúmeras situações espaciais, e não só numa habitação já construída como no caso deste projeto.

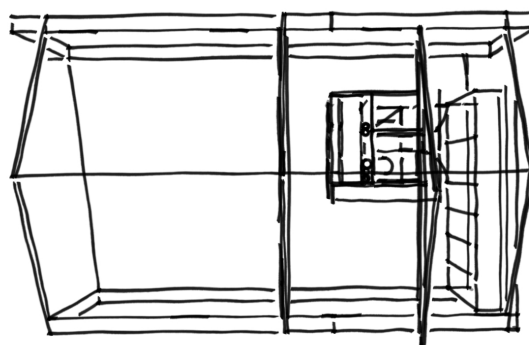


Fig. 26



a DOT: infinitas possibilidades programáticas da DOT

Sendo estudada inicialmente como um objeto e não um projeto para um espaço em concreto, procurou-se criar um produto capaz de se adaptar a diferentes necessidades (ver capítulo DOT, uma solução para muitas mentalidades). Consequentemente, admitindo a ideia de que seria visto como um cubo (apesar de as dimensões o provarem o contrário), projetou-se faces individuais com programa, capazes de serem alternadas consoante as necessidades espaciais onde seria aplicada. Assim cada face corresponderia a um ou mais programas habitacionais, nunca se repetindo, originando inúmeras possibilidades de sequências programáticas: Exemplo:

face 1: entrada e sala

face 2: cozinha

face 3: quarto e escritório

face 4: casa de banho

face 1: sala e cozinha

face 2: entrada

face 3: casa de banho

face 4: quarto e escritório

face 1: cozinha

face 2: sala e quarto

face 3: entrada e escritório

face 4: casa de banho

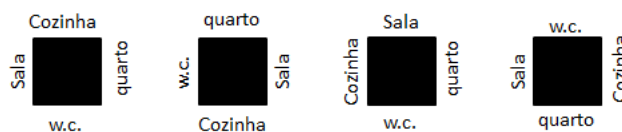


Fig.27 - Representação esquemática das diferentes formas de organizar o programa na DOT. Esquema utilizado no concurso, ver capítulo g DOT uma ideia, um começo

O único programa que à partida não se consegue associar com outro seria a casa de banho, e a cozinha com o quarto. Excetuando essas combinações, tudo o resto poderia variar.

Obviamente que muitas combinações seriam difíceis de projetar, senão até utópicas, mas num mundo revolucionário como o atual, em que cada vez mais são criadas coisas que surpreendem, demonstram que tudo é possível, até o impossível.

11.1 Exemplos que inspiraram a DOT

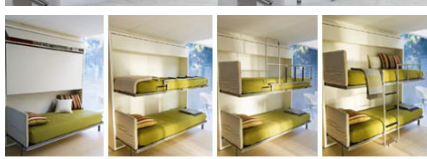


Fig. 28 a 31 - [www.bonbon.co.uk]

Fig. 32 a 35 - [www.bonbon.co.uk]

Fig. 36 a 38 - [Google]



Fig. 39 a 44 - Apartamento em Nova Iorque, projetado por Graham Hill da Life Edit.

12 A DOT no burguês: organização do espaço

Fig. 45 - Esquissos do autor

Fig. 46 - Análise da zona com mais luz no espaço indicado [esquisso do autor]

Fig. 47 - Identificação de duas áreas: mais iluminada e menos iluminada [esquisso do autor]

Fig. 48 - Análise das áreas mais privadas e mais comuns do espaço indicado [esquisso do autor]

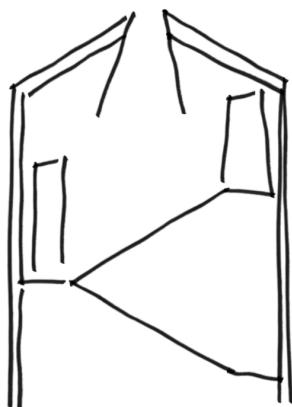


Fig. 45

Através das informações obtidas no capítulo 7 e 8 deste volume, é possível compreender as características do espaço em estudo, de forma a reunir condicionantes para o desenho de um esboço inicial.

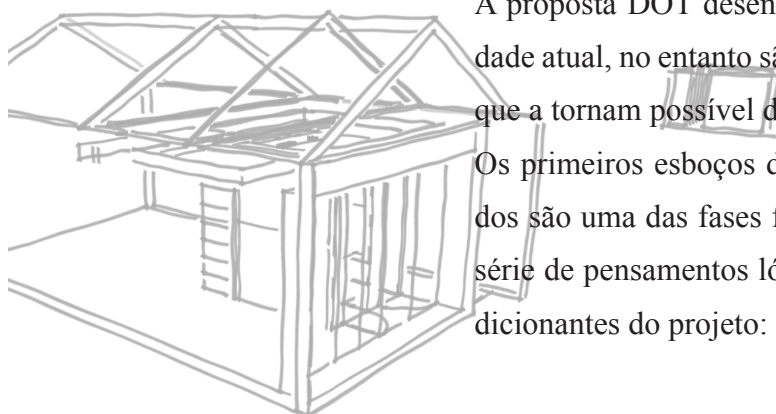
A luz natural, assim como a ventilação natural, são fatores fundamentais para criar um espaço equilibrado, agradável, e principalmente habitável. Consequentemente procurou-se dividir o espaço interior, de cada apartamento, tendo em conta as entradas de luz natural, no entanto, cada a grande profundidade e pouca largura do edifício, seria difícil criar divisões com dimensões adequadas e com entrada de luz, que respondessem a todas as necessidades programáticas duma habitação. Assim ao optar-se por um espaço amplo à partida (capítulo 7), consegue-se um aproveitamento maior da luz natural proveniente apenas de um dos lados do espaço.

Os espaços determinados para os 5 apartamentos/estúdios são consideravelmente pequenos (40 a 45m²), daí a necessidade em projetar algo compacto, economizador de espaço, prático e simples, capaz de responder tanto às necessidades de futuros usuários, mas também da casa em si.

Ao libertar o espaço procura-se deixar “respirar” as características históricas que representam um papel fundamental numa casa burguesa, e devem ser vistas como algo a preservar e a respeitar num projeto de recuperação de um espaço destes.

A proposta DOT desenvolveu-se em grande parte a pensar na sociedade atual, no entanto são as condicionantes do local onde se a projeta, que a tornam possível de concretização.

Os primeiros esboços da organização do interior dos 5 espaços criados são uma das fases fundamentais deste projeto, pois refletem uma série de pensamentos lógicos capazes de reunir todos os aspetos condicionantes do projeto:



-LUZ NATURAL: visto este ser um elemento em pouca quantidade, a prioridade neste projeto foi preservar todos os espaços que recebessem mais luz natural, ao impedir qualquer tipo de construção de elementos que impedissem a propagação da luz para o resto do espaço. Projetar qualquer tipo de elemento perto das entradas de luz natural iria escurecer ainda mais o restante espaço, como tal ter-se-ia de ter uma intervenção oposta a essa: libertar o espaço perto das entradas de luz.

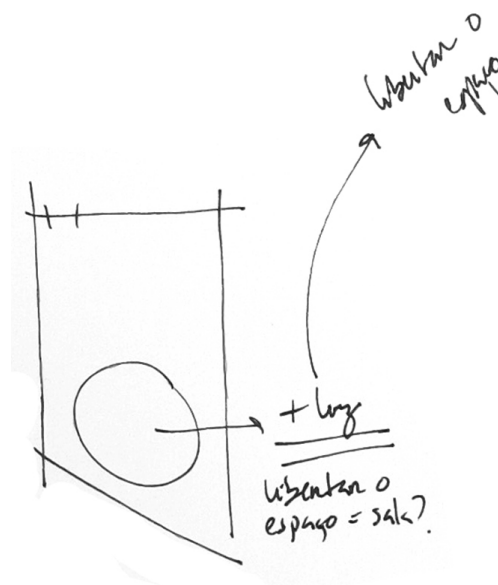


Fig. 46

-PROGRAMA: Nesta linha de pensamento, identificou-se quais os programas habitacionais que necessitam de mais luz e de menos luz e priorizou-se na seguinte ordem: cozinha e sala comum, quarto, casa de banho (mais luz para menos luz).

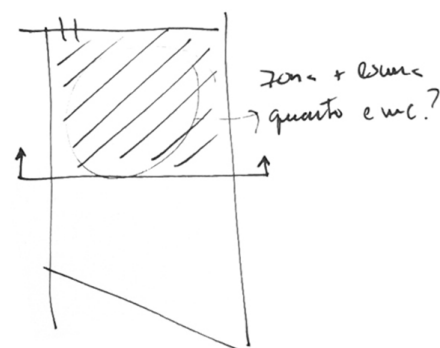


Fig. 47

-”PRIVADO” VS COMUM: Criou-se uma divisão imaginária entre dois espaços: mais iluminado, e por sua vez livre de elementos, constituído pela zona com as entradas de luz, e o menos iluminado, oposto ao anterior, constituído pela entrada do espaço. Analisando o segundo espaço é possível determinar que a zona de entrada seria vista como a zona de menos privacidade, e a zona ao lado desta seria a mais privada do apartamento em geral, propícia para o quarto.

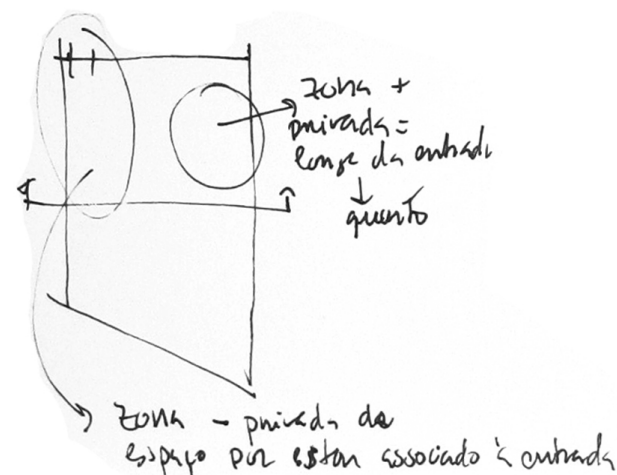


Fig. 48

Fig. 49 - Análise da localização da DOT no espaço indicado [esquisso do autor]

Fig. 50 - Portas da casa de banho abertas, transformando-a num só espaço [esquisso do autor]

Fig. 51 - Planta ilustrativa das diferentes áreas programáticas criadas pela DOT

Fig. 52 - Planta do projecto final de um dos apartamentos

Fig. 53, 54, 55 e 56 - Alçados de cada face da DOT, pela ordem: zona entrada, cozinha, quarto, casa de banho

- DOT: Ao projetar a DOT neste espaço, considera-se todos os fatores descritos, e procura-se um equilíbrio entre programas, luz e privacidade: a sala e cozinha ocupam o espaço mais livre, o quarto localiza-se no lado oposto à entrada, e por sua vez protegido pela DOT, e a casa de banho, no espaço mais escuro, mantendo acesso tanto pelo quarto como pela zona comum.

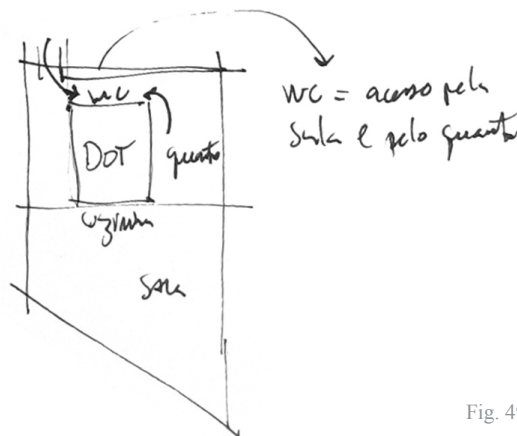


Fig. 49

Sendo a DOT um elemento que se fecha por completo (capítulo 11, volume II) foi importante determinar de que forma é que esse aspeto poderia contribuir para um espaço dinâmico. Consequentemente projetou-se cada elemento da DOT de forma a ter uma ou mais funções específicas. Contudo é impossível estudar qualquer parte da DOT em separado, por exemplo, apenas a cozinha, pois os seus elementos foram estudados de forma a interferirem com o espaço do quarto. A interligação de programas é uma das características que mais representa a dinamicidade da DOT.

A cozinha tomou por base as medidas *standard* existentes no mercado, constituída por 3 módulos de 60x60x90 cm. Os elementos que distinguem esta cozinha duma tradicionalmente vista numa habitação são precisamente os elementos que fecham a DOT nessa respetiva face: duas portas, uma de correr com 150x250 cm de dimensão, e uma porta de batente (que não estava prevista no projeto inicial, ver capítulo 16, volume II). A porta de correr para além de estar associada à cozinha, funciona como divisão temporária e cabeceira no quarto (ver figuras XeX página 105), contribuindo para um aumento na privacidade do quarto quando se utiliza a cozinha, ou simplesmente quando necessário. O quarto adquire assim mais qualidades de espaço, podendo ser alternadas de acordo com as exigências do habitante.

A casa de banho apresenta-se dividida em dois espaços, para possibilitar o uso de cada um dos seus componentes ao mesmo tempo, por exemplo, no caso de um casal, uma pessoa poder estar a usar o chuveiro enquanto a outra usa a zona sanitária. No entanto, seria interessante conseguir unir as componentes de modo a que o indivíduo pudesse usufruir dos dois ao mesmo tempo. Assim, as portas de ambos os espaços abrem para lados opostos, e apoiam-se no armário que se encontra em todo o comprimento da parede da entrada, tornando aqueles dois espaços iniciais da casa de banho, num só espaço, aumentando a sua área total e mantendo o acesso pelos dois lados do apartamento, zona comum e quarto, como é possível ver na nas Fig. 50, 51 e 53.

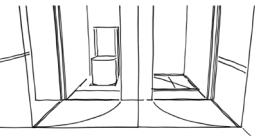


Fig. 50

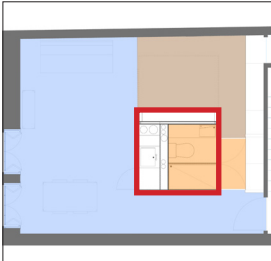
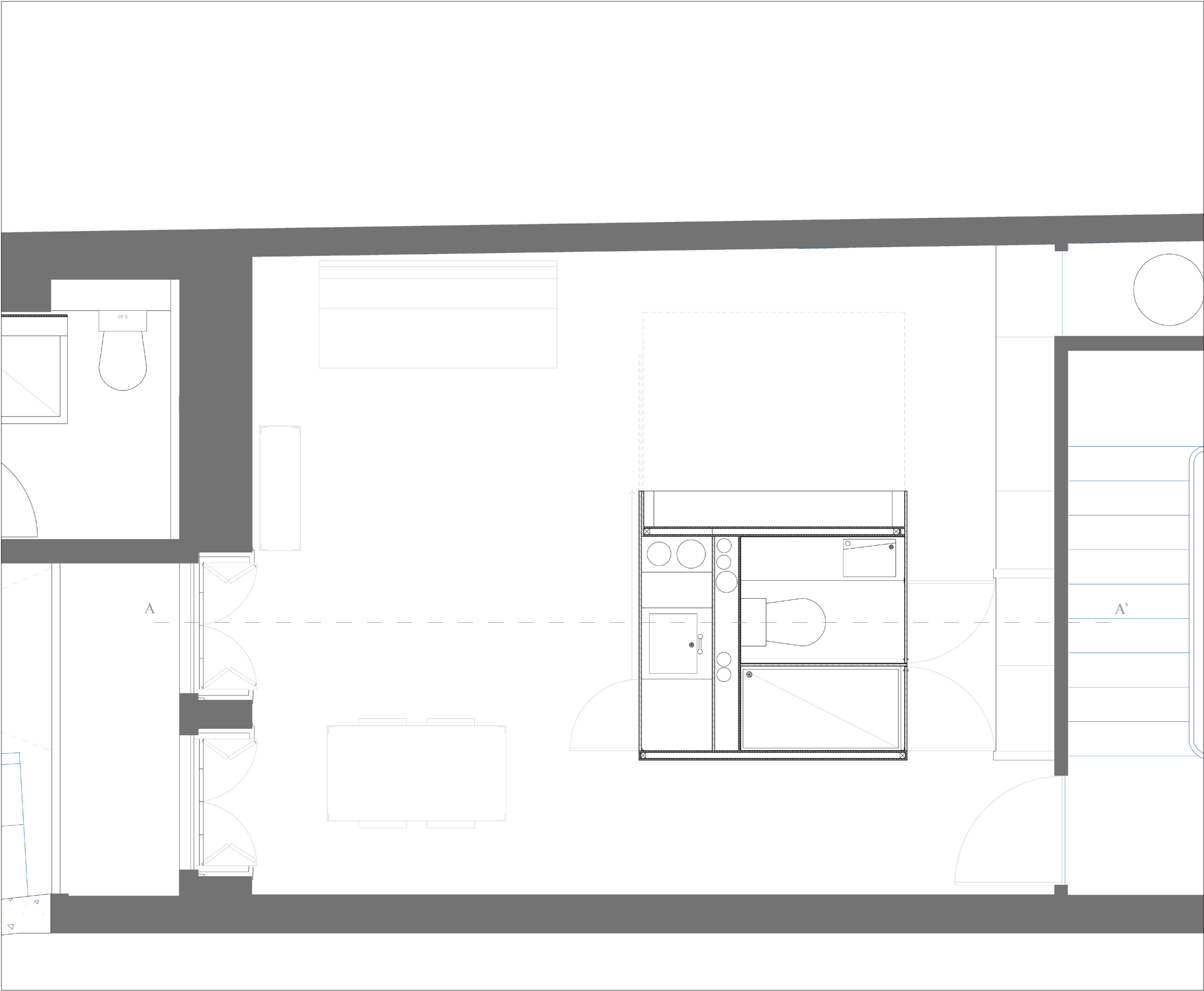


Fig. 51

- Áreas comuns: cozinha, sala e entrada
- Casa de banho
- Quarto
- DOT

Fig. 52

ESCALA 1:30



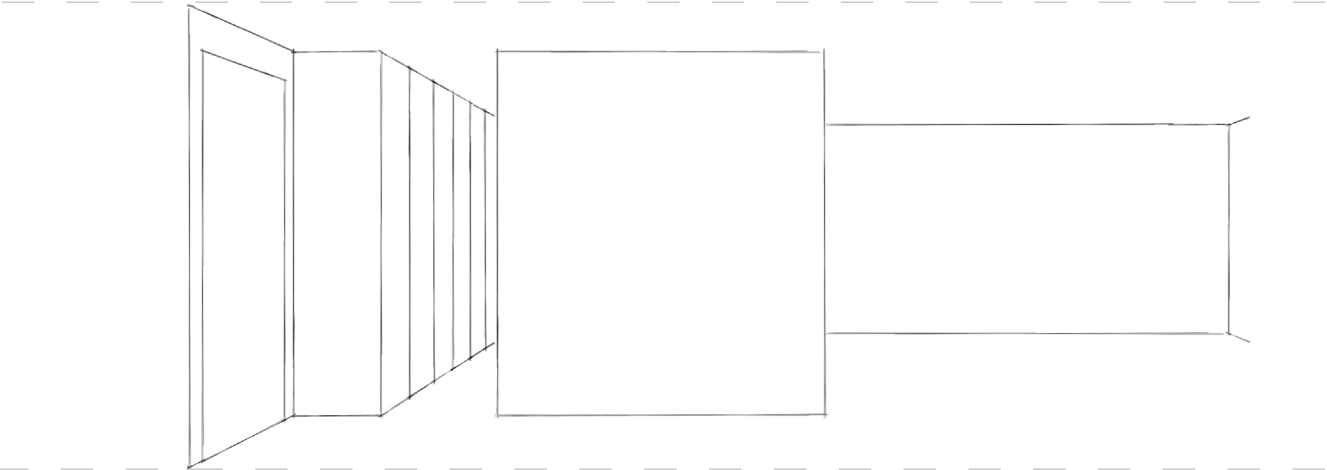


Fig. 53

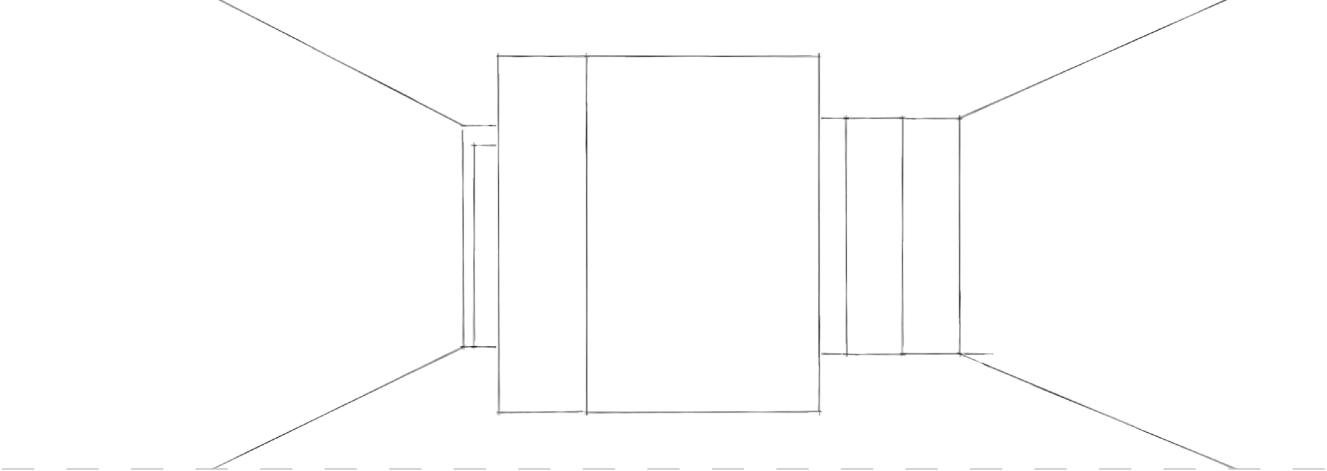


Fig. 54

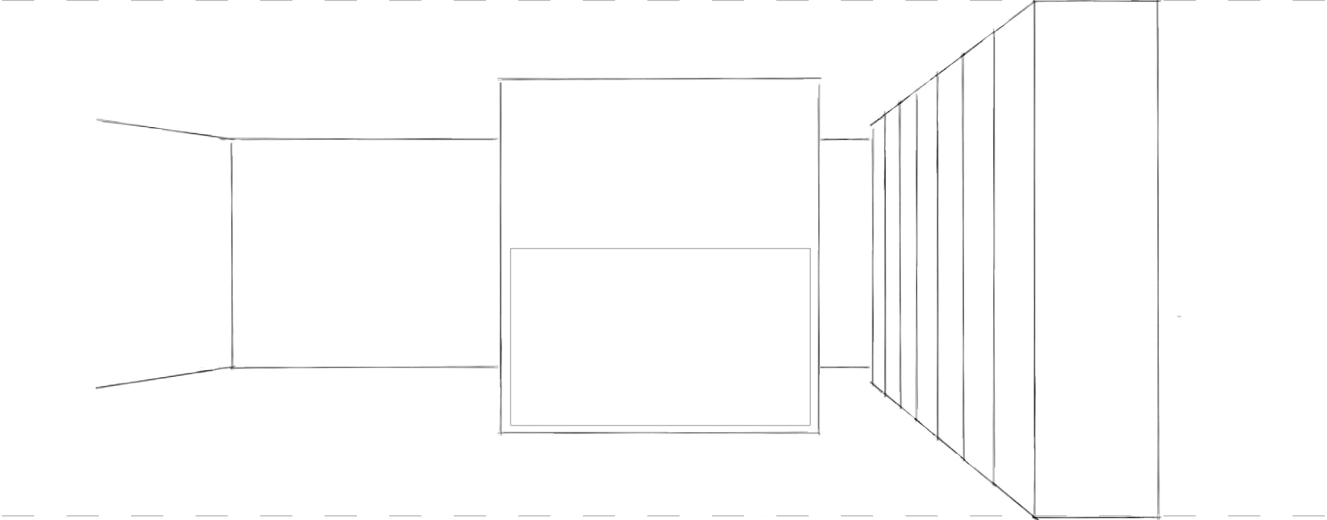


Fig. 55

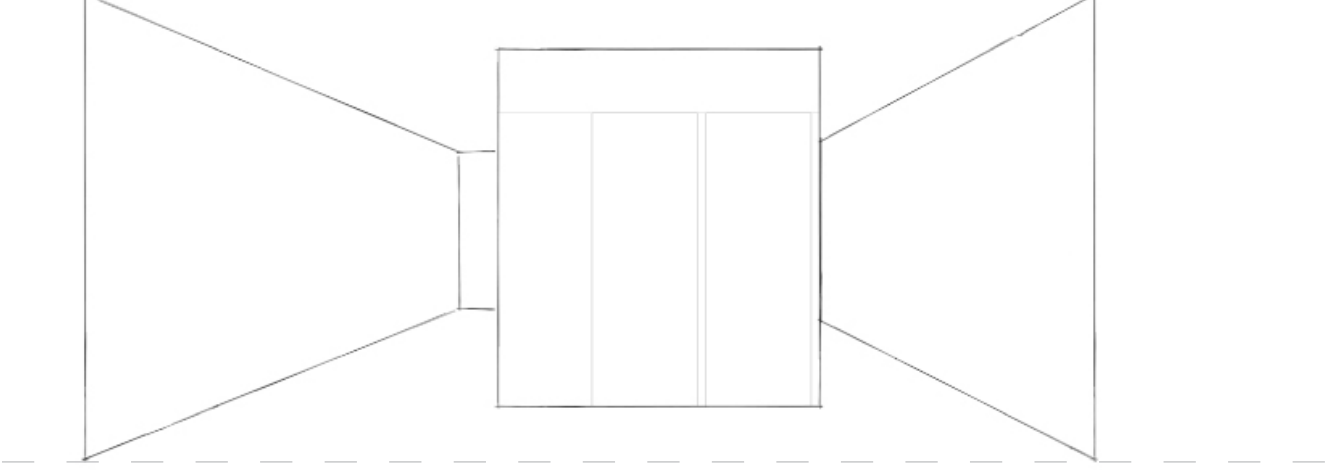


Fig. 56

Fig. 57, 58, 60, 61 - Diferentes disposições da DOT [Fotos do autor]
Fig. 59 - Planta da DOT





Fig. 59

Fig. 62, 63, 67, 68, 70 - Corredor de acesso à casa de banho da DOT e respetivo armário [Fotos do autor]

Fig. 64, 65, 66 - Sofás

Fig. 69 - Corte AA', ver figura 52





Fig. 64



Fig. 65

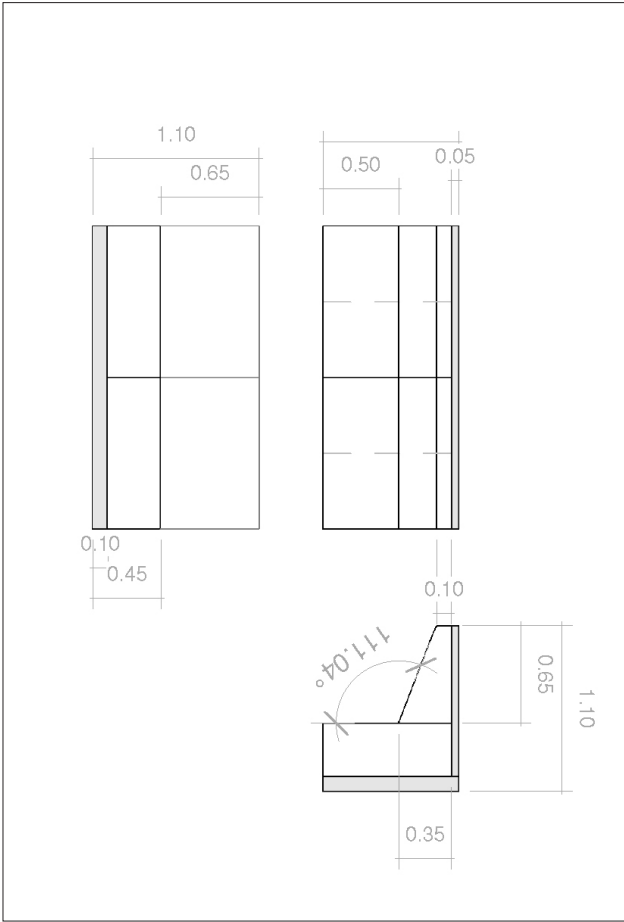


Fig. 66

ESCALA 1:50



Fig. 67

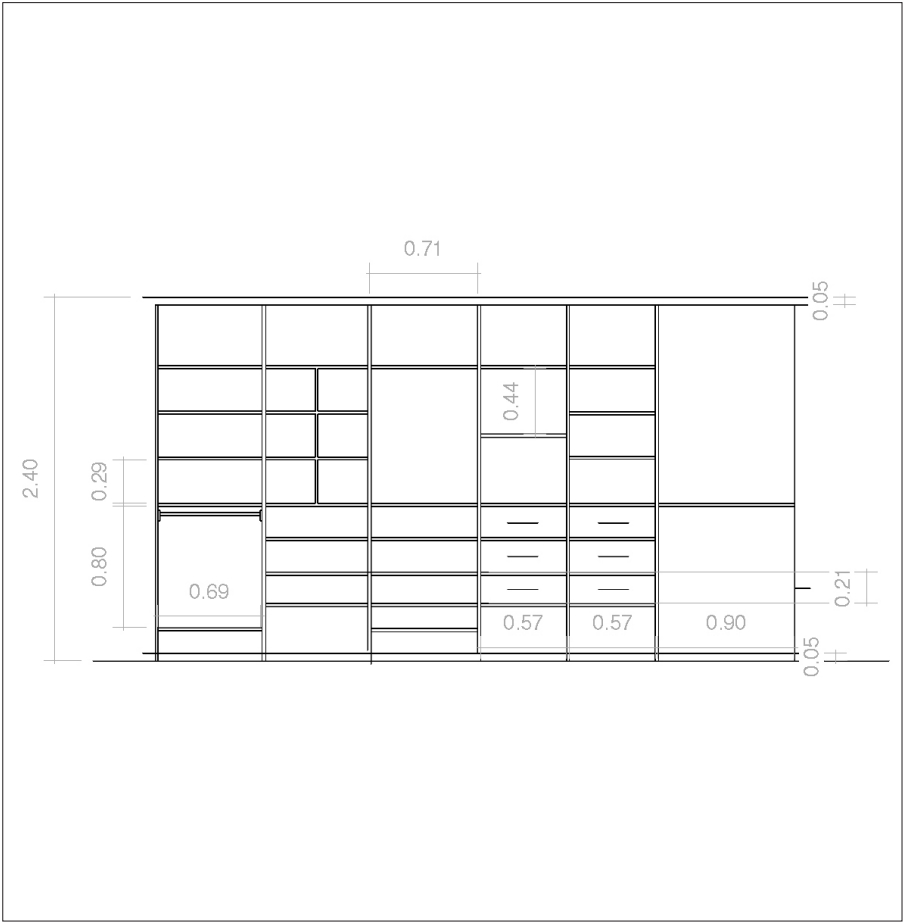


Fig. 68

ESCALA 1:50

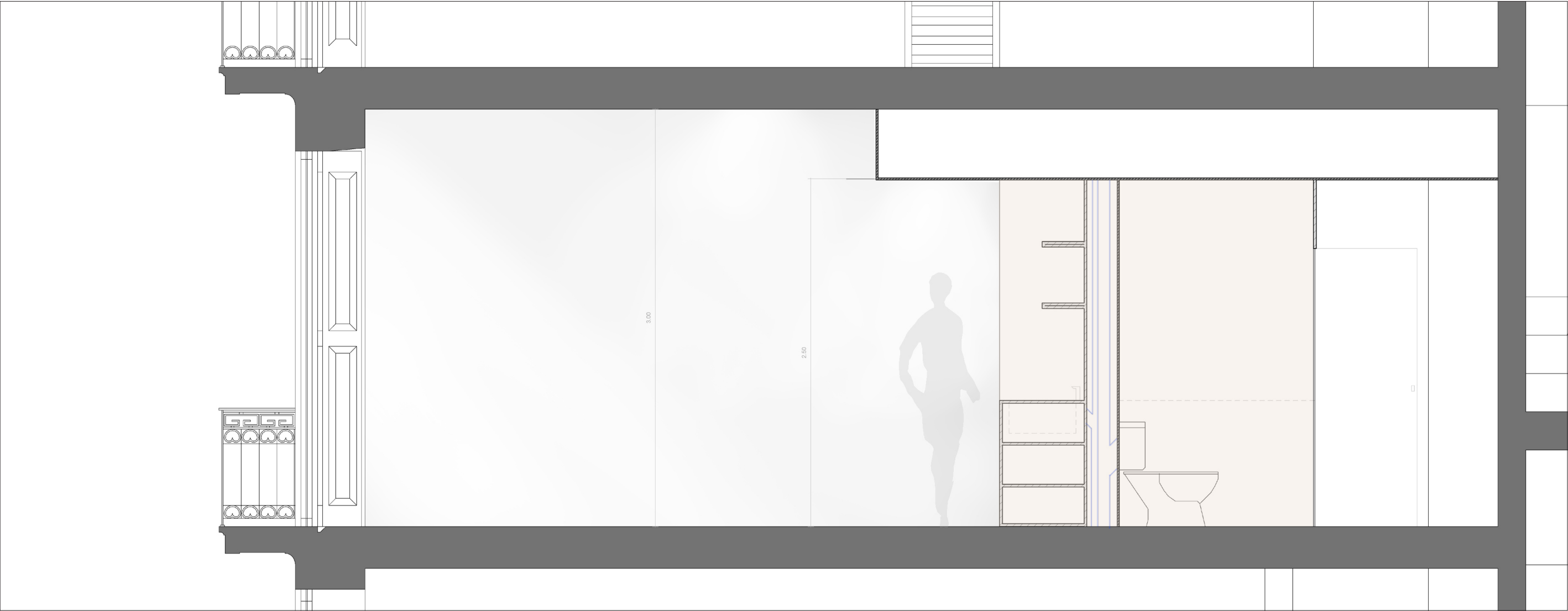


Fig. 69

ESCALA 1:30



Fig. 70

Fig. 71 a 78 - Diferentes disposições da DOT [Fotos do autor]



Fig. 71



Fig. 72



Fig. 73



Fig. 75



Fig. 74



Fig. 76



Fig. 77



Fig. 78

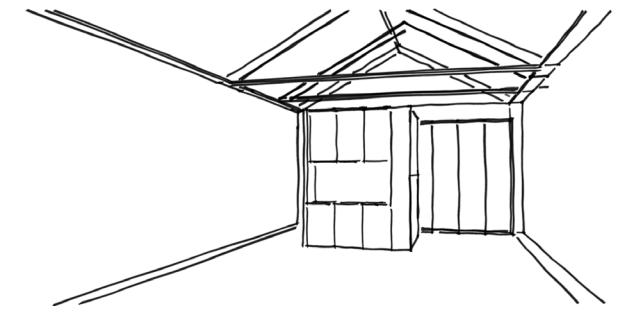


Fig. 79

- Fig. 79 - Esquisso do autor
 Fig. 80 - Claraboia [Foto do autor]
 Fig. 81 - Caixa de escadas [Foto do autor]
 Fig. 82 - Planta primeiro piso
 Fig. 83 - Planta rés-do-chão
 Fig. 84 - Esquisso do autor
 Fig. 85 - Águas Furtadas durante a reconstrução [Foto do autor]

Para além dos 5 apartamentos, projetou-se um sexto apartamento na zona tardoz do edifício (ver capítulo 3 volume II), limitado por um espaço consideravelmente mais pequeno. Este, contrariamente aos restantes, não se condiciona tanto pela entrada de luz, visto ter duas fachadas completamente abertas (ver fig. 82), no entanto, pela sua largura ter dimensões muito reduzidas (1,80m) tornou-se impossível incorporar a DOT, como caixa. Contudo ao analisar o espaço, verificou-se que uma boa solução seria colocar todo o programa num só armário junto à parede mais longa, libertando todos os outros espaços. Assim, pensou-se na DOT não como uma caixa mas como um conjunto de elementos interligados entre si, que se poderiam dispor tanto na forma cúbica, como também numa forma mais longitudinal, aplicando-se neste exemplo em concreto, como é possível ver na planta 82. Todavia, este apartamento ainda não está concluído.

As casas burguesas do Porto apresentam características únicas não só em detalhes decorativos, mas essencialmente em técnicas de construção. Numa intervenção destas é de valorizar todos esses pormenores, pois enriquecem o valor patrimonial da casa e transmitem as emoções e a cultura duma outra época. Contudo, por vezes torna-se difícil recuperar ou manter tais características, nomeadamente as incríveis estruturas em tabique utilizadas nas paredes interiores e das águas furtadas. A fig. 85 mostra o “esqueleto” estrutural da casa, repleto de técnicas e materiais da arquitetura burguesa. Assim como este exemplo, seria interessante e magnífico conseguir transmitir e tornar estas características visíveis para quem lá habitasse. Alguns elementos foram possíveis recuperar e manter, como a caixa de escadas, claraboia (fig. 80-81) e portadas de madeira, no entanto, por motivos financeiros, técnicos e até mesmo habitacionais, em alguns casos não seria a opção mais viável, como a incrível estrutura em tabique. Fica porém registado todo o processo de construção que teve em consideração o valor histórico que a construção existente transmite (ver capítulo 17 volume II).



Fig. 80

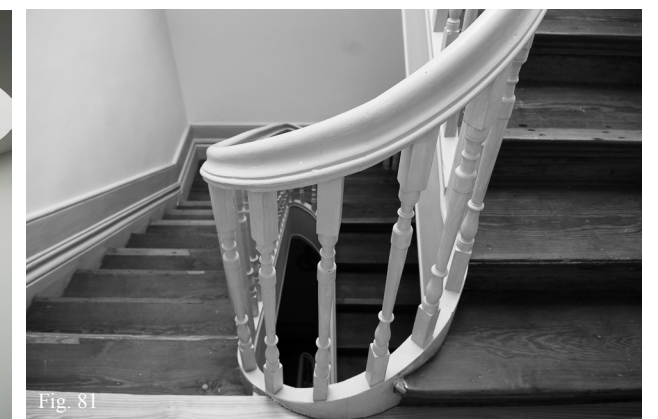


Fig. 81

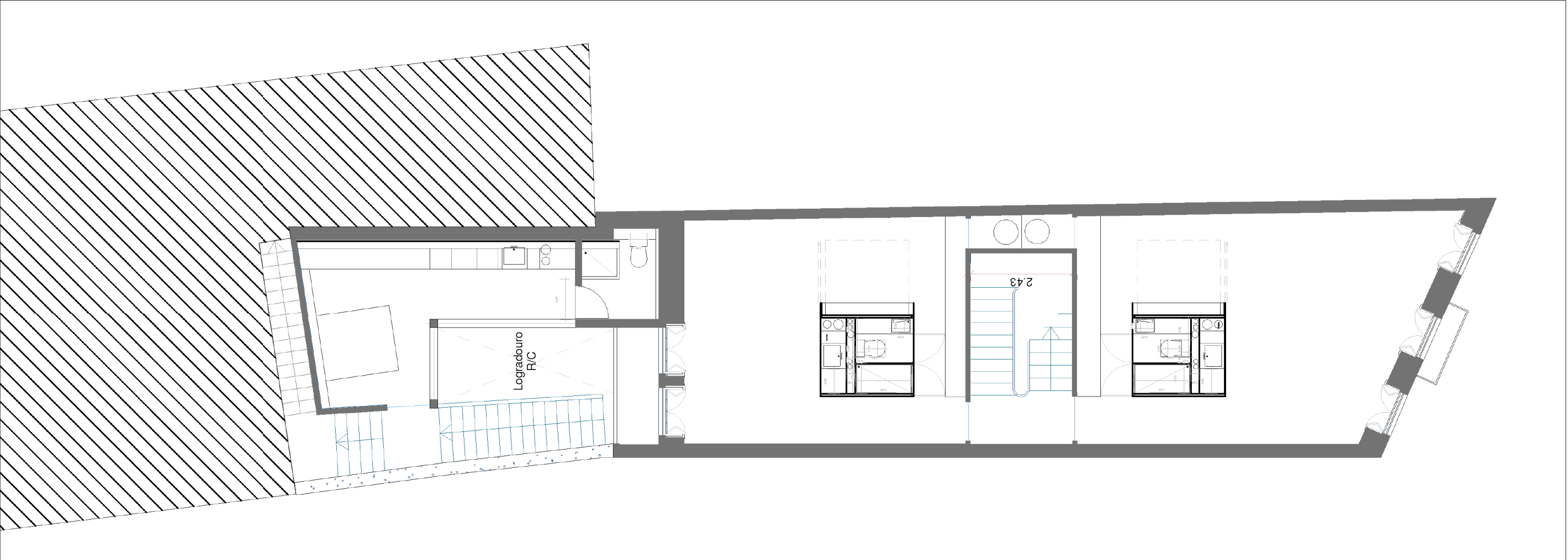


Fig. 82

ESCALA 1:100

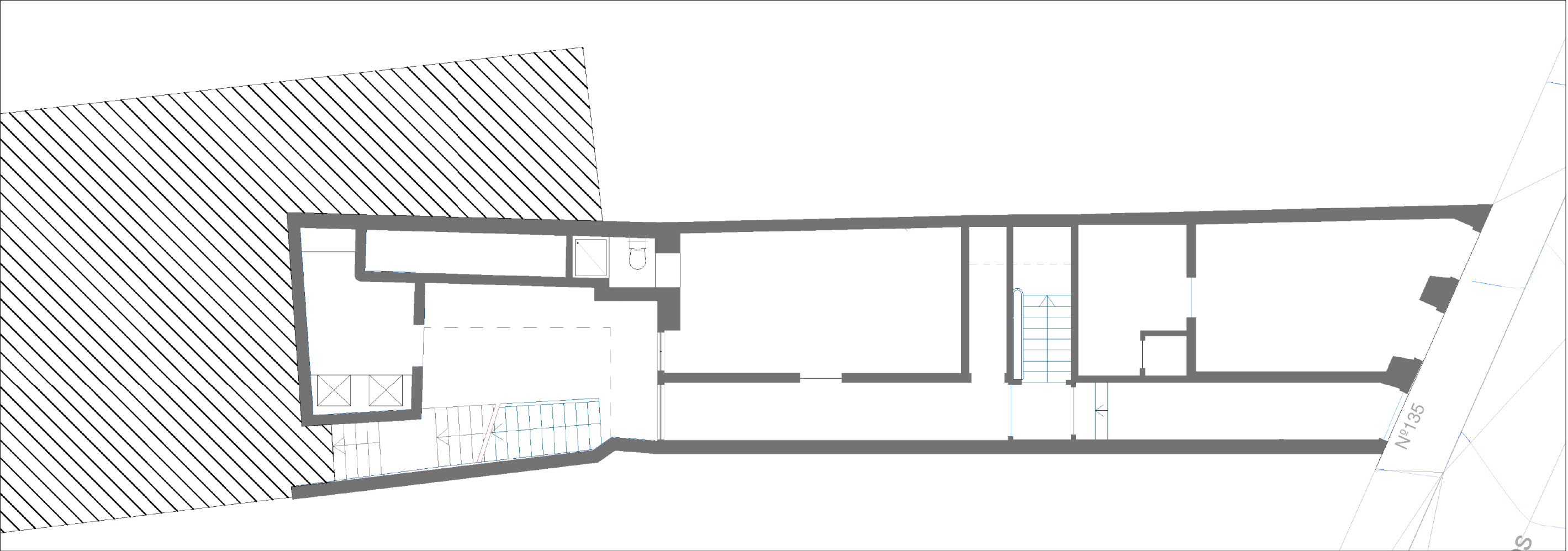


Fig. 83

ESCALA 1:100

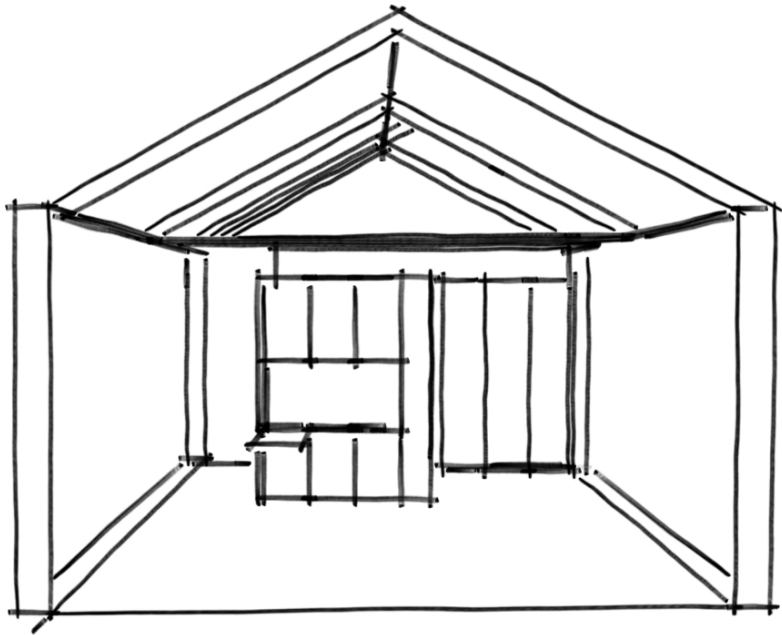


Fig. 84



Fig. 85



Fig. 87



Fig. 88

Fig. 86 - Esquisso do autor
Fig. 87 - Mezzanine, segundo piso frente [Foto do autor]
Fig. 88 e 89- Vista dos mezzanines [Foto do autor]
Fig. 90 e 92- Planta dos mezzanines
Fig. 91 - Planta águas furtadas, terceiro piso
Fig. 93 - Planta segundo piso
Fig. 94 - Caixa de escadas [foto do autor]

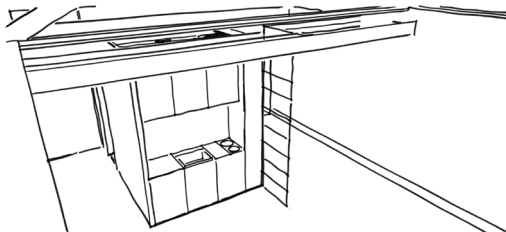


Fig. 86

Nos pisos em contacto com o telhado foram criados *mezzanines*, pisos intermédios, para um maior aproveitamento de áreas. Estão localizados em dois apartamentos, e inicialmente previa-se corresponderem a áreas comuns, no entanto, o proprietário preferiu a criação de mais quartos. (Fig. 87)



Fig. 89

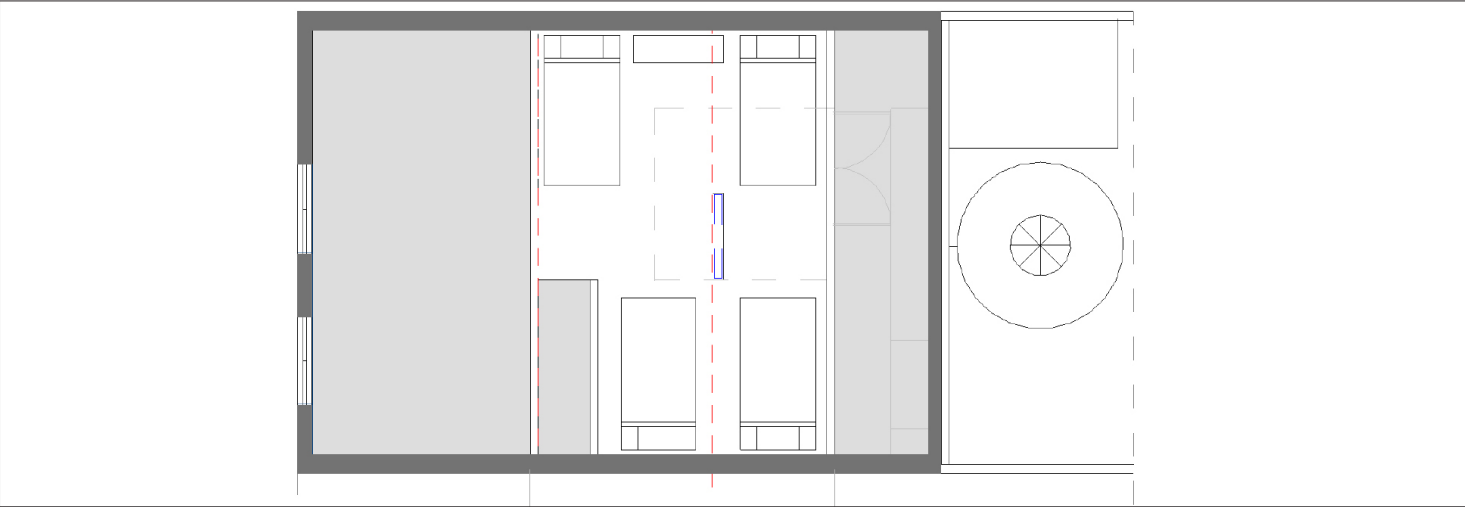


Fig. 90

ESCALA 1:100

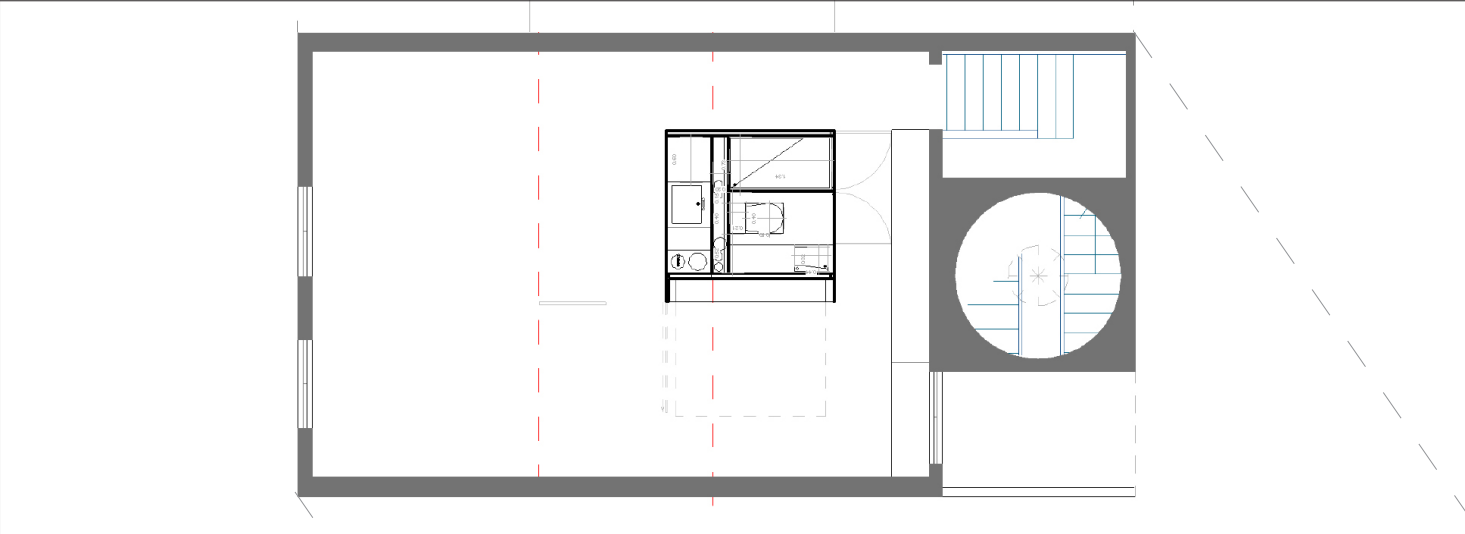


Fig. 91

ESCALA 1:100

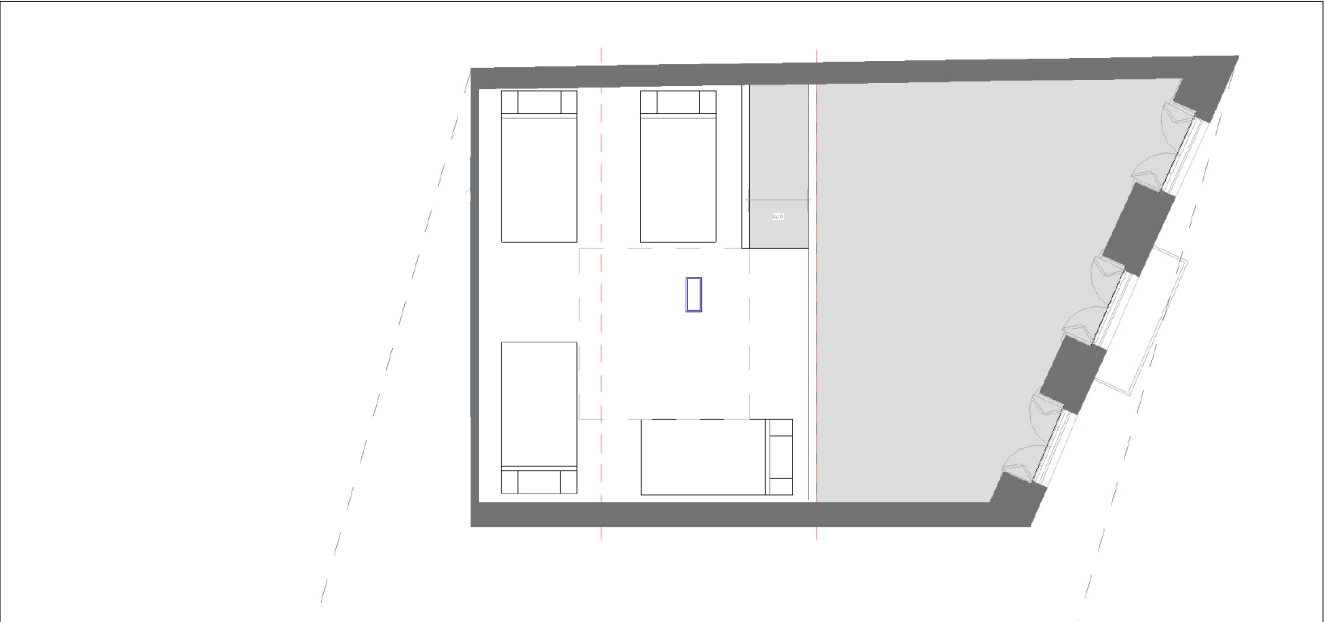


Fig. 92

ESCALA 1:100

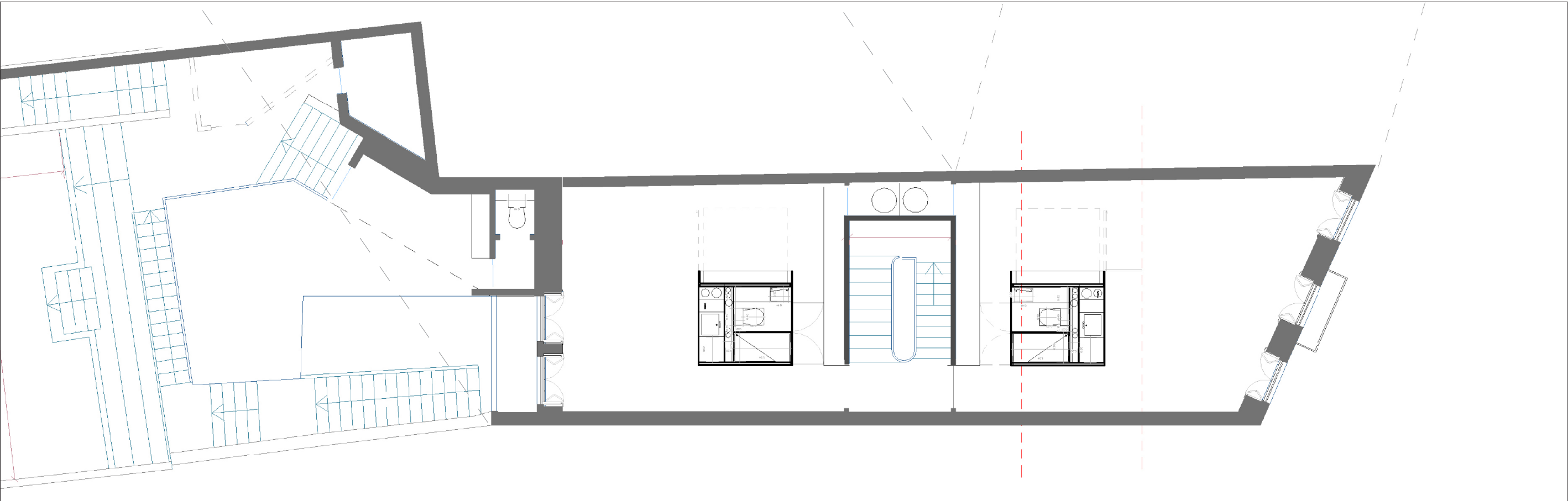


Fig. 93

ESCALA 1:100



Fig. 94

Fig. 95, 96, 97 - Espaço exterior [Foto do autor]
Fig. 98 - Caixilharia existente [Foto do autor]
Fig. 99 - Mobiliário antigo antes de recuperação [Foto do autor]
Fig. 100 - Mobiliário antigo depois de recuperação [Foto do autor]
Fig. 101 - Corte longitudinal BB' e planta de cobertura com indicação das vigas estruturais no telhado e da localização da DOT
Fig. 102 - Vista nocturna do interior, com iluminação da caixa de escadas [Foto do autor]
Fig. 103 - Estrutura do telhado em vista no interior do apartamento [Foto do autor]
Fig. 104 - Zona do quarto de um dos apartamentos [Foto do autor]

O jardim exterior surpreende, pois a casa, vista pela rua, não aparenta ter uma área tão grande de jardim na zona tardoz. Apesar de ainda não muito explorado, procurou-se criar zonas cobertas através da construção existente e manteve-se as paredes em pedra, que simbolizam muito da arquitetura burguesa. (Fig. 95, 96 e 97)

Como decoração, tenciona-se utilizar portas e caixilharias existentes na casa (fig. 98) que não foram possíveis de recuperar, mas que no entanto pelo seu desenho e detalhes, serão utilizadas como elementos decorativos transmissores da história da casa. Como mobiliário decorativo, recuperou-se algumas peças antigas, que ao contrastarem com a DOT, inseriam-se na história da casa (ver Fig. 99 e 100)



Fig. 95



Fig. 96



Fig. 97



Fig. 98



Fig. 99



Fig. 100

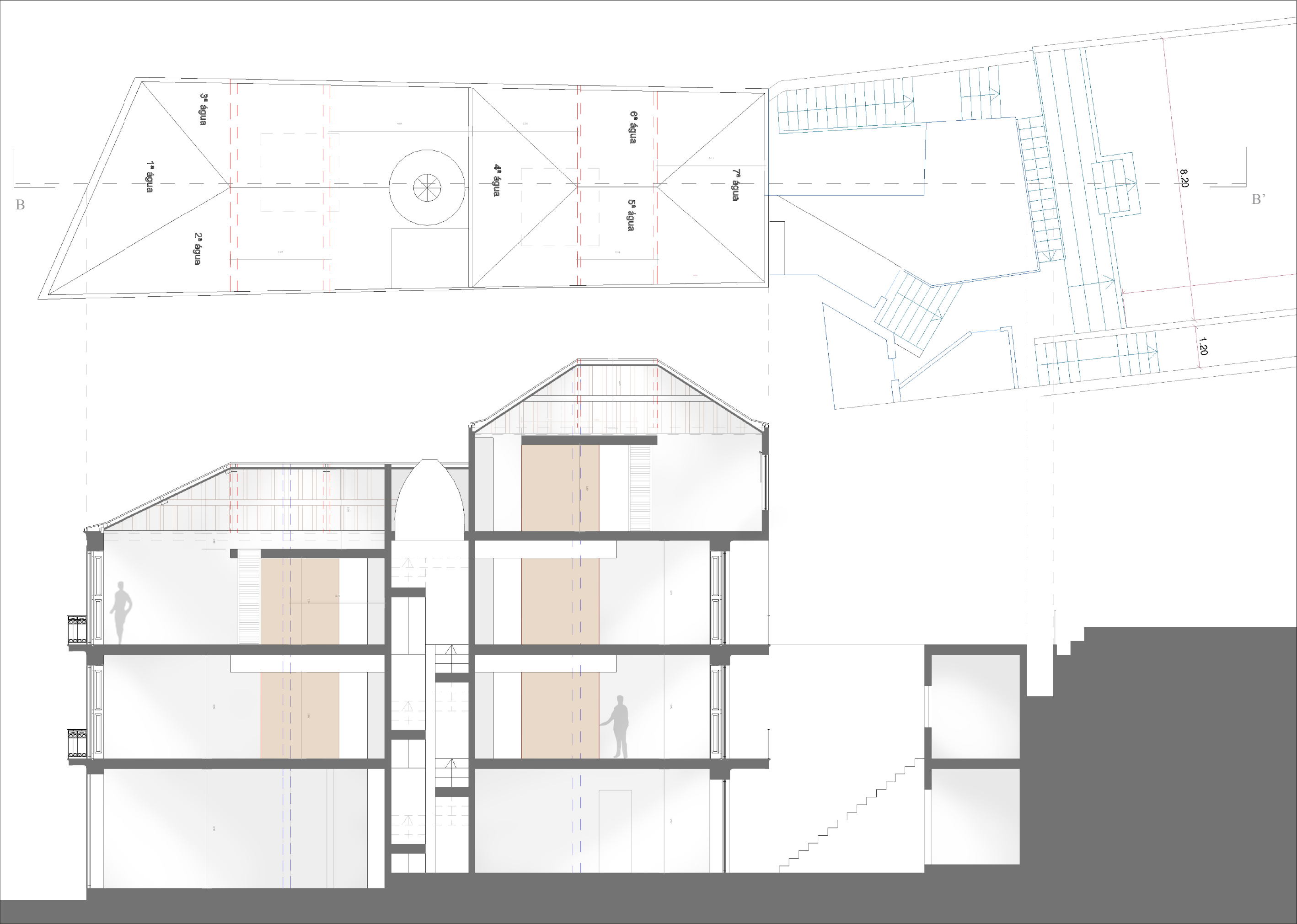


Fig. 101



Fig. 102



Fig. 103



Fig. 105



Fig. 106



Fig. 104



Fig. 107

ESCALA 1:100



Fig. 108



Fig. 109



Fig. 110



Fig. 111

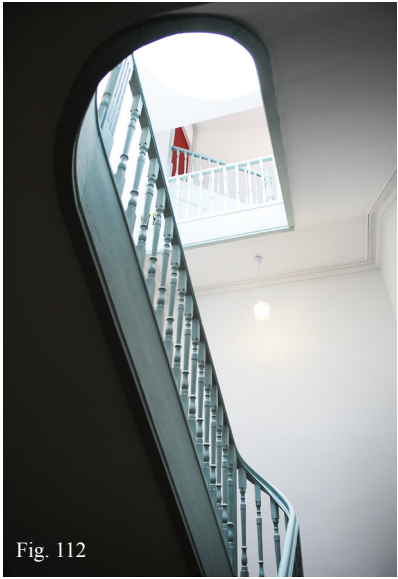


Fig. 112



Fig. 113



Fig. 114

ESCALA 1:100



Fig. 115

ESCALA 1:100

14 Materiais

Fig. 105, 106, 107 - Fotografias e planta do alçado tardoz [Fotos do autor]
 Fig. 108 e 109 - Janelas, vista interior [Fotos do autor]
 Fig. 110 e 114 - Fotografia e planta do alçado principal [Foto do autor]
 Fig. 111 - Vista do telhado, comparar com fig. 115 [Foto do autor]
 Fig. 112 e 113 - Caixa de escadas [Fotos do autor]
 Fig. 116 e 117 - Vista interior da claraboia e exterior da zona tardoz [Fotos do autor]



Fig. 116



Fig. 117

Recuperar todos os detalhes característicos da arquitetura burguesa no prédio seria demasiado dispendioso para o proprietário, optando-se por preservar os que se encontravam em bom estado, como caixa de escadas e os rodapés da mesma, claraboia, varandas, portadas em madeira, azulejos da entrada (Fig. 80, 81, 94, 116) e reutilizar os que, por estarem mais degradados e não poderem ser usados nas funções que lhes eram destinadas sem que houvesse um grande investimento (fig. 98), que foram usadas como elementos decorativos em alguns sítios da casa, como por exemplo, guardas em ferro, que foram no espaço exterior, entre outros. Nos pisos em contacto com a cobertura, tomou-se a decisão arquitetónica de deixar as vigas de madeira visíveis (fig. 87), que acabou por ser das soluções mais económicas, no entanto foi das poucas escolhas que teve a estética em primeira consideração e o gasto financeiro em último. Isto porque se trata de algo responsável, em grande parte, pela identidade interior da casa, uma característica que exalta os valores e a construção histórica.

No último piso, mais concretamente o piso recuado correspondente às águas furtadas, a construção estrutural era em tabique (Fig. 85) que, por se apresentar em boas condições optou-se por mantê-la e reforçá-la. No entanto gerou alguns problemas relativamente ao revestimento exterior e interior. Como no interior de todo o edifício foi usado gesso cartonado para revestimento, à exceção das paredes de pedra no rés-do-chão, pretendia-se usar o mesmo revestimento interior no último piso, no entanto, para a estrutura em tabique conseguir suportar o gesso cartonado foi necessário criar uma estrutura metálica associada ao tabique que iria servir como suporte de fixação tanto do gesso cartonado no interior como no material de revestimento exterior: chapa perfilada⁵ (Fig. 106). Assim conciliou-se uma técnica de construção antiga com uma atual. A DOT foi pensada até na forma de ser construída. Considerando que pode não ser vista como uma divisão, mas talvez como um mobiliário que incorpora todas as funções da casa, procurou-se utilizar materiais que o transmitissem. Optar-se-ia novamente pela simplicidade da cor branca em contraste com as madeiras existentes que transmitem os valores históricos da casa (Fig. 71 a 78), e tornando-a num elemento que se exalta do espaço envolvente, mas não o suficiente para se tornar demasiado imponente no cenário. Visto ter sido usado gesso cartonado em todas as paredes interiores, aproveitou-se o material para a estrutura da DOT, em forma de “H” (Fig. 23). Foram criados uns perfis metálicos para o suportar. Para as restantes superfícies foi utilizado placa de fibra de madeira de média densidade (MDF).

5 - “A utilização de chapa perfilada em revestimentos de coberturas e fachadas é uma solução técnica e economicamente competitiva. Variando a espessura da chapa e as características geométricas da secção, podemos obter componentes leves capazes de vencer diferentes vãos.” [http://www.ofeliz.pt/ - empresa de construção]

Fig. 1118 a 122 - Pormenores construtivos da DOT

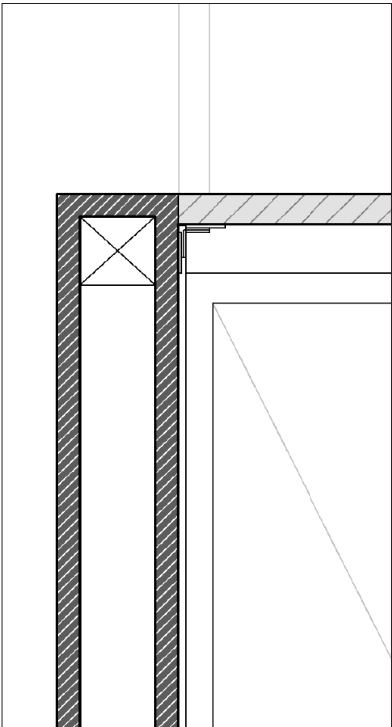


Fig. 118

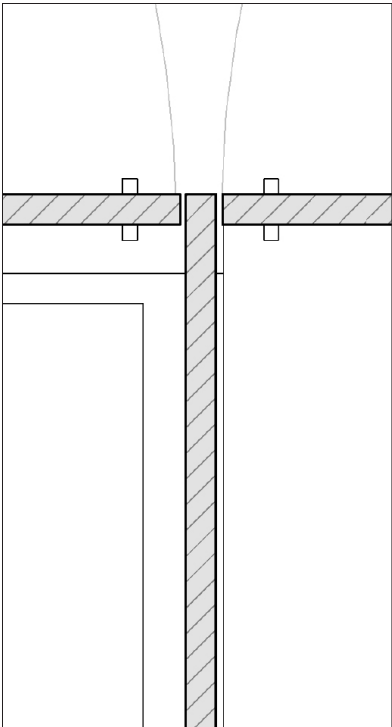


Fig. 119

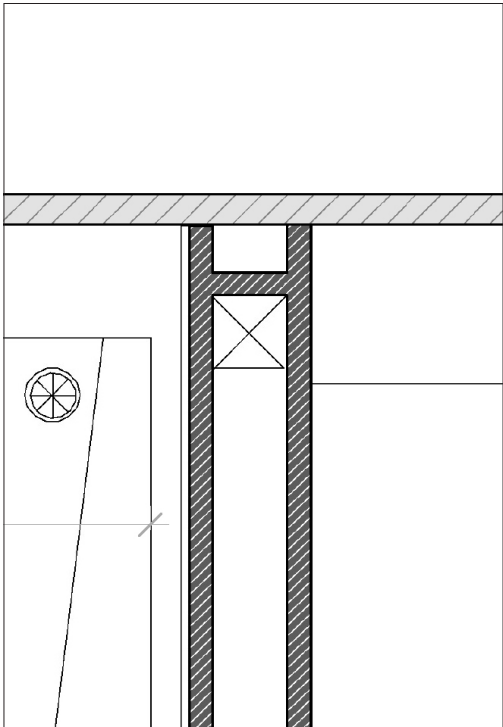


Fig. 120

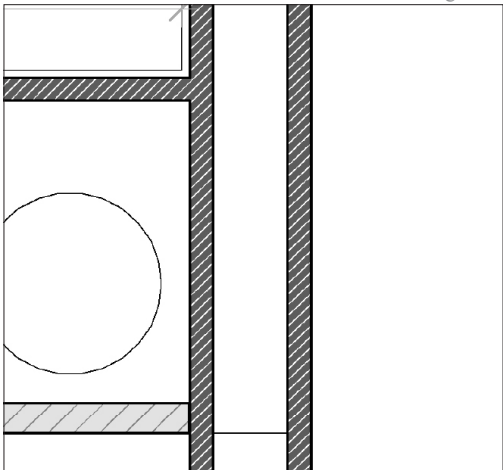


Fig. 121

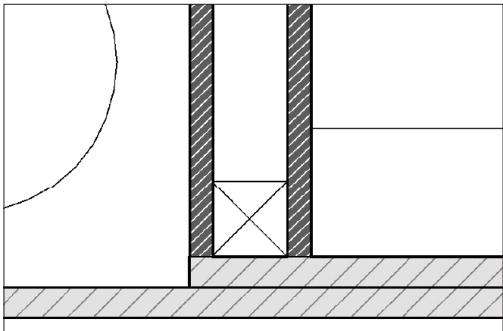
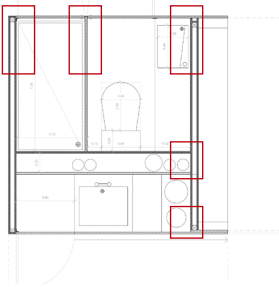


Fig. 122



- Gesso cartonado
- Madeira de média densidade (MDF)

ESCALA 1:5

15 Sistema Elétrico

Fig. 123 - Planta R/C. A vermelho, localização do quadro elétrico

Fig. 124 - Planta do sistema elétrico na DOT.

Fig. 125 e 126 - Instalação elétrica [Fotos do autor]

O sistema elétrico do edifício todo foi suportado por 3 contadores de eletricidade (Fig. 123). Um direcionado apenas para a área comercial, de modo a ter uso independente, e os outros dois para o resto do edifício habitacional. Seria possível conciliar a parte habitacional apenas num contador, no entanto optou-se por dois visto ser a opção mais viável em caso de ocupação total do edifício, nomeadamente dos 5 apartamentos.

Toda a iluminação foi equipada com diodo emissor de luz (Light emitting diode – LED), que por vezes não é visto como a solução mais económica instantânea mas relativamente a custos de longa duração já o é, justificando-se a escolha. A prioridade em manter esta obra económica passou não só pelas despesas a curto prazo, mas também pelas de longo prazo, proporcionando assim uma economia de recursos.

Para o aquecimento de águas foram aplicados coletores solares a vácuo (que têm uma capacidade de absorção da energia solar de até 96%, quase três vezes superior aos usados nos coletores convencionais), que se tornou num investimento elevado, no entanto a longo prazo apresenta-se como uma das soluções mais económicas e amigas do ambiente.

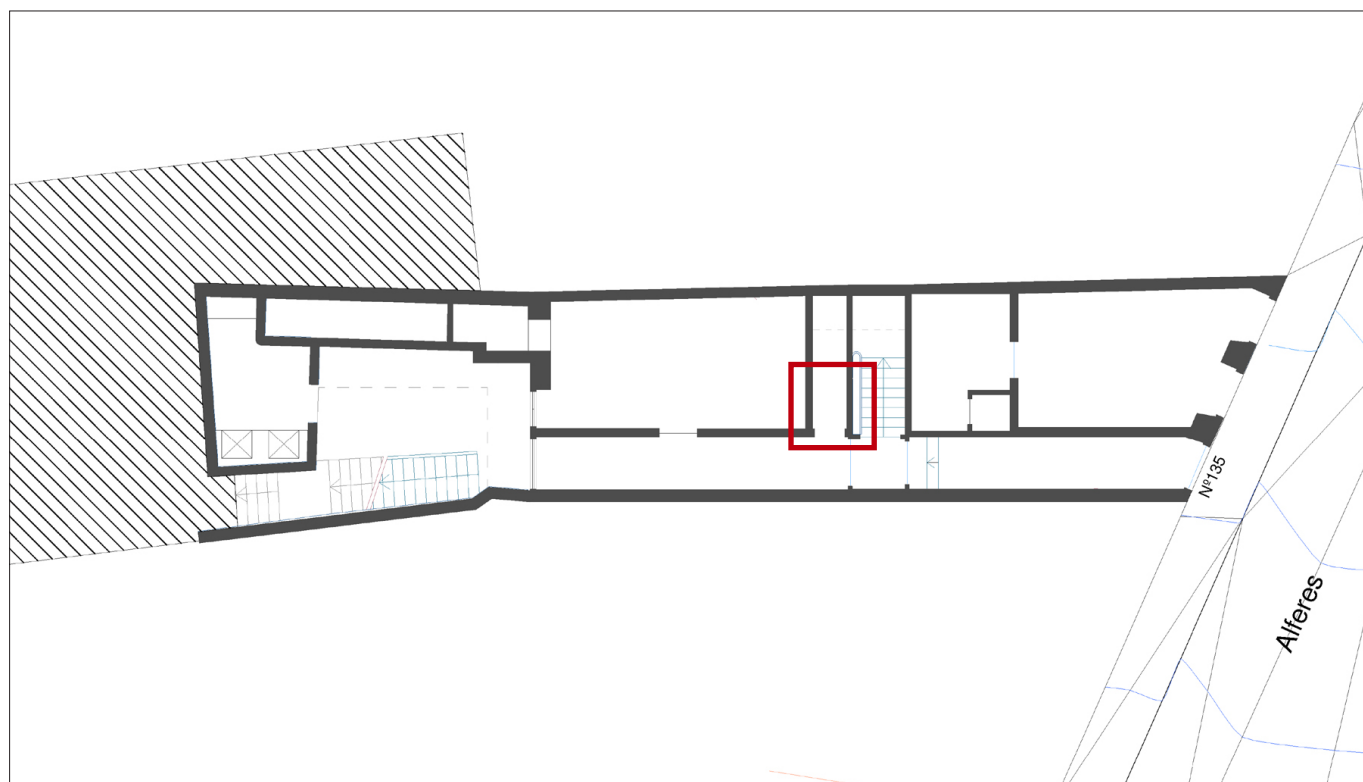


Fig. 123

ESCALA 1:200

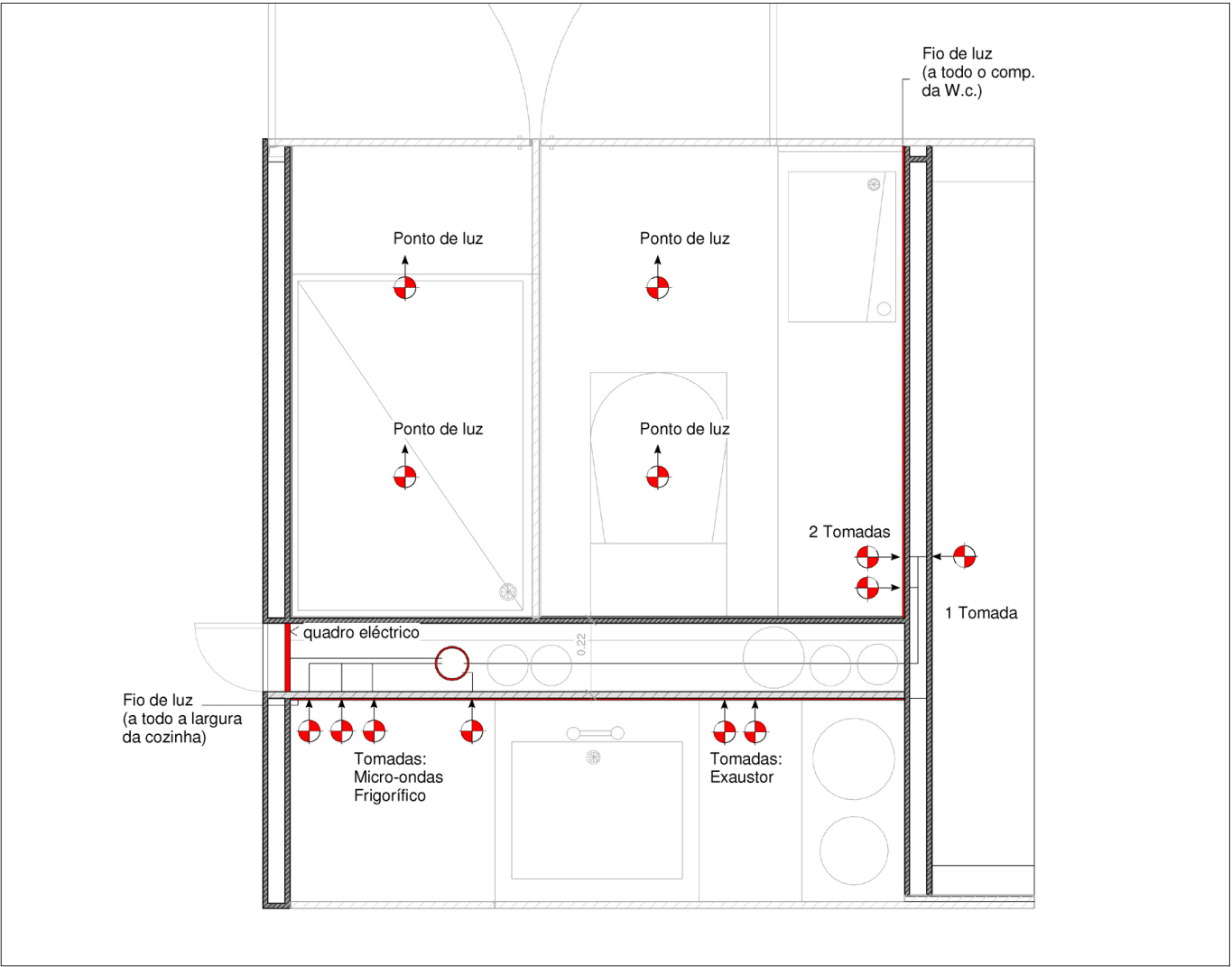


Fig. 124

ESCALA 1:20



Fig. 125



Fig. 126

16 O projecto inicial

Inicialmente, a primeira proposta da DOT apresentava algumas diferenças da atual que, mais uma vez por motivos financeiros, não puderam ser concretizadas.

Tendo como objetivo poder fechar-se por completo, não deixando transparecer o seu interior em nenhuma das faces, procurou-se que todo o material/técnicas utilizadas para “fechar” a DOT fossem utilizados de forma inteligente, e útil no máximo possível de coisa. Assim como acontece com a porta de correr da cozinha, que quando está aberta funciona como separador/cabeceira da zona do quarto, criando portanto uma divisão física que inicialmente não existia, também a outra porta da cozinha tinha uma função fundamental, e não servia apenas para esconder o seu interior como está atualmente. O objetivo dessa porta seria de, através dum sistema de rebatimento, transformar-se numa pequena mesa de apoio que estenderia a área de balcão da cozinha e que poderia também ser utilizado para refeições pequenas entre no máximo duas pessoas (Fig. 131). Este processo foi investigado e ponderado, assim como tudo na DOT, contudo os gastos numa aplicação assim eram demasiado grandes e acabou por não se concretizar.

Outra alteração, que poderá ainda ser realizada num futuro próximo, está relacionada com a função do espaço considerado quarto. Ao utilizar um sistema de rebatimento da cama pretendia-se criar uma dinâmica no espaço, podendo alterar as suas funções de acordo com as necessidades do usuário. Assim, quando a cama estivesse aberta funcionaria como quarto, e quando fechada funcionaria como escritório (Fig. 130). Existiria uma placa do comprimento da cama e de largura de 0.5m junto à superfície que suporta o colchão, que seria possível rebater assim que a cama se encontrasse fechada. Este processo, apesar de simples e à partida não aparentar ser muito dispendioso, não foi concretizado pois existiu uma preocupação com a duração do sistema. A pressão que o usuário iria exercer sobre aquela mesa rebatível, uma vez sentado, como num escritório, seria capaz de ser superior à suportada realmente pelo sistema de rebatimento. Assim optou-se por fazer mais testes antes de aplicar tal solução, e com o decorrer da obra, e o *stress* de acabar o mais rápido possível nos últimos meses, decidiu-se por não incorporar tal função, apesar de fundamental.

Um outro problema surgiu ao longo do desenvolvimento do projeto, relacionado com o pé direito dos espaços interiores. Viste ser superior a 3 metros em todos os pisos, surgiram dúvidas se a porta de correr da cozinha, considerando a sua dimensão, os vapores produzidos ao cozinhar, e o facto de não ter fixação ao soalho, não se deformaria após algum período de tempo. Como tal foi essencial diminuir o tamanho dela, e

Fig. 127 e 128- Pormenor do tecto falso criado na zona da DOT

Fig. 129 - Corte do pormenor do tecto falso criado na zona da DOT

Fig. 130 - Exemplo de uma cama e mesa rebatível, associadas entre si, funcionando de forma alternada. [Google]

Fig. 131 - Exemplo de uma mesa de cozinha rebatível [Google]

em vez de ter uma altura equivalente ao pé direito do espaço, reduziu-se o tamanho para 2.5m. Este processo obrigou a reduzir o pé direito de toda a DOT, que até contribuiu com o seu equilíbrio final de dimensões. Para resolver a distância do topo da DOT ao teto, criou-se um tecto falso para uma parte do espaço, como é possível visualizar nas figuras 127, 128 e 129.

Surgiram mais alterações ao longo dos meses de trabalho o que mostra que um projeto, por mais estável em papel, sujeita-se sempre a mudanças e é a função do arquiteto aceitar, e saber lidar o melhor possível com elas.



Fig. 127



Fig. 128



Fig. 129



Fig. 130



Fig. 131

f

FINAL THOUGHTS

f

CONSIDERAÇÕES FINAIS

17 Acompanhamento da obra

É importante destacar novamente o fator económico desta obra, responsável por muitas alterações ao inicialmente pretendido, escolha de materiais prioritariamente mais económicos e bons do que esteticamente melhores, entre outros.

Foi imprescindível um acompanhamento diário da obra, tanto na fase inicial, de limpeza de entulho como na fase final de acabamentos. Aprende-se muito quando as teorias são postas em prática e para um arquiteto é provavelmente um dos passos mais importantes na concretização do projeto.

O proprietário teve um papel muito importante na obra toda. Acompanhou-a diariamente, lidou com todos os aspetos, problemas que iam surgindo e pessoas que estavam envolvidas na obra. Não era possível contratar alguém com experiência para gerir a obra, de tal forma que tanto ele, como todas as pessoas envolvidas na obra, sem muita experiência, estudaram, organizaram e viveram todas as etapas.

A primeira fase (figuras identificadas como “primeira fase da construção”), considerada pelo proprietário *“sem dúvida a fase mais difícil e cansativa da obra toda”*, correspondia à limpeza do edifício, à seleção de materiais bons dos maus, ao *“descascar a casa, deixando apenas o seu esqueleto estrutural”*. Para quem tem pouca experiência em situações do género, algumas decisões foram tomadas precipitadamente e *“se fosse hoje fazia de forma muito mais simples”*, disse Filipe.

Numa primeira análise da casa, foi decidido manter o soalho, ou partes dele. O objetivo seria, visto não se apresentar muito degradado, aproveitar o máximo possível e substituir toda a madeira em estado crítico. Esta decisão fez com que todo o entulho que era retirado da casa (150 a 200 toneladas totais), teria de ser transportado para o exterior via a caixa de escadas, impedindo que o pudessem fazer duma forma mais rápida, pois apenas pequenas quantidades podiam ser transportadas de uma vez, de forma a não condicionar o estado da caixa de escadas, preservando-a. Era a única opção de saída de todo o material considerado lixo. Mais tarde, já na fase de tratamento do soalho, concluiu-se que seria mais económico substituir todo o soalho (e assim foi feito) do que tratar o existente e substituir as partes degradadas, fazendo com que todo o processo de limpeza inicial da casa pudesse ter sido 3 vezes mais rápido, poupando tempo, trabalho e dinheiro, ao transportar todo o entulho não pela pequeno espaço da caixa de escadas, mas pelo interior da casa, nos espaços entre as vigas.

“No início, para arrumar o todo o entulho pela escada perdemos muito tempo e gastou-se muito dinheiro. Devíamos ter limpo logo todo o soalho”, disse Filipe Pacheco

“o segredo duma obra está em gerir”

Manuel Pacheco, empreiteiro da obra, fotógrafo e pai do proprietário



Após concluir a fase de limpeza, começou a avaliação sobre que madeiras estruturais, vigas, estavam demasiado degradadas, que madeiras poderiam ser aproveitadas e que madeiras precisariam apenas dum reforço (Fig 132, 133 e 134).

Apesar de inicialmente o estado da maioria das vigas parecer demasiado degradadas, visto que para quem não tinha experiência em analisar esses elementos/materiais, tudo parecer “*velho e estragado*”⁶ (disse Filipe) foi possível recuperar mais de 70% das vigas. Demorou-se mais tempo em pesquisa de técnicas e produtos para aplicar neste tipo de estrutura do que propriamente no ato, contudo essa pesquisa foi fundamental e economizou em muito a obra, pois muitos avaliadores disseram ser impossível aproveitar as vigas, sendo necessário uma nova estrutura, que iria encarecer em muito a obra, no entanto foi encontrada uma solução mais rápida, mais económica e no fundo mais eficaz. As vigas que se apresentavam demasiado degradadas (fig. 132), principalmente em pontos que era notório o efeito da humidade, foram substituídas por vigas novas de madeira. Foi essencial não mudar o material da estrutura, e seguir o tipo de construção que a casa apresentava.

Muitas vigas apresentavam-se deterioradas apenas numa das extremidades, em contacto com a parede. Nestes casos, usou-se um reforço, também em madeira. Em todas as vigas aproveitadas foi usado um produto “Microtech Dual”, um inseticida de efeito duplo utilizado tanto para tratar apodrecimento nas madeiras (provocado pela humidade), assim como para combater os bichos da madeira como as térmitas ou o caruncho. Concluía-se a recuperação da estruturada casa.

Fig. 132, 133 e 134 - Estado das madeiras estruturais antes da construção [Fotos do autor]

6 - Filipe Pacheco, proprietário

7 - Manuel Pacheco, pai do proprietário, fotógrafo profissional e empreiteiro da obra.

Após esta fase, todos os problemas da obra foram relacionados com escolha de materiais (ver capítulo 14, volume II) e técnicas, que por vezes interferiram no projeto da DOT (ver capítulo 16, volume II), mas que no entanto não passaram de pormenores que tiveram de ser compreendidos e aceites uma vez que a prioridade estaria sempre relacionada com o valor monetário e a qualidade do produto.

Passados 14 meses desde a aquisição do prédio, a obra estava terminada (dos quais fazem parte 3 meses em que esteve parada por motivos financeiros), apesar de o proprietário ter previsto uma duração inicial para a obra de 8 meses: *“Pensei que a obra duraria 8 meses. Demorou 1 ano e 2 meses.”*⁸

Questionando o Filipe Pacheco sobre quais os aspetos mais difíceis desde a compra do prédio é possível entender que muito tempo e trabalho por parte dele foi aplicado naquele espaço. *“Por vezes chegava a casa todo sujo, ao que os meus pais diziam que eu parecia um trolha e não um médico. Mas estou satisfeito com o que foi feito, aprendi muito e a ajuda de todos foi imprescindível”*.

O “empreiteiro” da obra, Manuel Pacheco, concluiu que o mais importante nestes meses *“foi acreditar no projeto e conseguir concretizá-lo em tempo record”, “até de noite íamos para lá trabalhar e os vizinhos reclamavam”*.⁹

A obra teve um custo total de 330.000 euros, incluindo o valor da compra do prédio.

8 - Filipe Pacheco, proprietário

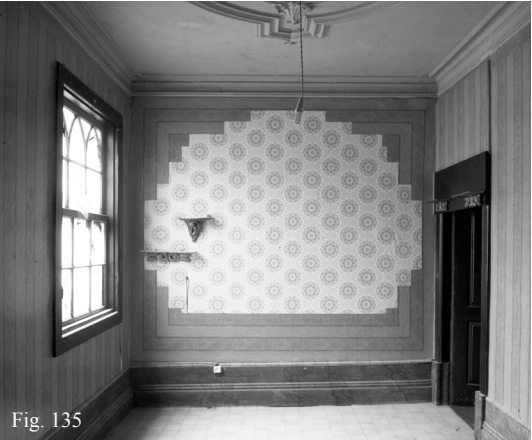
9 - Manuel Pacheco, pai do proprietário, fotógrafo profissional e empreiteiro da obra.

17.1 Acompanhamento fotográfico da obra



Fig. 135 - Quarto no terceiro piso, antes da reconstrução
Fig. 136 e 137 - Primeira fase de construção
Fig. 138 - Segunda Fase de construção
Fig. 139 - Resultado final
Fig. 140 - Caixa de escadas, antes da reconstrução
Fig. 141 - Primeira fase de construção
Fig. 142 - Segunda fase de construção
Fig. 143 - Resultado final

[Fotos do autor]



17.1 Acompanhamento fotográfico da obra



Fig. 144 - Alçado tardoz, antes da reconstrução
Fig. 145 - Primeira fase de construção
Fig. 146 - Segunda Fase de construção
Fig. 147- Resultado final
Fig. 148 e 149 - Claraboia, antes da reconstrução
Fig. 150 e 151- Primeira fase de construção
Fig. 152 - Segunda fase de construção
Fig. 153, 154 e 155 - Resultado fina
Fig. 156 - Varandas alçado tardoz, antes da reconstrução
Fig. 157 - Primeira fase de construção
Fig. 158 - Segunda Fase de construção
Fig. 159- Resultado final

[Fotos do autor]



Fig. 148



Fig. 149



Fig. 150



Fig. 151



Fig. 152



Fig. 153



Fig. 154



Fig. 155

Fig. 1460- Apartamento, antes da reconstrução
Fig. 162 - Primeira fase de construção
Fig. 161- Resultado final

[Fotos do autor]



Fig. 163 e 167 - Apartamento, antes da reconstrução

Fig. 164 e 168 - Primeira fase de construção

Fig. 165 e 169 - Segunda fase de construção

Fig. 166 e 170 - Resultado final

[Fotos do autor]



18 Legalização

Enquanto estudante de arquitetura, é difícil por vezes aperceber-se dos requerimentos necessários para a legalização de uma obra, sendo muitas das vezes algo destinado a alguém responsável apenas por isso. No entanto, numa obra em que o fator económico era um dos mais importantes, a legalização da obra ficou ao cargo do proprietário e do arquiteto.

O primeiro aspeto legal a resolver, tendo em conta que era pretendido criar diferentes áreas habitacionais no mesmo prédio, foi o de constituir o prédio em propriedades horizontais, de modo a poder-se dividir em frações autónomas, nomeadamente apartamentos, tendo a caixa de escadas, o rés-do-chão e o jardim como espaço de acesso comum a todo o prédio. Foi necessário um levantamento detalhado de todo o prédio, especificamente de cada fração autónoma (ver plantas chamadas de originais no início deste volume), assim como o valor relativo de cada fração em relação ao valor total do prédio em percentagem ou permilagem, e o fim a que se destina cada fração.

O segundo aspeto correspondia a um problema legal no acrescento que existe na parte tardoz do edifício principal, correspondente ao nº 135 da rua. Assim como mencionado no último parágrafo do capítulo 2.2 memória descritiva, este, aquando da compra, não se apresentava de acordo com a documentação existente na Câmara do Porto, notando-se que existiu uma intervenção, prévia à compra, sem conhecimento da mesma. Originalmente este pequeno edifício apresentava cobertura inclinada e a mesma área que tem no projeto atual, contudo, quando o proprietário o adquiriu, este apresentava uma cobertura praticável e uma área superior à atual, cobrindo por completo o espaço designado como logradouro. Assim no projeto atual foi decidido manter a cobertura praticável, pois seria mais económico não alterar esta estrutura e arquitetonicamente aproveitaria mais espaço exterior, e diminuir a área do pequeno edifício como estava originalmente, recuperando o espaço logradouro.

Como tal foi necessário uma legalização deste espaço, que passou por uma fiscalização inicial e final, com a devida documentação das alterações entregue na câmara.

O terceiro aspeto legal correspondeu ao licenciamento da propriedade como alojamento local. De acordo com a Portaria n.º 517/2008 de 25 de Junho do Diário da República, *“são considerados estabelecimentos de alojamento local as moradias, apartamentos e estabelecimentos de hospedagem que, dispondo de autorização de utilização, prestem serviços de alojamento temporário, mediante remuneração, mas não reúnam os requisitos para serem considerados empreendimentos turísticos. De acordo com o n.º 2 do mesmo dispositivo legal, esses estabelecimentos devem cumprir os requisitos mínimos de segurança e higiene definidos por portaria conjunta dos membros do Governo responsáveis pelas áreas do turismo e da administração local.”*

Estabelecer a propriedade como alojamento local foi um processo consideravelmente fácil, pois a casa já apresentava a maioria dos requerimentos de segurança e higiene, de tal forma que foi apenas garantir os restantes em falta e entregar a documentação na Câmara.

g

DOT, AN IDEA, A STRAT

Atualmente os meios de comunicação têm lançado iniciativas de concursos para divulgar trabalhos/ideias/projetos de qualquer pessoa: os chamados concursos de ideias. Este ciclo revolucionário de anunciar uma simples ideia, de forma a angariar futuros investidores que a tornem realidade começou há mais anos do que parece, em 1984, com a fundação da associação sem fins lucrativos TED (technology, entertainment, design). No mesmo ano que em o mundo era surpreendido pelo revolucionário primeiro computador Macintosh da Apple, as ideias futurísticas ganharam força para serem expostas e as conferências TED foram o meio de ligação entre o mundo das ideias e o mundo real. O objetivo da associação era, através de conferências, apresentar “ideias que merecem ser disseminadas”, disse a própria organização. Esta associação ficou reconhecida na Europa apenas nos últimos anos e foi com a criação do TEDx, um programa mais independente direcionado a qualquer um, que se espalhou ainda mais pelo mundo, suscitando a “moda” de ajudar a concretizar uma boa ideia, seja quem a tivesse.

No início do ano 2012, a Universidade do Porto lançou o concurso de ideias iUP25k. Visto estar relacionado com a Universidade do Porto, enviou-se uma proposta da DOT de forma a incentivar uma pesquisa pormenorizada sobre o quanto poderia crescer esta ideia, se seria viável ou não, e também pela experiência em si do concurso. Foi criado um video demonstrativo e explicativo do que seria a DOT.¹⁰

Apesar de as obras na casa em estudo ainda só terem começado à cerca de um mês, não existindo assim um modelo já construído da DOT, considerou-se interessante a competição e decidiu-se apresentar a DOT. As respostas foram muito positivas notou-se a facilidade em perceber que o produto responderia rapidamente à sociedade atual. No entanto, a falta de conhecimentos de marketing, empreendedorismo, investimento, potencial de vendas e qualquer outro setor das áreas comerciais, criaram dúvidas se resultaria no mercado atual:

“Esta ideia inovadora, endereça um dos problemas das sociedades modernas que se prende com o urbanismo e a falta de espaço. Poderá conter algumas barreiras à entrada e revelar algumas dificuldades de implementação, pelo que é essencial analisar a viabilidade do projeto e a sua real criação de valor. Caso os resultados demonstrem a singularidade da ideia, recomenda-se a definição de uma estratégia de posicionamento junto dos potenciais consumidores, em especial no mercado externo.”¹¹

10 - URL do video: <http://tv.up.pt/videos/7B6FpMwa> ou se escrito numa pesquisa Google: “DOT house”

11 - Avaliação realizada pela consultora Maksén, de acordo com o regulamento do concurso The Next Big Idea.

g

DOT, UMA IDEIA, UM COMEÇO



Fig. 171

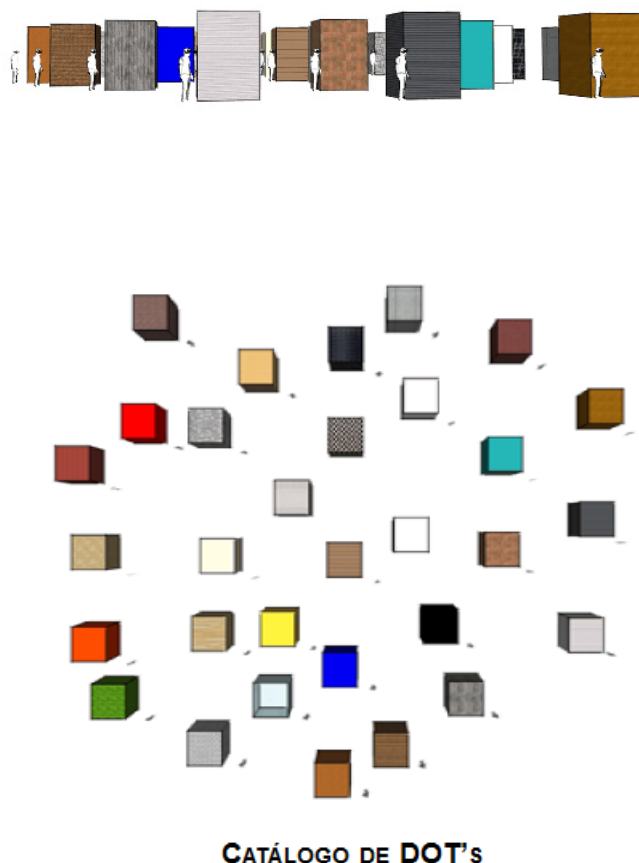


Fig. 172

Foi uma experiência muito importante para se perceber a complexidade do mundo atual, principalmente quando qualquer área cada vez mais se liga ao marketing e gerência. Apresentar algo criado por nós é importantíssimo para se aprender a lidar com estratégias de argumentação e um projeto arquitetônico passa muito por isso. Ter o poder de convencer o cliente das ideias por nós, arquitetos, criadas é um fator essencial na sociedade atual, em que existe uma saturação de serviços e a concorrência é cada vez maior. As pessoas são cada vez melhores no que fazem e qualquer área tem de aprender a lidar com isso, devendo procurar críticas, positivas e negativas, e conselhos para saber crescer.

Fig. 171 - Logotipo utilizado na participação dos diferentes concursos

Fig. 172 - “Catálogo de DOT's”, Representação da ideia da possibilidade de personalizar a DOT ao gosto de cada um. Imagem retirada do vídeo promocional da ideia.

h

CONCLUSION

h

CONCLUSÃO

O caso de estudo investigado nesta dissertação é suscetível de inúmeras interpretações, assim como a arquitetura, e arte pressupõe. Os métodos de análise e compreensão passam pelo aglomerar de experiências, educação, cultura, de um modo geral, vivências de cada um. No entanto, torna-se comum as diversas condicionantes num projeto destes, relacionadas em grande parte com a cidade em questão.

De modo a criar bases conceptuais livres de quaisquer juízos de opinião, procurou-se interiorizar o leitor com as problemáticas associadas às formas de habitar, relativas ao indivíduo do presente, e por sua vez, ao indivíduo futuro, gerido pelas tecnologias, pelo mundo do trabalho, pela comunicação e liberdade.

Relativamente ao indivíduo concluiu-se que representa uma sociedade formada, culta, cada vez mais conhecedora de qualquer aspeto refletor na sua vida, capaz de habitar sozinho por escolha própria, optando por um estilo de vida gerido em grande parte pelas necessidades da atividade laboral. A facilidade de comunicação, proporcionada pelo avanço tecnológico, facilita as interações sociais, atrasando por sua vez a necessidade de constituir família. Adicionalmente, o indivíduo adapta-se cada vez mais à ideia temporária de um lugar, sujeitando-se a mudanças repentinas na sua vida, principalmente no que respeita a noção de lugar, aspeto proporcionado pela facilidade atual de viajar.

Assim, torna-se imprescindível preparar os espaços habitacionais para este tipo de comportamento, principalmente quando esses espaços foram construídos segundos outros valores, outros estilos de vida, outra cultura e outra época, como é o caso dos edifícios históricos de uma cidade.

Através do caso de estudo, procurou-se mostrar de que forma a sociedade tecnológica se reflete no interior de um espaço habitacional. Escolheu-se uma casa burguesa no Porto, tanto pela sua arquitetura, repleta de características de outra época, como também por ser uma cidade acolhedora duma sociedade jovem, estudantil, que se identifica com os valores descritos no parágrafo anterior.

Identificando a clara diferença entre a arquitetura burguesa e a sociedade atual, procurou-se através do projeto apresentado no segundo volume, propor uma solução que não prejudicasse o espaço histórico da casa burguesa e ao mesmo tempo incorpora-se as características necessárias para uma habitação contemporânea, nomeadamente: flexível, adaptável, dinâmico, funcional, prático e, talvez considerada uma apreciação pessoal, simples.

O processo de construção do espaço proporcionou transformar uma ideia conceptual em algo físico. Através do acompanhamento da obra, conseguiu-se também expor as dificuldades em intervir num espaço histórico, tanto pelo valor elevado do custo da reabilitação de certos elementos, como pela dificuldade em concretizar alguns aspetos iniciais do previsto no projeto.

O resultado da obra não pretende concluir uma investigação, mas sim abrir portas para futuras análises e intervenções. É importante destacar o facto de muitas das decisões tomadas terem sido por motivos financeiros, no entanto passa pela criatividade de cada um conseguir reunir soluções que respondam aos determinados critérios, incluindo esse. Assim, usando esta obra como exemplo, pretende-se enunciar os erros e problemas que poderão surgir em futuras intervenções, de modo a antecipadamente se projetar tendo isso em conta.

Após 3 meses da conclusão da obra, observou-se a reação de quem já teve a possibilidade de habitar a casa burguesa em questão, obtendo-se uma resposta positiva relativamente ao espaço habitacional que se propõe. A flexibilidade e funcionalidade são uns dos fatores que mais agradam os moradores, contudo já foi possível perceber quais os aspetos que menos resultaram, ou que se encontram em falta, nomeadamente, coisas concretas como a falta de um suporte, estilo mesa-de-cabeceira, a servir de apoio à cama.

Tendo em conta estas reações o estudo mais aproximado a algumas necessidades de detalhe é imperial num próximo estudo deste tipo de habitação.

De um modo geral, o projeto respondeu às expectativas não só pelo resultado final, como pela apreciação de diversas pessoas envolvidas no processo.

i

BIBLIOGRAPHY

i

BIBLIOGRAFIA

AAVV_A+T (1998), “Housing and flexibility”, vol. 12

APPLETON, João (2007), “Reabilitação urbana e tecnologias de intervenção” em *Arquitetura Ibéria* nº19

BARATA, Teresa Salgueiro (1992), “A cidade em Portugal: Uma geografia urbana”, Edições Afrontamento, Porto

BENJAMIN, Walter. (1985) “Obras escolhidas.” São Paul: Brasiliense.

CASTRO, Maria (2008), “Reabitar no Porto”, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

COIMBRA, Eugénio, ROMÃO, Luís, “O processo de projeto na reabilitação: a casa burguesa do Porto”, Artigo da Faculdade de arquitetura da Universidade técnica de Lisboa

Comissão Europeia, Direção geral Política Regional (2007), “A situação das Cidades Europeias: Relatório de síntese”

CORREIA, João (2001), “Transformar, Habitar – A construção do Lugar” em *Jornal dos Arquitetos* nº 203

COSTA, Daniela (2002), “Loft Living: A contemporaneidade de uma forma de habitar”, Trabalhos académicos, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

ELEB-VIDAL, Monique, “La Flexibilidad como dispositivo”, *Quaderns*, nº 202

FERNANDES, Fátima, CANNATÀ, Michele (2001), “Arquitetura portuguesa contemporânea 1991-2001”, ASA, Porto

F

ERNANDES, Francisco Barata (1996), “Transformação e Permanência na Habitação Portuense: As formas da casa na forma da cidade”, Dissertação de doutoramento em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

FERNANDEZ-ALONSO, Ramón “A habitação atual não existe” em *Arquitetura Ibérica* nº16”

FERRARIA, Maria (2000), “Percursos Burgueses na Cidade do Porto 1910-1926”, Trabalho académico da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

FERRÃO, Bernardo (1997), “Projecto e Transformação Urbana do Porto na Época dos Almadás, 1758-1813” FAUP publicações, Porto, p.219

FORTUNA, Carlos (2006), “Centros históricos e Patrimónios Culturais Urbanos: Uma avaliação e duas propostas para Coimbra”, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

- FUERTES, Magda (2009), “As formas de habitar”, *Arquitectura Ibérica* nº 32
- GAUZA, Manuel (1998) “Housing – New Alternatives, New Systems”, Actar, Barcelona
- GIGANTE, José (2007), “Implicações arquitectónicas: Do projecto à obra.” Porto
- GONÇALVES, Rui (2012), “A reabilitação face à sustentabilidade”, Trabalho académico Universidade Lusófona Porto
- GONZALEZ, Xavier, (1998) “Vivenda y flexibilidad”, *A+T*. 12, Vitoria-gasteiz
- HEIDEGGER, Martin, (1951) “Bauen, wohnen, denken” / (1994) “Construir, habitar, pensar”. em Conferências y artículos. ediciones del serbal, Madrid
- JUNESTRAND, Stefan, TOLLMAR, Konrad, “Dwelling as a place for work”, Departamento de Arquitectura, Design e Tecnologia, Royal Institute of Technology, Estocolmo
- KOEHLER, Mariana (2010), “Colónia Operária Viterbo de Campos: Do reconhecimento à estratégia de intervenção”, Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
- KOOLHAS, Rem (1998), “S, M, L, XL”, The monacelli press, Nova Iorque
- LAMEIRA, Gisela “O habitante na arquitectura”, *Arquitectura Ibérica* nº 16
- LAUWE, Paul-Henri, LAUWE, Marie-José (1965), “A evolução contemporânea da Família: estruturas, funções, necessidades”, Lisboa, artigo original publicado na *Revue Française de Sociologie*, 1950
- Le Corbusier, (1953) “El Modulor 2”, Poseidon, Buenos Ayres.
- Le Corbusier , (2000) “Por uma Arquitectura”, 6ª Edição, Editora Perspectiva, São Paulo
- LOPES, João Teixeira (1999), “Do porto românico à cidade dos centros comerciais”, Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- LOPES, Nuno Valentim (2006), “Reabilitação de caixilharias de madeira em edifícios do século XIX e início do século XX”, Dissertação de mestrado em reabilitação do património edificado, Faculdade de engenharia da Universidade do Porto
- MEIRELES, Henrique (2006), “Identidade e metamorfose : transformações da imagem da casa burguesa do Porto”, Trabalhos académicos, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
- MENEGUELLO, Cristina (2000), “A preservação do património e o tecido urbano. Parte 1: A reinterpretação do passado histórico”, *arquitectos* 003.05

MENDES, Maria, CANDEIAS, Amável, MAGALHÃES, Alexandra “A Evolução recente da família na área metropolitana do porto”, Estatísticas e Estudos Regionais nº14, Universidade de Évora

MILHAZES, Fábio (2010), “O reflexo da contemporaneidade na reabilitação do edificado corrente portuense”, Trabalhos académicos, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

MOTA, Nelson (2006), “A arquitectura do quotidiano”, Dissertação de mestrado, Faculdade de ciências e tecnologia da Universidade de Coimbra

NAVARRO BALDEWEG, Juan (2001) “La habitación vacante”, ed. pre-textos, Girona

NEVES, Diana (2012), “O projeto doméstico : a evolução da terminologia do programa da casa”, Trabalhos académicos, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

NORBERG-SCHULZ, Christian. (1980) “Genius loci. Towards a phenomenology of architecture”, Academy Editions, Londres.

OLIVEIRA, Ernesto, GALHANO, Fernando, (1986), “Casa esguias do porto e sobrados do recife” Pool. Ed., Recife

PARRA BAÑÓN, José Joaquim (2004), “Pensamento Arquitectónico Na Obra de José Saramago: Acerca da Arquitectura da Casa”. Caminho, Lisboa

PEIXOTO, Paulo Jorge Marques (2006), “O passado ainda não começou. Funções e estatuto dos centros históricos no contexto urbano português”, T.D. em sociologia. Coimbra: Faculdade de Economia da U. Coimbra.

PEREIRA, Diogo (2011), “A evolução da Habitação de interesse social no Município do Porto”, Dissertação de Mestrado em Economia e gestão das cidades, Faculdade de Economia, Porto

PIRES, Maria (2000), “A rua Álvares Cabral : 1895-1940 : formas de habitar”, Trabalhos académicos, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

PONTES, João (2009), “Tardoz: Projecto, construção e vivência da fachada posterior da casa burguesa portuense”, Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Portaria n.º 517/2008 de 25 de Junho do Diário da República

PÓVOAS, Rui, TEIXEIRA, Joaquim (2010), “Propostas de metodologia de intervenção para a reabilitação do património urbano edificado: As casas burguesas do Porto – Coberturas”, Artigo de investigação para o Encontro Nacional: Conservação e Reabilitação de Estruturas

Prémio IHRU (2011), Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, Lisboa

RAMOS, Rui (2002), “A nossa casa, 44, piso 12, ap. 136: dois pontos para outras formas de habitar”, Jornal Arquitectos, 205, Lisboa

REIS, José (2011), “Regulamentação versus reabilitação: Aplicação à casa burguesa do Porto”, Trabalhos académicos, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

ROCHA, Luciana (2007), “Inovação e continuidade na casa burguesa portuense : oito casos de estudo”, Trabalhos académicos, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

RUSSELL, Filipe (2009), “Memória e transformação: reabilitação e recuperação arquitectónica da quinta de Carrazedo”, Prova final para Licenciatura em Arquitectura, Universidade do Porto

SILVA, Maria (2010), “As social as Possible, as soon as possible: habitação a custos controlados em Portugal”, Dissertação de mestrados, Faculdade de ciências e tecnologia da Universidade de Coimbra

TAVORA, Fernando. (1947) “O problema da Casa Portuguesa. Cadernos de Arquitectura.” Editorial Organizações Lda. Lisboa

TEIXEIRA, Joaquim (2004), “Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os Séculos XVII e XIX”, Trabalho Académico, FAUP, Porto

TRAMONTANO, Marcelo (1998), “Habitações, metrópolis e modos de vida: por uma reflexão sobre a habitação contemporânea.” Texto premiado no 3º Prémio Jovens Arquitetos: Primeiro Lugar na categoria Ensaio Crítico. São Paulo: Instituto dos Arquitetos do Brasil - SP / Secretaria de Estado da Cultura

TRAMONTANO, Marcelo “Habitação, hábitos e Habitantes: Tendências contemporâneas metropolitanas”

VÁZQUEZ, Isabel (1992), “Crescimento urbano e suburbanização no Grande Porto: uma perspectiva relacional”, *Análise Social*, vol. 115

VIEIRA, Sara (2000), “Reciclar Arquitecturas: experiência da habitação contemporânea na reutilização da arquitectura”, Trabalhos académicos da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

UNESCO (novembro 1976), “Recomendação de Nairóbi”, 19ª sessão da Conferência geral da organização das Nações Unidas, Nairóbi

<http://www.portovivosru.pt>

<http://www.ofeliz.pt>

<http://portoarc.blogspot.pt/>

<http://repositorio-aberto.up.pt/>

<http://www.vitruvius.com>

<http://arquitectos.pt/>

<http://www.ine.pt> (Instituto Nacional de estatísticas)

<http://www.portaldocidadao.pt>

<http://www.cm-porto.pt/>

<http://www.google.pt/>

